

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

Comunicação Visual Design

TCC

**Como configurar seu aspirador de pó NSX-3000 ou
Design do Absurdo: estratégias de sentido aplicadas
ao Nonsense**

Luã Willmer Angelo

Orientadora: Elizabeth Jacob

2018.1

RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES
COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN

**Como configurar seu aspirador de pó NSX-3000 ou
Design do Absurdo: estratégias de sentido aplicadas
ao Nonsense**

Trabalho de Conclusão de
Curso de graduação, apresentado à
disciplina Monografia e Projeto de
Graduação, do curso de Comunicação
Visual Design da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel.

LUÃ WILLMER ANGELO

Orientadora: Prof^a. Dra. Elizabeth Jacob

RIO DE JANEIRO

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE BELAS ARTES

TERMO DE APROVAÇÃO

RIO DE JANEIRO
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

A584c Angelo, Luã
 Como configurar seu aspirador de pó NSX-3000 ou
Design do Absurdo: estratégias de sentido aplicadas
ao Nonsense / Luã Angelo. -- Rio de Janeiro, 2018.
 97 f.

 Orientadora: Elizabeth Jacob.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design,
2018.

 1. Nonsense. 2. Absurdo. 3. Fluxus. 4. Design de
personagens. 5. Humor. I. Jacob, Elizabeth, orient.
II. Título.

Dedico este trabalho ao criador da tomada de três pinos.

Esse infeliz.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minha avó Elizia Procópio, pelos bolos de meia-noite, pelo Nescau com açúcar na caneca de manhã, pelas anedotas cujo meio ela não se lembrava mas contava mesmo assim. Por tanto mais que isso. Por mostrar tão claramente a prioridade que as pessoas que amamos devem ter nas nossas vidas. Por fazer tanta falta, pelo único motivo realmente justificável.

À minha mãe Márcia Willmer, que sempre norteou minhas atitudes por meio de seu exemplo de compreensão, gentileza e virtude. Que sempre acreditou no meu potencial, fez dos estudos uma prioridade e incentivou todas as empreitadas que me dispus a participar.

À minha eterna namorada Nathália Ronfini, cuja paciência sem precedentes eu testei, pelo apoio e companheirismo em todas as horas. Por frequentemente ser o farol que admiro e sigo, *rowing my boat gently down the stream*. Por ser a certeza quando eu era dúvida.

Ao meu pai Pedro Angelo por sempre dizer que eu deveria ser estudioso como minha mãe sem, contudo, deixar de demonstrar que a inteligência e criatividade se apresentam de muitas formas.

Aos meus avós Carlos Angelo e Iza Anchieta Angelo por todo o carinho e atenção que sempre me prestaram. Pelo cuidado em ensinar que o amor se manifesta de muitas maneiras, seja num pedido de coçar as costas seja numa oração.

Aos amigos, Felipe Ronfini, Frederico Castelões, Leonardo Jordão, Mariana Salles e Renato Pires por eu sempre poder contar com vocês.

Aos irmãos em academia Adalberto Alves, Caick Carvalho e Heitor Dias Facco, por compartilharem com leveza e bom humor a caminhada. À Mariana Loyo pela sua fé, seu bom-senso e, principalmente, sua fé no bom senso. À Srta. Andressa Liebermann, por existir.

Aos amigos que fiz no Senac Departamento Nacional, em especial Aline Amaro, Ana Cristina Bittencourt e Sandra Regina por ensinarem como o compromisso com a excelência profissional e afeto funcionam bem juntos.

Ao Ravel, buldogue francês que compartilha a idade dessa graduação, por me acompanhar nas madrugadas transpassadas por trabalhos, gerando ao toque uma alergia intensa que me impedia de dormir.

Aos funcionários da UFRJ Kátia Manhães e Marcos Cadena, pela paciência, carinho e atenção endereçados ao nosso bem-estar emocional e acadêmico.

À professora Elizabeth Jacob por saber guiar o caminho entre a ansiedade produtiva e o ostracismo criativo. Por saber lapidar em 60 minutos os objetivos acadêmicos que semanas de monólogos internos não foram capazes. Por tornar o universitário um bacharel. Mas principalmente pelo carinho e sorriso sempre radiantes na dura tarefa de orientar os desorientados.

Ao professor Carlos Azambuja por ensinar que se você não está se divertindo enquanto trabalha, algo não está indo bem. Ao professor Marcelo Ribeiro pela orientação no programa Jovens Talentos para a Ciência e o prazeroso desenvolvimento do trabalho sobre Concept Art de personagens. Ao professor Armando Pereira do Nascimento Filho, por me ensinar a relação entre a espontaneidade de uma reação química e a velocidade com que ela ocorre, a importância da Extensão Universitária e a mentoria na primeira metade da trajetória acadêmica.

Agradeço finalmente à Deus, dentre outras coisas, pela minha péssima memória. Por conta disso, à todos que estiveram lá naquele momento que compartilhamos e que foi bom, mas não mencionei aqui.

Obrigado. Muitíssimo obrigado.

*“Eu tô te explicando, pra te confundir
Eu tô te confundindo, pra te esclarecer”*

(Tô - Tom Zé)

ANGELO, Luã Willmer. **Como configurar seu aspirador de pó NSX-3000 ou Design do Absurdo**: estratégias de sentido aplicadas ao Nonsense. 2018. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Comunicação Visual Design. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Luã Willmer Angelo, 2018.

RESUMO

Aprofundar o olhar sobre o Nonsense é suspender o véu sobre a metalinguagem do Sentido. O Nonsense, mais do que mera subversão do Sentido, mais do que uma simples negação do Sentido (um Não-Sentido), apresentou-se na história como gênero artístico (no Dadaísmo e posteriormente no Surrealismo e Pop Art) e literário (na fantasia de Lewis Carroll e no Teatro do Absurdo) além aparecer como tema de discussão na filosofia (Existencialismo, Nihilismo e Absurdismo). Tentando responder a angústia humana frente a falta de uma resposta absoluta sobre o sentido da vida, o universo e tudo mais, ainda permeia nossas produções artísticas vastamente. Por meio da observação de obras produzidas sob esse direcionamento, buscou-se encontrar elementos e estruturas comuns que pudessem apontar possíveis clichês, assim como permitir uma classificação básica das formas como o Nonsense se apresenta. Finalmente, utilizando-se dos padrões encontrados durante a pesquisa, foi montado um Kit de iniciação ao Nonsense, uma maleta que faz referência direta às caixas Fluxus (do grupo Fluxus, fundado por Georges Maciunas entre outros) e que contém elementos derivados do desenvolvimento de conceitos relativos ao Nonsense.

Palavras-chave: Nonsense; Absurdo; Fluxus; Design de Personagens; Humor.

ANGELO, Luã Willmer. **How to set up your vacuum cleaner NSX-3000 or Design of Absurd**: sense strategies applied to Nonsense. 2018. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Comunicação Visual Design. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Luã Willmer Angelo, 2018.

ABSTRACT

Deepening the gaze on Nonsense is suspending the veil over the metalanguage of Sense. Nonsense, more than a mere subversion of the Sense, more than a simple negation of Sense (a No Sense), presented itself in history as artistic genre (in Dadaism and later in Surrealism and Pop Art) and literary (in the fantasy of Lewis Carroll and in the Theater of the Absurd) besides appearing like subject of discussion in the philosophy (Existentialism, Nihilism and Absurdism). Trying to respond to human anguish in the face of a lack of an absolute answer about the meaning of life, the universe, and everything, still permeates our artistic productions vastly. Through the observation of works produced under this direction, it was sought to find common elements and structures that could point out possible clichés as well as to allow a basic classification of the forms as Nonsense presents itself. Finally, using the patterns found during the research, a Nonsense Initiation Kit was set up, a briefcase that refers directly to the Fluxus boxes (from the Fluxus group, founded by Georges Maciunas, among others) and which contain elements derived from the development of concepts related to Nonsense.

Keywords: Nonsense; Absurd; Fluxus; Character Design; Humor.

LISTA DE GRÁFICOS

Uncanny Valley.....	13
---------------------	----

LISTA DE SIGLAS

GPS	Global Positioning System
UFF	Universidade Federal Fluminense
YTPBR	YouTube Poopers Brasil

LISTA DE SÍMBOLOS

π Proporção entre o diâmetro e o perímetro de uma circunferência, aproximadamente 3,14 vezes menor

SUMÁRIO

1. Introdução	1
1.1 L'amour Est Un Oiseau Rebelle	1
1.2. Une autre oiseau rebelle, qui vit avec les parents.....	3
2. (Des)Construindo o Nonsense.....	5
2.1 Os Sentidos	5
2.2. O Sentido	7
2.3. O Não-Sentido.....	9
2.4. O Absurdo.....	13
2.5. O Irracional	18
3. MetaSentido	23
3.1. Classificando o Nonsense	23
3.1.1. Metacontextual	26
3.1.2. Paracontextual	30
3.1.3. Multicontextual	31
3.2. Horror e Humor.....	35
4. Kit de Iniciação ao Nonsense.....	39
4.1. A maleta.....	43
4.2. O Disco	51
4.3. O Cartão.....	55
4.4. Os personagens.....	59
4.4.1 Gradiva	61
4.4.2. B. Ananias.....	75
4.4.3. Ed.....	84
5. Conclusão.....	100
6. Referências bibliográficas.....	102

1. Introdução

Na primeira metade deste capítulo serão expostas as motivações pessoais para a criação deste trabalho assim como o porquê de julgá-lo importante. Na segunda metade esboço o objetivo assim como as veredas percorridas em busca dele.

1.1 L'amour Est Un Oiseau Rebelle¹(BIZET, 1875)

"Você precisa arrumar esse quarto"

(WILLMER, Márcia. 2018)

É uma frase que ouvi muitas vezes ao longo da vida. Ainda ouço. Minha mãe, psicóloga, sempre encaminha a conversa na direção de que a desordem externa é uma analogia da desordem interna. E por mais que um quarto arrumado não signifique silêncio das inquietações internas, é uma chance do ruído dar lugar à suave voz do GPS existencial.

¹ O amor é um pássaro rebelde, em livre tradução.

Figura 1: O termo “Nonsense” escrito nas manchas do pescoço da girafa.



Fonte: autoria própria, 2014

O Nonsense sempre esteve presente na minha rotina e escolhas, mesmo antes de saber propriamente nomeá-lo. A primeira vez que vi e realizei o significado do termo foi numa comunidade da finada rede social Orkut. Algo de nome como “Macacos da luta-livre na gelatina e outras coisas nonsense”. Talvez também fizesse referência à anões e um fusca, não é mais possível saber pois o Google apagou os registros que ainda mantinha no final do ano de 2016 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017). A imagem de perfil da página era composta por dois chimpanzés de sunga, perto de uma poça azul de gelatina. A insanidade e humor presentes nos cartoons que eu tanto adorava agora tinham um nome específico.

Finalizar o curso de Comunicação Visual Design com essa temática coroa toda uma série de gostos pessoais, a curiosidade pelas produções artísticas relacionadas, a satisfação de produzir artisticamente dentro do tema (sem necessariamente um compromisso comercial, que cunha a fronteira entre design e arte) além de, principalmente, ser o tema de maior coerência para alguém que começou a vida universitária num curso de Licenciatura/Bacharelado em Química na UFF.

Aprofundar o olhar crítico sobre o Nonsense possivelmente permitirá entender e replicar as condições nas quais ele é gerado. Uma vez que a inovação parte fundamentalmente de uma sombra lançada sobre a expectativa, na qual o “novo” surge de referências cruzadas daquilo que já conhecemos, podemos assim traçar paralelos entre o Nonsense, a inovação e a própria criatividade. “Inovador” é regra número 1 do “Bom design” (RAMS, [s.d.]).

1.2. Une autre oiseau rebelle, qui vit avec les parents²

*“Faca sem ponta, galinha sem pé”
(PRATA, 1997).*

Como abordar de maneira acadêmica, lógica e estruturada um tema que mora no cerne do “sem pé nem cabeça”? Se o amor é um pássaro rebelde, impossível de domar (BIZET, 1875), seria o nonsense um pássaro da mesma espécie? Podemos considerá-lo uma andorinha punk que se recusou a migrar no verão e ainda mora com os pais, retrato da contradição. Ou podemos dizer que ele é o Pica-pau biruta, da década de 40, do episódio “O rachador” (COSGRIFF; HARDAWAY, 1941). Ou podemos, ainda que pareça irônico/herético, tentar dar sentido ao insensato.

O seguinte trabalho visa entender as questões envolvidas no surgimento do Nonsense em movimentos artísticos, literários e filosóficos, seus reflexos no panorama cultural contemporâneo e a produção de um objeto de arte que contemple as facetas do Nonsense pesquisadas.

² Um outro pássaro rebelde, que mora com os pais.

No livro “Introdução à lógica”, estipula-se como aquilo que se quer definir o *definiendum* e os possíveis significados de *definiens*. São elencadas ainda algumas regras para que uma definição seja concisa sobre aquilo que se quer definir. A regra número 5 para a definição lógica de algo é “Uma definição não deve ser negativa quando pode ser afirmativa.” (COPI, 1978, p. 133)

Ora, ao tratarmos do termo “Nonsense” como o *definiendum*, a atmosfera inerente ao assunto começa a tomar forma, uma vez que iniciam-se as contradições e exceções. Etimologicamente, a raiz “sense” (Sentido) associada ao prefixo “non” por definição nega o sentido de “sentido”.

Portanto, logicamente, construiremos primeiramente uma ideia do que é o “Sentido” para então iniciarmos a jornada em busca de sua contraparte semântica. Em português adotamos diretamente o termo “Nonsense”, como sinônimo de absurdo ou contrassenso, mas também como estilo característico de humor (BERGSON, 1900) e fantasia (OZIEWICZ, 2017).

Após exaurirmos suficientemente de *definiens* nosso *definiendum*, passaremos por uma breve contextualização histórica de onde o Nonsense se fez presente nas produções filosóficas e artísticas. Em que terrenos surgiram o dadaísmo e o surrealismo? Como a Pop Art dá prosseguimento à isso? O sentido das coisas sempre foi uma questão para a “mãe de todas as ciências”, mas quando o Absurdo³, a falta última de sentido da vida (e da morte), é encarado, como a filosofia responde?

Munido de alguns exemplos e buscando os elementos comuns entre eles, é possível propor um sistema classificatório básico para as incontáveis formas sob as quais o Nonsense se apresenta. Por meio de exemplos, também podemos explorar a relação do Nonsense com o humor e o horror.

Finalmente, uma descrição do processo de criação de um “Kit de Iniciação ao Nonsense”, baseado nas caixas Fluxus, do grupo homônimo fundado por George Maciunas, Nam June Paik (ícone da videoarte), Dick Higgins (expoente da *Danger music*) entre outros, assim como dos itens que a compõem.

³ O Absurdo de origem filosófica, presente no trabalho de Albert Camus.

2. (Des)Construindo o Nonsense

No próximo subcapítulo, “Os Sentidos”, aproprio-me da prerrogativa aristotélica de que o mundo é mediado pelos sentidos para iniciar a construção de uma estrutura de sentido que possa ser adequadamente atacada pelo Nonsense. Já o subcapítulo “O Sentido” diz respeito à nossa condição enquanto organismos biológicos que são frutos de milhões de anos de evolução. Buscamos de maneira nata e primordial a sobrevivência e ao desenvolvermos sistemas nervosos, foi possível a projeção de um sentido nas nossas ações, pela primeira vez, literalmente. Em seguida, no subcapítulo “Não-sentido”, falamos sobre a quebra desse sentido recém descoberto. Logo após, no subcapítulo “O Absurdo”, impossível falar de outra coisa que não sobre o maior de todos os absurdos: a guerra. Assim como as respostas artísticas e filosóficas que ela acaba suscitando. Seguindo o cadenciamento de ideias, finalizamos a desconstrução do sentido com a abordagem prática e exemplo matemático de Nonsense, “O Irracional” Pi.

2.1 Os Sentidos

"Nada está no intelecto sem antes ter passado pelos sentidos"
(ARISTÓTELES, [s.d.])

Essa sentença⁴ consegue demarcar a diferença na visão de Aristóteles para a de seu mestre Platão. O mundo sensível de Aristóteles prescinde do Mundo das ideias, sendo tão somente o único mundo possível - por meio da experiência. Pela conveniência narrativa da construção de ideias acerca do Sentido, consideraremos esse paradigma: o mundo é, em última instância, uma experiência totalmente particular na qual a realidade objetiva só existe na medida em que é filtrada e percebida pelos nossos sentidos biologicamente funcionais. Sem considerarmos os sentidos, assim como o modo com que eles nos permitem experienciar a realidade, como poderíamos

⁴ Existem divergências sobre a autoria exata desse aforisma, se seria uma elaboração proposta nas bases do Empirismo já com o próprio Aristóteles ou se teria sido constituído posteriormente por John Locke.

validar a realidade ou mesmo nossa própria existência? Se nunca tivéssemos experienciado os sentidos da visão, audição, tato, olfato, paladar e qualquer estímulo externo perceptível, como seria possível descrever o mundo? A consciência de um ser vivo assim seria particular de uma maneira sem precedentes. Talvez a existência de uma inteligência artificial seja algo compreensível nesse sentido, mas se não houver nenhuma informação anterior sobre linguagem e comunicação, resta apenas o vazio.

Pois bem, os sentidos são indispensáveis para que possamos experienciar o mundo. E o que é essa experiência? Podemos direcionar o pensamento para a validação social⁵, na qual um determinado estímulo e sua definição existem num platô de experiências comparadas por um indivíduo e também por vários indivíduos. Por exemplo, tente pensar em como explicar o amarelo. A maneira como a radiação eletromagnética de 570 nanômetros estimula sua retina, fazendo com que os cones e bastonetes presentes lá enviem sinais elétricos para seu cérebro é um processo, em termos absolutamente criteriosos, particular. O amarelo que você experiencia não é o mesmo que eu experiencio nem o mesmo que ninguém mais experiencia. Ainda assim existe um consenso social sobre o que é o amarelo. E esse consenso nem mesmo é universal: a nomenclatura das cores difere de uma cultura para outra. No livro “*Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*” de 1969, do antropólogo Brent Berlin e do linguista Paul Kay, são comparadas as nomenclaturas de diversos idiomas e culturas para as cores. Berlin e Kay (1969) elencam vários estágios de desenvolvimento e complexidade cultural crescente, nos quais existe um número previsível de termos para as cores básicas. Um termo para “azul”, por exemplo, dificilmente está presente em sociedades pré-industriais (BERLIN; KAY, 1969). O pesquisador inglês William Gladstone, ao analisar em 1858 o poema épico “A Odisseia”, encontra ovelhas e ferro sendo referidos como “violeta”, mel de abelhas como “verde” e o mar como “vinho escuro” (GLADSTONE *Apud* MURANO, 2015). Partindo desse raciocínio e salvas as devidas exceções, teoricamente, um *Homo sapiens sapiens* qualquer, escolhido geográfica e

⁵ Não me refiro aqui ao fenômeno psicológico no qual um indivíduo tende a seguir o comportamento de outros do mesmo grupo mas sim à uma confirmação externa através de um indivíduo par, de que algo não é uma alucinação individual.

temporalmente de maneira aleatória, ao olhar para um arco-íris no céu, seria biologicamente capaz de enxergar todo o espectro de radiação eletromagnética visível. Porém, o número de cores que ele seria capaz de “ver” (considerando o que ele seria capaz de descrever objetivamente) dependeria de sua cultura de origem. Se ele fosse do povo Bassa na Libéria, veria 2 cores, um Shona do Zimbábue veria 4, um europeu ou japonês veria 7 (BOINOD, 2014).

A experiência do sentido da visão é individualmente absoluta, afinal, além de ser “lido” bioquimicamente de maneira única para cada indivíduo, o amarelo não precisa de uma validação externa. Porém, quando surge a necessidade comunicacional e utilizamos da linguagem para nos referirmos à essa experiência única, o contexto cultural passa a ter suma importância.

a experiência cromática serve como fonte não somente para descrever e categorizar objetos do mundo mas, também, para expressar emoções e sentimentos numa comprovação de que o homem conjuga linguagem e sistema visual para falar do mundo exterior e do seu mundo interior.”(MARIA; FARIAS, 2005)

Temos então que, segundo Aristóteles, a capacidade de perceber e experienciar o mundo advém dos sentidos pois estes precedem a formação da própria cognição. Também vimos que os sentidos possuem forte influência do contexto cultural, quando passam de uma experiência sensorial para um termo da linguagem.

2.2. O Sentido

Quarenta e dois⁶ (ADAMS, 2016). Poderíamos encerrar esse capítulo com apenas a primeira sentença. Seria literariamente válido, porém

⁶ 42, segundo o universo literário criado por Douglas Adams na série "O Guia do Mochileiro das Galáxias" é a resposta dada por um supercomputador alienígena construído com o propósito de responder qual o sentido da vida, o universo e tudo mais. O próprio autor revelou o porquê: “A resposta é muito simples. Foi uma brincadeira. Tinha que ser um número, um ordinário, pequeno e eu escolhi esse. Representações binárias, base 13, monges tibetanos são totalmente sem sentido. Eu

consideremos a resposta de Dawkins (1976). O autor elabora a teoria de que a vida orgânica como a conhecemos se desenvolveu em torno da simples perpetuação dos genes. Com o surgimento das primeiras unidades replicantes, em dado momento surgiu a competição por recursos para a perpetuação dessa replicação. Essas unidades replicantes então adotaram estruturas de proteção, como camadas protéicas ao seu redor, por exemplo. E quando, aleatoriamente, surgiu uma estrutura capaz de dissolver outras camadas de proteção protéica e utilizar em benefícios próprio os blocos de construção desta, iniciou-se uma escalada de estruturas de proteção gradativamente mais complexas. Ele chama então essas estruturas de máquinas de sobrevivência. As máquinas de sobrevivência são basicamente tudo o que chamamos de seres vivos. Toda a existência de seres vivos estaria então pautada na proteção, manutenção e perpetuação do genes numa nova geração de réplicas. A crescente complexidade das máquinas de sobrevivência que originaram os animais segue por pontos bem específicos. O desenvolvimento de um mecanismo para a locomoção, evitando assim a assimilação e dissolução por outras máquinas de sobrevivência é um deles, assim como o desenvolvimento de neurônios. Para as circunstâncias de vida das anêmonas marinhas foi suficiente. Para organismos mais complexos, um centro de comando para as ações musculares foi o próximo avanço.

Dawkins (1976) explica que a seleção natural então favoreceu as máquinas equipadas com sensores capazes de traduzir os estímulos externos em sinais nervosos compreensíveis pelo cérebro. O próximo ponto importante na evolução foi a “invenção” da memória, uma vez que as máquinas de sobrevivência poderiam não apenas basear suas ações nos estímulos ambientes imediatos, mas também nos que já se passaram. Munido de memória o organismo agora pode ser capaz de se utilizar da aprendizagem, uma vez que são limitadas as respostas fenotípicas que os genes podem prover para lidar com as muitas variáveis que um organismo pode precisar enfrentar. Os genes podem prover instruções de busca e repetição para coisas agradáveis, como o sabor adocicado assim como de aversão ao desagradável,

sentei à minha mesa, olhei para o jardim e pensei “42 vai funcionar” e escrevi. Fim da história.”(ADAMS *Apud* BIGNELL, 2011)

como o frio. O aprendizado é uma resposta gênica flexível para situações onde esse grupo de genes já não pode gerar contramedidas às ameaças, por estarem lidando com elas de maneira imediata.

A última ferramenta cujas máquinas de sobrevivência possuidoras de memória, sentidos, cérebro e aprendizagem lançam mão é a simulação. Abstrair uma simulação permite ao organismo dar uma resposta mais adequada às provações quando estas realmente acontecerem (DAWKINS, 2007).

Pode-se dizer então que o sentido da existência, ao menos biológico, é a manutenção do ciclo da vida e perpetuação dos genes. Dawkins (1976) apresenta argumentos consistentes no que diz respeito ao porquê dos animais agirem como agem, porque os sistemas de recompensa e os instintos funcionam da maneira que funcionam e porque somos impelidos a realizar ações que favorecem a replicação dos genes. Nesse sentido, uma das ferramentas mais sofisticadas que temos para seguir nas regras gênicas nas quais fomos inscritos e circunscritos é a expectativa.

Em termos evolutivos, faz sentido que busquemos que nossas expectativas sejam atendidas, pois significa que entendemos como a vida (selvagem) funciona e estamos aptos a dar prosseguimento na nobre e última tarefa de manter nossos genes se replicando.

2.3. O Não-Sentido

Uma vez que existe biologicamente um sentido inato na criação de expectativas sobre as situações com que lidamos no mundo, o que acontece quando essas expectativas são frustradas?

O sentido repousa em grande parte sobre a expectativa. O não-sentido sobre a quebra dela. Aquilo que não faz sentido deveria, logicamente, nos causar uma aversão tamanha que poderia se equiparar ao risco de morte. A quebra de expectativa é um problema primordial e aparentemente sem solução, no qual os parâmetros utilizados para a simulação de um determinado cenário não foram corretos e, possivelmente, a seleção natural está prestes a fazer a próxima vítima. Ao longo de centenas de anos essa foi uma

característica que separou os que viviam dos que não. Estamos intimamente ligados a capacidade de gerar expectativas que se cumpram, porque caso não estivéssemos, já teríamos sido retirados do pool genético⁷ há muito tempo.

Analisando a origem da expectativa, esta depende da memória, que por sua vez está relacionada à experiência dos sentidos. O lugar mais coerente para se procurar a origem do que não faz sentido seria então na experiência advinda dos sentidos. Todavia, uma vez que essas experiências são absolutas, só resta como refúgio primeiro do Nonsense a traição dos sentidos. Esta pode ocorrer por duas formas, ora questionando os sentidos ora a memória. A primeira é a referência cruzada de sentidos. De maneira bem simples, é a forma mais básica que o Nonsense pode assumir, na qual a interpretação dos sinais de um sentido geram uma resposta adicional em áreas do cérebro referentes a outro sentido. Essa condição é chamada de sinestesia.

A sinestesia possui o mesmo caráter absolutamente subjetivo dos sentidos percebidos tradicionalmente. Ela se apresenta de várias formas e é única para cada indivíduo. Para a maioria dos que possuem essa condição, ela funciona de maneira unidirecional, por exemplo, estímulos visuais que ativam também sensações sonoras não são causados por estímulos sonoros. Os sinestetas frequentemente se surpreendem quando descobrem que sua forma de perceber o mundo não é universal (GROSSENBACHER; LOVELACE, 2001).

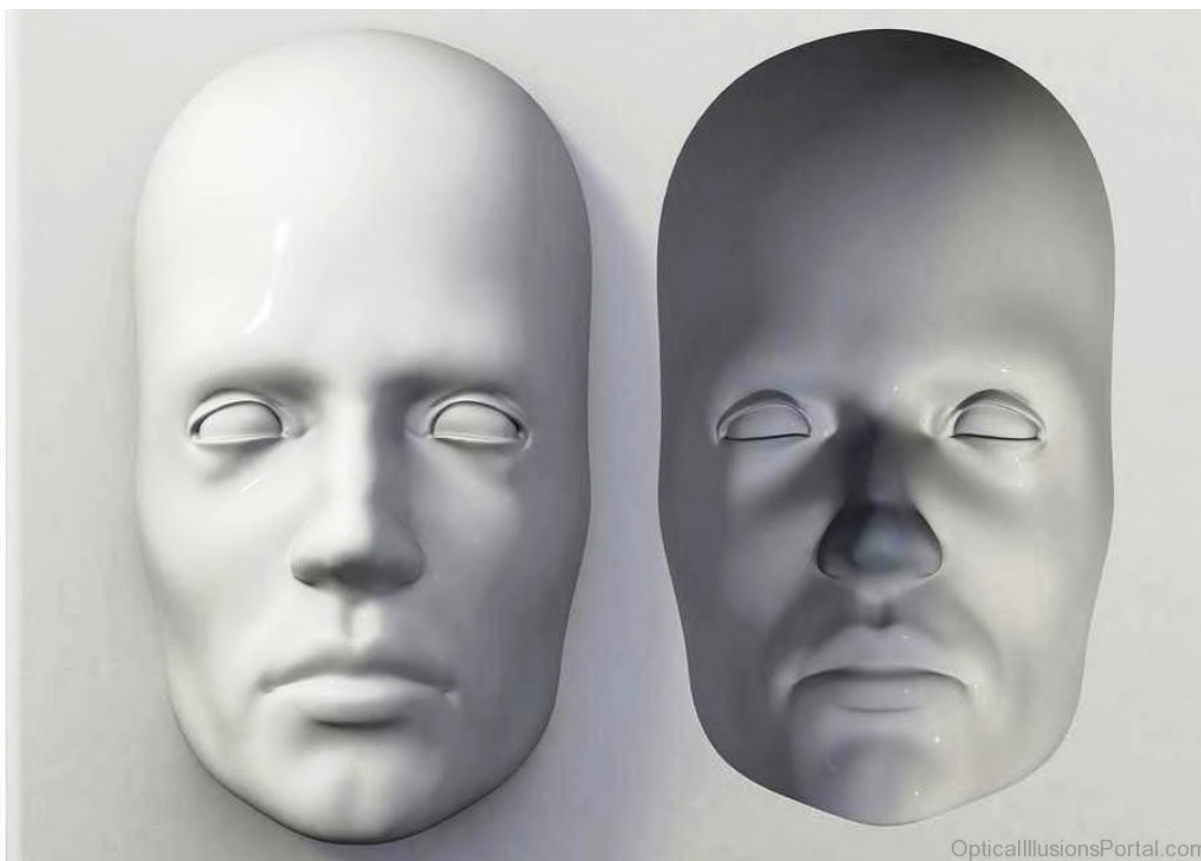
A segunda é a ilusão, questionando a memória individual sobre o funcionamento pretérito de algo. Os sentidos apresentam respostas não condizentes com experiências anteriores de circunstâncias similares. O documentário "*Is seeing believing?*" (AUSTIN, 2010) aborda várias nuances sobre as ilusões e a maneira como o cérebro interpreta as informações fornecidas pelos sentidos. O exemplo mais pertinente é o de um ilusionista que joga uma bolinha vermelha para o ar duas vezes. Na terceira vez ele esconde a bolinha, mas repete o movimento. As pessoas imaginam ver a bolinha vermelha no ar, embora ela não tivesse sido arremessada uma terceira vez. Um dispositivo de rastreamento ocular foi colocado numa observadora dessa ilusão/experimento e o resultado foi que os olhos não acompanharam o

⁷ Segundo o site <https://biomania.com.br/artigo/genetica-das-populacoes>: "conjunto total de genes presentes em todos os indivíduos de uma população".

movimento que a mente projetou, indicando que os olhos não foram enganados e a mente sobrepujou com a expectativa as informações reais. Em geral, a expectativa do que veremos é efetivamente o que perceberemos, tamanha é a importância da expectativa.

Outra ilusão presente no documentário é a do rosto humano oco (*Hollow face*).

Figura 2: à esquerda, um rosto convexo e à direita, um côncavo



Fonte : disponível em <http://www.opticalillusionsportal.com/wp-content/uploads/2016/12/Hollow-Face-Illusion.jpg>. Acesso em 08/09/2018

Normalmente, para a realização dessa ilusão a imagem da superfície de um rosto é rotacionada sob uma fonte de luz fixa, em que ora vemos a superfície convexa, ora a côncava. Mas evolutivamente nosso cérebro busca tão avidamente reconhecer padrões, principalmente rostos, que quando a superfície côncava está sendo exposta, mesmo sabendo que é côncava, só conseguimos vê-la convexa.

Existe um esforço considerável do cérebro em produzir sentido quando não há sentido. Esse processo se chama apofenia. Klaus Conrad usa o

termo emprestado do grego para descrever um dos estágios iniciais da esquizofrenia (MISHARA, 2010), no qual descreve como uma “correspondência anormal entre significados aparentemente desconexos”. Evolutivamente foi muito importante notar rapidamente padrões, como no caso dos rostos: um rosto desconhecido pode significar um inimigo prestes a atacar. Quando a alternativa a ser pego de surpresa por um ataque de um rival é simplesmente um falso positivo, torna-se perfeitamente aceitável esse mecanismo cerebral, por mais falsos positivos que gere. A vertente mais conhecida desse processo mental é a pareidolia, que trata especificamente da observação de padrões em imagens (POULSEN, 2012).

Figura 3: Smiley, criado por Harvey Ball em 1963



Fonte: disponível em <https://www.straightdope.com/columns/read/961/who-invented-the-smiley-face/>. Acesso em 08/09/2018

Nosso cérebro não precisa de muitas informações para atestar quaisquer dois pontos próximos como uma face. Uma certa distância entre eles e possivelmente um traço são suficientes, como no caso do Smiley e outros emojis utilizados diariamente em mensagens virtuais.

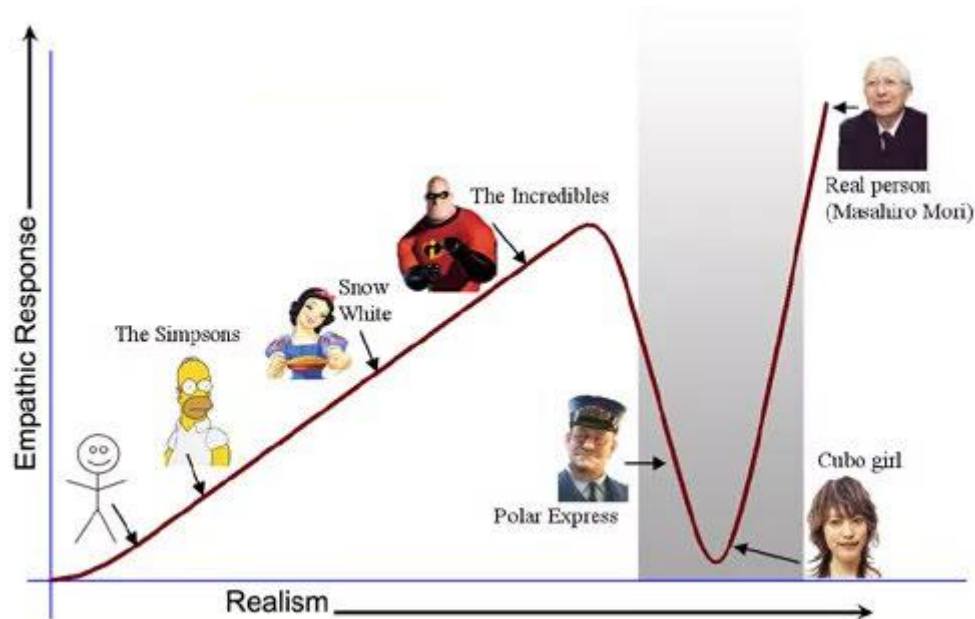
É admirável a capacidade de produzir sentido com pouco ou nada que efetivamente endosse um sentido que seja mais real do que subjetivo.

2.4. O Absurdo

Existe um limite para a capacidade mental de projetar sentido no mundo? A apofenia unida a nossa capacidade de abstração nos permite desfrutar de variadas narrativas com representações humanas. Por mais fantástica que seja a capacidade de identificar rostos, existe um lugar reservado ao estranhamento.

A evolução da computação gráfica e das tecnologias utilizadas na ilustração das feições humanas dá passos graduais e durante essa progressão criou um bolsão de estranheza conhecido como “Uncanny Valley” ou “Vale da Estranheza” (JORDÃO, 2013). É um termo usado para se referir ao que corresponde à realidade, mas nem tanto. Literalmente, um vale num gráfico cruzando a verossimilhança e a resposta empática às representações. No eixo horizontal, à partir da origem, vemos aumentar a complexidade das representações antropomórficas, começando com o semióticamente (“Ícone - Dicio, Dicionário Online de Português”, [s.d.]) icônico (“Ícone - Dicio, Dicionário Online de Português”, [s.d.]) “boneco de palitos”, cujo excesso de simplicidade permite que a referência à figura humana se dê majoritariamente pela convenção social de que realmente a analogia é esta. Conforme prosseguimos nesse eixo, a complexidade e verossimilhança com a figura humana aumentam, a pareidolia e as convenções sociais que definem a analogia à figura humana gradativamente se fazem menos presentes, ao ponto em que a representação e a realidade de tornem indistinguíveis. No eixo vertical temos o aumento da resposta empática, que aumenta conforme as representações se tornam mais e mais realistas. O Vale da Estranheza ocorre numa perturbação dessa variável: pouco antes da indistinguibilidade entre a representação e o real, temos uma zona cinzenta em que, apesar do aumento de realismo, a resposta empática cai drasticamente por conta da percepção de uma “fraude bem elaborada”. É possível que por conseguirmos perceber que se trata de uma representação que apenas margeia o realismo, essa confusão de estímulos cause a aversão, vista no gráfico pelo vale na área cinza.

Gráfico 1: Uncanny Valley, na região cinza



Fonte: disponível em <https://blogs.oglobo.globo.com/beto-largman/post/cruzando-o-vale-da-estranheza.html>. Acesso em 08/09/2018

Atualmente, já cruzamos o Vale da Estranheza em termos de efeitos visuais, mas representações físicas ainda precisam de mais algum tempo, embora para determinados nichos comerciais isso não seja um problema⁸.

No filme “Mãe!” (ARONOFSKY, 2017), até aproximadamente metade da narrativa, a inconsistência das situações margeia o absurdo de maneira plausível, ainda que estranha. O filme arranha os limites de uma narrativa não-extraordinária no primeiro ato, até que vemos uma cena de guerra num ambiente doméstico e conscientemente aceitamos se tratar de uma narrativa extraordinária. O ponto é que até que haja essa ruptura, existe uma avaliação iterativa⁹ sobre as regras presentes (“existe o extraordinário” versus “o cotidiano comum e bizarro”) e ela ocorre individualmente. Temos certa resistência em aceitar o absurdo como tal até que seja inevitável.

Na década de 60, um experimento realizado pelos psicólogos Stanley Milgram, Leonard Bickman e Lawrence Berkowitz constatou a

⁸ Longe das feiras japonesas de tecnologia e dos robôs super realistas de última geração, existem bordeis de bonecas sexuais realistas (SATURNO, 2018). Apesar de nitidamente serem apenas uma imitação da figura humana, essas bonecas sexuais tem se mostrado um mercado crescente e muito elitizado, uma vez que mesmo que esses robôs se enquadrem no “Vale da Estranheza”, seu custo pode chegar a mais de 20 mil reais (BBC NEWS BRASIL, 2013). Versões simples, apenas de silicone, podem ser encontradas no site Mercado Livre, por volta de R\$4.000,00.

⁹ Repetitiva.

importância da validação social ao que, num primeiro momento, se apresenta como sem sentido: um participante da equipe fitava o céu numa rua movimentada. Quando outros participantes da equipe o acompanharam nessa tarefa, quadruplicou o número de transeuntes olhando também para o céu (MILGRAM; BICKMAN; BERKOWITZ, 1969). Se o que percebemos e experienciamos do mundo pode estar equivocado, recorremos a outros indivíduos para validar uma certa experiência. Ainda assim, estamos sujeitos a acontecimentos como o que ocorreu em 1518 na comuna de Estrasburgo, na França. Num dos casos mais famosos de histeria coletiva, centenas de pessoas dançaram por dias e muitas acabaram literalmente morrendo de exaustão (WALLER, 2018). Inicialmente um grupo pequeno, mais e mais pessoas se juntaram ao frenesi de dança que ainda não tem explicações precisas.

Mais recentemente, temos a famosa transmissão de rádio de Orson Welles em 1938 (pouco tempo antes do início da Segunda Guerra Mundial, em 1939), em que um programa rádio teatral foi veiculado no formato de um noticiário, descrevendo a invasão alienígena do livro “A Guerra dos Mundos” (1898). Como muitas pessoas não acompanharam o início da transmissão, pensaram se tratar de uma invasão alienígena real e o pânico se alastrou rapidamente (TESCHKE, [s.d.]).

Chegamos, então, ao paradoxo em que é difícil categorizar o absurdo como tal quando não há uma validação social externa, mas estamos suscetíveis a abraçar o absurdo se este ocorre pela via social. Ao encararmos nossa inabilidade de uma atitude coerente quanto ao absurdo, podemos entrar no tópico que foi um dos precursores de movimentos artísticos (como o Dadaísmo e o Surrealismo) e filosóficos (como o Absurdismo): a guerra (DEMILLY, 2016).

Atualmente, ainda lidamos com esse exato tipo de absurdo. Ainda que falando sobre uma guerra mais recente, o cerne da questão é alcançado de forma muito nítida pelo fotógrafo Chritoph Bangerts, falando sobre seu livro “Hello, Camel” numa entrevista ao site Vice (BAYLEY, 2016) em que descreve o absurdo da guerra:

“Percebi que havia dois aspectos muito importantes da guerra que são pouquíssimo representados. Um é o horror absoluto, a loucura inexplicável, que raramente aparece nas fotografias publicadas. O

outro aspecto, igualmente importante, é o absurdo disso.”
(BANGERTS, 2016)

Figura 4: Civil afegão, funcionário do exército americano ao lado de uma piscina com patinhos de borracha. 4 de julho de 2013, Jalalabad, Nangahar, Afeganistão.



Fonte : Christoph Bangert (Laif/Camera Press). disponível em https://www.vice.com/pt_br/article/mgqney/christoph-bangerts-hello-camel. Acesso em 08/09/2018

Não à toa, o Dadaísmo surgiu em Zurique, Suíça, no ano de 1916, um ano antes do fim da Primeira Guerra Mundial. O sufocamento provocado pelo absurdo e caos de uma Europa em guerra gera uma reação artística que bebe desta mesma fonte, para negar aquela realidade, negar a própria arte, negar qualquer sentido (DEMILLY, 2016).

O Surrealismo surgiu pouco tempo depois, com seu manifesto datado de 1924, em Paris. Ainda que muito impregnado pelo Dadá, teve também forte influência do trabalho de Sigmund Freud e seus estudos sobre o inconsciente. O absurdo presente no onírico teria seu valor destacado e trazido à tona, de modo a dar ao real o viço que a vida cotidiana por vezes esmaece, tornando-o surreal (DEMILLY, 2016).

O pai de Albert Camus, principal nome da filosofia do Absurdo (Absurdismo), morreu vítima da Primeira Grande Guerra, quando Camus tinha apenas 1 ano de idade. Em 1942, metade da Segunda Guerra Mundial (1939-

1945), lança um de seus principais livros : “O mito de Sísifo”. O Absurdismo, vertente do Existencialismo, defende que não há sentido na vida, nem na morte. Tal como Sísifo, condenado a rolar morro acima uma enorme pedra apenas para que ela role morro abaixo, de novo e de novo, por toda a eternidade, nossas rotinas compartilhariam do absurdo da punição mais cruel imaginada pelos deuses gregos: tarefas inúteis e sem sentido. Porém, diferentemente do Nihilismo (onde não existe qualquer sentido, de modo absoluto) a solução seria abraçar o absurdo e conviver com ele, cientes de que o sentido que inferirmos para as coisas pode ser suficientemente válido. Desse modo seria possível aceitar que nascemos sob circunstâncias caóticas e morremos sob elas. Isso valeria para as milhares de vidas perdidas na guerra e para o próprio Camus, que morreu num acidente de carro, sendo que tinha o bilhete para ir de trem mas mudou de idéia e aceitou uma carona. (SANTANA, [s.d.]).

Já o Teatro do Absurdo surgiu no pós 2º guerra, definido por Martin Esslin (1918 - 2002) como algo que “se esforça para expressar seu entendimento da falta de sentido da condição humana e a inadequação de uma abordagem racional por meio do amplo abandono de dispositivos racionais e pensamento discursivo”¹⁰ (ESSLIN *Apud* GUSSOW, 2002).

O termo se referia a diferentes peças que exploravam a atmosfera de desolação do homem moderno frente a perda de referências, basicamente. Interessante notar que a definição de Esslin pode ser lida também como uma resposta ao horror da guerra (“Teatro do Absurdo | Enciclopédia Itaú Cultural”, 2018).

¹⁰ Tradução livre do original “The Theater of the Absurd strives to express its sense of the senselessness of the human condition and the inadequacy of the rational approach by the open abandonment of rational devices and discursive thought”.

2.5. O Irrracional

$\pi=3,141592653589793238462643383279502884197169399375105$
820974944592307816406286208998628034825342117067982148086513282
306647093844609550582231725359408128481117450284102701938521105
559644622948954930381964428810975665933446128475648233786783165
271201909145648566923460348610454326648213393607260249141273724
587006606315588174881520920962829254091715364367892590360011330
530548820466521384146951941511609433057270365759591953092186117
381932611793105118548074462379962749567351885752724891227938183
011949129833673362440656643086021394946395224737190702179860943
702770539217176293176752384674818467669405132000568127145263560
827785771342757789609173637178721468440901224953430146549585371
050792279689258923542019956112129021960864034418159813629774771
30996051870721134999998372978049951059731732816096318595024459
455346908302642522308253344685035261931188171010003137838752886
587533208381420617177669147303598253490428755468731159562863882
353787593751957781857780532171226806613001927876611195909216420
198938095257201065485863278865936153381827968230301952035301852
968995773622599413891249721775283479131515574857242454150695950
829533116861727855889075098381754637464939319255060400927701671
139009848824012858361603563707660104710181942955596198946767837
449448255379774726847104047534646208046684259069491293313677028
989152104752162056966024058038150193511253382430035587640247496
473263914199272604269922796782354781636009341721641219924586315
030286182974555706749838505494588586926995690927210797509302955
321165344987202755960236480665499119881834797753566369807426542
52786255181841757467289097772793800081647060016145249192173217
214772350141441973568548161361157352552133475741849468438523323
907394143334547762416862518983569485562099219222184272550254256
887671790494601653466804988627232791786085784383827967976681454
100953883786360950680064225125205117392984896084128488626945604
241965285022210661186306744278622039194945047123713786960956364

371917287467764657573962413890865832645995813390478027590099465
764078951269468398352595709825822620522489407726719478268482601
476990902640136394437455305068203496252451749399651431429809190
659250937221696461515709858387410597885959772975498930161753928
468138268683868942774155991855925245953959431049972524680845987
273644695848653836736222626099124608051243884390451244136549762
780797715691435997700129616089441694868555848406353422072225828
488648158456028506016842739452267467678895252138522549954666727
823986456596116354886230577456498035593634568174324112515076069
479451096596094025228879710893145669136867228748940560101503308
617928680920874760917824938589009714909675985261365549781893129
784821682998948722658804857564014270477555132379641451523746234
364542858444795265867821051141354735739523113427166102135969536
231442952484937187110145765403590279934403742007310578539062198
387447808478489683321445713868751943506430218453191048481005370
614680674919278191197939952061419663428754440643745123718192179
998391015919561814675142691239748940907186494231961567945208095
146550225231603881930142093762137855956638937787083039069792077
346722182562599661501421503068038447734549202605414665925201497
442850732518666002132434088190710486331734649651453905796268561
005508106658796998163574736384052571459102897064140110971206280
439039759515677157700420337869936007230558763176359421873125147
120532928191826186125867321579198414848829164470609575270695722
091756711672291098169091528017350671274858322287183520935396572
512108357915136988209144421006751033467110314126711136990865851
639831501970165151168517143765761835155650884909989859982387345
528331635507647918535893226185489632132933089857064204675259070
915481416549859461637180270981994309924488957571282890592323326
097299712084433573265489382391193259746366730583604142813883032
038249037589852437441702913276561809377344403070746921120191302
033038019762110110044929321516084244485963766983895228684783123
552658213144957685726243344189303968642624341077322697802807318
915441101044682325271620105265227211166039666557309254711055785
376346682065310989652691862056476931257058635662018558100729360

659876486117910453348850346113657686753249441668039626579787718
556084552965412665408530614344431858676975145661406800700237877
659134401712749470420562230538994561314071127000407854733269939
081454664645880797270826683063432858785698305235808933065757406
795457163775254202114955761581400250126228594130216471550979259
230990796547376125517656751357517829666454779174501129961489030
463994713296210734043751895735961458901938971311179042978285647
503203198691514028708085990480109412147221317947647772622414254
854540332157185306142288137585043063321751829798662237172159160
771669254748738986654949450114654062843366393790039769265672146
385306736096571209180763832716641627488880078692560290228472104
031721186082041900042296617119637792133757511495950156604963186
294726547364252308177036751590673502350728354056704038674351362
222477158915049530984448933309634087807693259939780541934144737
744184263129860809988868741326047215695162396586457302163159819
319516735381297416772947867242292465436680098067692823828068996
400482435403701416314965897940924323789690706977942236250822168
895738379862300159377647165122893578601588161755782973523344604
281512627203734314653197777416031990665541876397929334419521541
341899485444734567383162499341913181480927777103863877343177207
545654532207770921201905166096280490926360197598828161332316663
652861932668633606273567630354477628035045077723554710585954870
279081435624014517180624643626794561275318134078330336254232783
944975382437205835311477119926063813346776879695970309833913077
109870408591337464144282277263465947047458784778720192771528073
176790770715721344473060570073349243693113835049316312840425121
925651798069411352801314701304781643788518529092854520116583934
196562134914341595625865865570552690496520985803385072242648293
972858478316305777756068887644624824685792603953527734803048029
005876075825104747091643961362676044925627420420832085661190625
454337213153595845068772460290161876679524061634252257719542916
299193064553779914037340432875262888963995879475729174642635745
525407909145135711136941091193932519107602082520261879853188770
584297259167781314969900901921169717372784768472686084900337702

424291651300500516832336435038951702989392233451722013812806965
011784408745196012122859937162313017114448464090389064495444006
198690754851602632750529834918740786680881833851022833450850486
082503930213321971551843063545500766828294930413776552793975175
461395398468339363830474611996653858153842056853386218672523340
283087112328278921250771262946322956398989893582116745627010218
356462201349671518819097303811980049734072396103685406643193950
979019069963955245300545058068550195673022921913933918568034490
398205955100226353536192041994745538593810234395544959778377902
374216172711172364343543947822181852862408514006660443325888569
867054315470696574745855033232334210730154594051655379068662733
379958511562578432298827372319898757141595781119635833005940873
068121602876496286744604774649159950549737425626901049037781986
835938146574126804925648798556145372347867330390468838343634655
379498641927056387293174872332083760112302991136793862708943879
936201629515413371424892830722012690147546684765357616477379467
520049075715552781965362132392640616013635815590742202020318727
760527721900556148425551879253034351398442532234157623361064250
639049750086562710953591946589751413103482276930624743536325691
607815478181152843667957061108615331504452127473924544945423682
886061340841486377670096120715124914043027253860764823634143346
235189757664521641376796903149501910857598442391986291642193994
907236234646844117394032659184044378051333894525742399508296591
228508555821572503107125701266830240292952522011872676756220415
420516184163484756516999811614101002996078386909291603028840026
910414079288621507842451670908700069928212066041837180653556725
253256753286129104248776182582976515795984703562226293486003415
872298053498965022629174878820273420922224533985626476691490556
284250391275771028402799806636582548892648802545661017296702664
076559042909945681506526530537182941270336931378517860904070866
711496558343434769338578171138645587367812301458768712660348913
909562009939361031029161615288138437909904231747336394804575931
493140529763475748119356709110137751721008031559024853090669203
767192203322909433467685142214477379393751703443661991040337511

173547191855046449026365512816228824462575916333039107225383742
182140883508657391771509682887478265699599574490661758344137522
397096834080053559849175417381883999446974867626551658276584835
884531427756879002909517028352971634456212964043523117600665101
241200659755851276178583829204197484423608007193045761893234922
927965019875187212726750798125547095890455635792122103334669749
923563025494780249011419521238281530911407907386025152274299581
807247162591668545133312394804947079119153267343028244186041426
363954800044800267049624820179289647669758318327131425170296923
488962766844032326092752496035799646925650493681836090032380929
345958897069536534940603402166544375589004563288225054525564056
448246515187547119621844396582533754388569094113031509526179378
002974120766514793942590298969594699556576121865619673378623625
612521632086286922210327488921865436480229678070576561514463204
692790682120738837781423356282360896320806822246801224826117718
589638140918390367367222088832151375560037279839400415297002878
307667094447456013455641725437090697939612257142989467154357846
878861444581231459357198492252847160504922124247014121478057345
510500801908699603302763478708108175450119307141223390866393833
952942578690507643100638351983438934159613185434754649556978103
829309716465143840700707360411237359984345225161050702705623526
601276484830840761183013052793205427462865403603674532865105706
587488225698157936789766974220575059683440869735020141020672358
502007245225632651341055924019027421624843914035998953539459094
407046912091409387001264560016237428802109276457931065792295524
988727584610126483699989225695968815920560010165525637567...¹¹

¹¹ Pi com 10000 dígitos(“Digits of Pi - Up to 1 Million Digits”, [s.d.]

3. MetaSentido

Após buscarmos desvendar as estruturas de sentido do próprio sentido, seguimos para o entendimento do Nonsense. Em meio ao caos que o Nonsense pode potencialmente representar, classificá-lo a partir de uma constante: o contexto.

3.1. Classificando o Nonsense

“Há poucas coisas impossíveis em si mesmas, e para realizá-las falta-nos mais a dedicação que os meios.”(ROCHEFOUCAULD, 2014)

Sob essa premissa, lançamo-nos à classificação do absurdo, dar sentido ao sem sentido, uma vez que há significado mesmo na falta dele. Classificar um conjunto infinito de situações e obras limitadas apenas pela imaginação e pela capacidade de comunicação humana, assim como nossa capacidade de sentir e de nos surpreendermos. Iniciar a empreitada de classificação por essa face da moeda traz intrinsecamente uma dificuldade esmagadora: onde se inicia a ancoragem quando tudo que se tem é literalmente tudo? Se não é possível, ou pelo menos viável, a abordagem ao tema por essa vertente, consideremos a contraparte do Nonsense, o Sentido.

Susan Stewart, autora de “Nonsense: Aspects of Intertextuality in Folklore and Literature” disse que “Sem o sentido não existe o nonsense” (STEWART, 1979), o que nos leva à um excelente ponto inicial. O sentido está para o Nonsense tal qual a luz está para a sombra. De modo algum nossa academia dedicaria a escassa verba de ciência e tecnologia do país (OLIVEIRA, [s.d.]) à uma cadeira sobre umbrologia aos invés da óptica, ainda que os astrônomos cronometrem justamente a sombra de novos planetas para calcular sua órbita (FUKUI et al., 2016). Mas a dicotomia de luz e sombra pode por vezes nos afastar do entendimento transdisciplinar (SANTANA, [s.d.]) da realidade amálgama do que é a luz/sombra.

O ponto seguinte a ser abordado é então o Sentido. A filosofia discorre mais ampla (e categoricamente melhor) sobre a questão do Sentido,

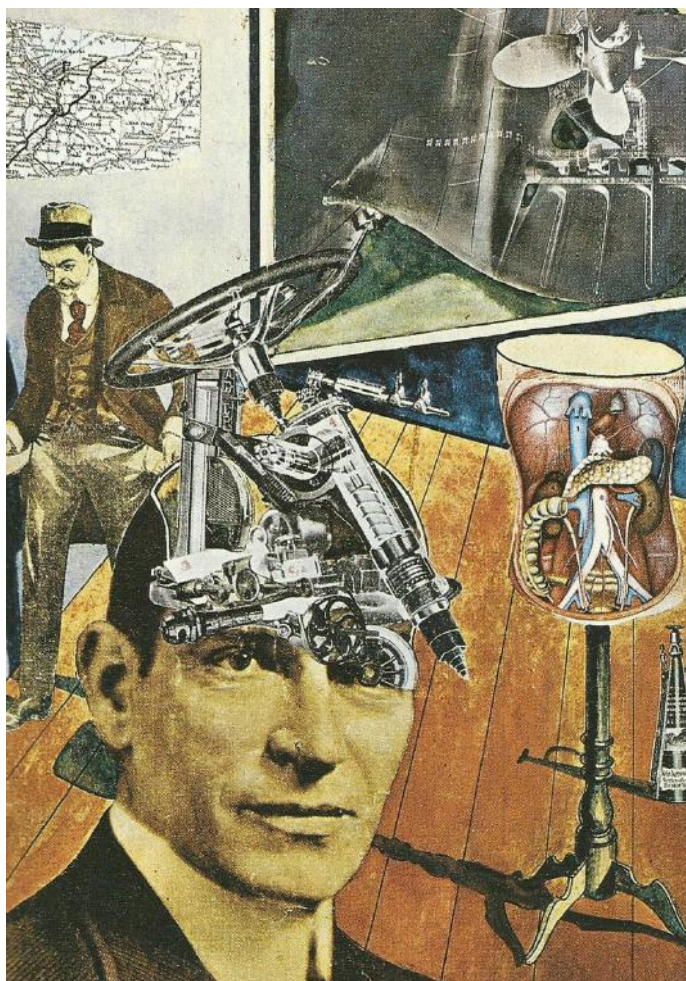
presente notoriamente no existencialismo, niilismo e absurdismo, fazendo com que valha mais adentrar no propósito linguístico/semântico do termo.

“Sentido”, pelo dicionário Aurélio: “Ter a consciência de algum fenômeno ou do que se passa no interior de si mesmo” (HOLANDA, [s.d.]) Pelo dicionário presente no buscador do Google: “aquilo que uma palavra ou frase podem significar num contexto determinado; significado.” (“sentido dicionario - Pesquisa Google”, 2018). As duas definições são convenientes à medida que trazem pontos importantes como o da consciência sobre alguma coisa ou situação e o contexto presente lá. Isso nos leva a entender que o sentido necessita de **consciência** assim como de **contexto**, direcionando a análise do sentido de “Sentido” para circunstâncias particulares. O Sentido precisa ser analisado sob o viés de uma circunstância cujo contexto é avaliado por uma consciência envolvida. “Sentido” como conceito vazio de contexto e consciência é como o disco de ouro na sonda Voyager 1 (FISCHER, 2017), que contém sons e imagens da vida e cultura da Terra, caindo num planeta coberto apenas por bactérias, muitos bilhões de anos depois de cessado o último rastro da passagem humana pelo nosso sistema solar.

Considerando agora que qualquer interessado pela temática do entendimento do que é Sentido, assim como do Nonsense, está provido de consciência, podemos eliminar essa variável da equação e focarmos especificamente no **contexto**. Em cada situação na qual for questionado o sentido, a falta dele ou ainda o Nonsense, é possível acusar um contexto.

Voltando o escopo novamente ao Nonsense, observando as obras em que aparece como norteador, comumente é um elemento de **crítica**, **humor** ou **aleatoriedade**. Na idade média já aparecia com o tom de crítica, com um “mundo às avessas” em contraste à rígida hierarquia da época (SANTOS, 2016), nos desenhos animados é desde sempre amplamente utilizado como fonte de humor e nas colagens dadaístas temos uma certa aleatoriedade, como em “Tatlin at Home” (1920) de Raoul Hausmann.

Figura 5: Tatlin at Home, de Raoul Hausmann, 1920.



Fonte : <http://www.madsci.org/~lynn/juju/surr/images/hausmann/hausmann.html>. Acesso em 08/09/2018

Tanto na temática de “crítica” quanto na de “humor” podemos extrair uma relação com a **expectativa** de cada contexto. Uma crítica só existe em contrapartida à algo comparativamente melhor, ou seja, em relação a expectativa de que aquilo que se critica fosse melhor. Por sua vez o humor se baseia justamente na quebra de expectativa (BERGSON, 1900).

Por meio da abordagem matemática, um contexto cujos elementos sejam aleatórios pode atender ou não às expectativas de um observador consciente. Em probabilidade (SILVA, [s.d.]), consideremos o evento como sendo o “atendimento das expectativas” para um determinado contexto. O espaço amostral seria literalmente todo o universo, toda e qualquer circunstância que exista, tenha existido, existiria ou existirá. Considerando as limitações biológicas humanas, como a capacidade de aprendizado e tempo

médio de vida, é seguro dizer que o número de circunstâncias possivelmente esperadas (resultado positivo ao evento escolhido) é infinitesimalmente menor que o espaço amostral. Ou seja, em contextos verdadeiramente aleatórios, a probabilidade nos diz que haverá uma quebra de expectativa.

Baseado nos exemplos pesquisados (obras dadaísta, surrealistas, teatro do absurdo, limeriques¹², videoarte, desenhos animados, músicas...) é possível inferir que há uma forte relação do Nonsense com a expectativa, mais especificamente com sua quebra. Essa quebra pode ocorrer por condições de certo modo previsíveis: a) por um “desvio” das condições da “expectativa padrão”, onde o contexto indica um determinado desfecho mas os resultados são outros; b) por “ignorância”, onde o contexto originalmente não quebra nenhuma expectativa, mas por ser desconhecido ao observador final, não é corretamente interpretado, sendo confundido e levando a expectativas inconsistentes; c) por “força bruta”, unindo contextos previamente desconexos, aleatória ou intencionalmente, induzindo à uma impossibilidade de expectativa.

Surge então a proposta de que o Nonsense seja primariamente classificado de acordo com essas três possibilidades. Assim temos o Nonsense Metacontextual, Paracontextual e Multicontextual.

Os prefixos utilizados foram pensados para alocar o contexto analiticamente em relação ao Nonsense.

3.1.1. Metacontextual

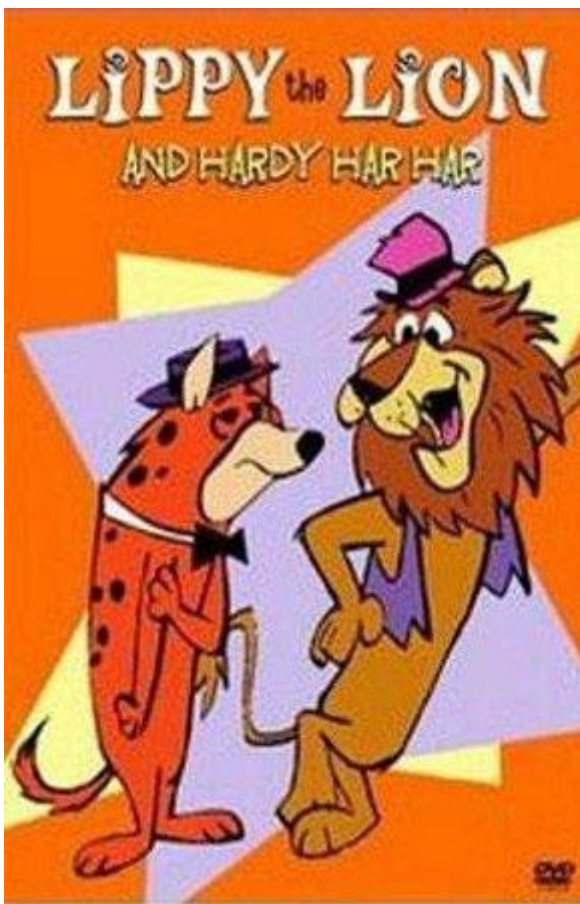
Define subversões da expectativa de um contexto dentro desse mesmo contexto. Por exemplo, um cacto com espinhos de borracha. O natural ao cacto é que seus espinhos sejam rígidos, porém nesse caso eles são justamente o contrário do esperado. O contrário dentro da expectativa padrão sobre os espinhos de um cacto. Ainda utilizando como exemplo um cacto, os espinhos agora são, olhando mais de perto, pequenos chapéus de festa

¹² “Poemas sem sentido, repletos de um humor absurdo presente em apenas cinco versos.” <https://escolakids.uol.com.br/o-mundo-divertido-e-absurdo-dos-limeriques.htm>. Acesso em 08/09/2018.

destacáveis. Existe um pouco de um contexto que não é sabido e um pouco de aleatoriedade, mas majoritariamente apenas subvertemos a expectativa inicial sobre os espinhos de um cacto.

Aproveitando-se desse contexto temos o personagem Hardy Har Har (de *Lippy the Lion & Hardy Har Har*, produzida em 1962 por Hanna-Barbera). Ele consiste basicamente numa hiena pessimista. As hienas pintadas emitem sons que se assemelham à risadas humanas (PESHIN, 2017) e por mais que não signifiquem no contexto social das hienas o mesmo que significam para os humanos, são animais que ficaram associados ao riso. Utilizar-se da ironia de um animal conhecido por “rir” como base para um personagem tristonho cujo bordão é “Oh céus, oh vida, oh azar” (“Oh me, oh my, oh dear” na versão original) e possivelmente depressivo é uma subversão do contexto esperado de alegria para um animal que ri.

Figura 6: A hiena pessimista Hardy Har Har



Fonte : disponível em <https://www.imdb.com/title/tt0284753/>. Acesso em 08/09/2018.

Outra instância onde é possível encontrar uma quebra de expectativas dentro do próprio contexto daquilo que se apresenta são as **ilusões**. Quando num show de mágica um coelho vivo é retirado de uma cartola vazia, existe um cenário de conflito cognitivo entre o que acabou de ser visto e o conhecimento objetivo da materialidade acerca de cartolas e coelhos. É sabida a impossibilidade de um fundo falso numa cartola e é sabido o espaço que um coelho branco ocupa no espaço. Ainda assim o coelho parece ter saído de nenhum outro lugar que não a própria cartola.

Quando Escher litografa sua Cascata (Waterfall, 1961) (“M.C. Escher - The Official Website”, [s.d.]), o contexto apresentado que vem a ser questionado é tão somente a perspectiva. Espera-se que uma figura em perspectiva deixe claro quais objetos estão mais próximos do ponto de vista observado e quais estão longe, mas usando paralelismos ele nos entrega um triângulo de Penrose (MANETTA, 2011) onde a impossibilidade reside no ponto inicial e final do percurso da água serem os mesmos.

Figura 7: M. C. Escher. Cascata, 1961



Fonte : <https://www.mcescher.com/gallery/recognition-success/waterfall/>. Acesso em 08/09/2018.

3.1.2. Paracontextual

Define um contexto alheio ao que foi percebido. Esse tipo de nonsense pode ser satisfatoriamente comparado a uma falha do processo de comunicação:

A nível da recepção das mensagens pelos receptores: numa situação, que hoje é a mais corrente, em que emissores e receptores não partilham um contexto de co-presença, os primeiros não têm qualquer garantia de que os segundos prestarão atenção às suas mensagens ou que, fazendo-o – e dada a diversidade dos contextos de emissão/recepção –, a recepção das mensagens não se afastará, em maior ou menor grau, do “sentido” visado pelos emissores. (LUHMANN *Apud* SERRA, 2007, p. 89)

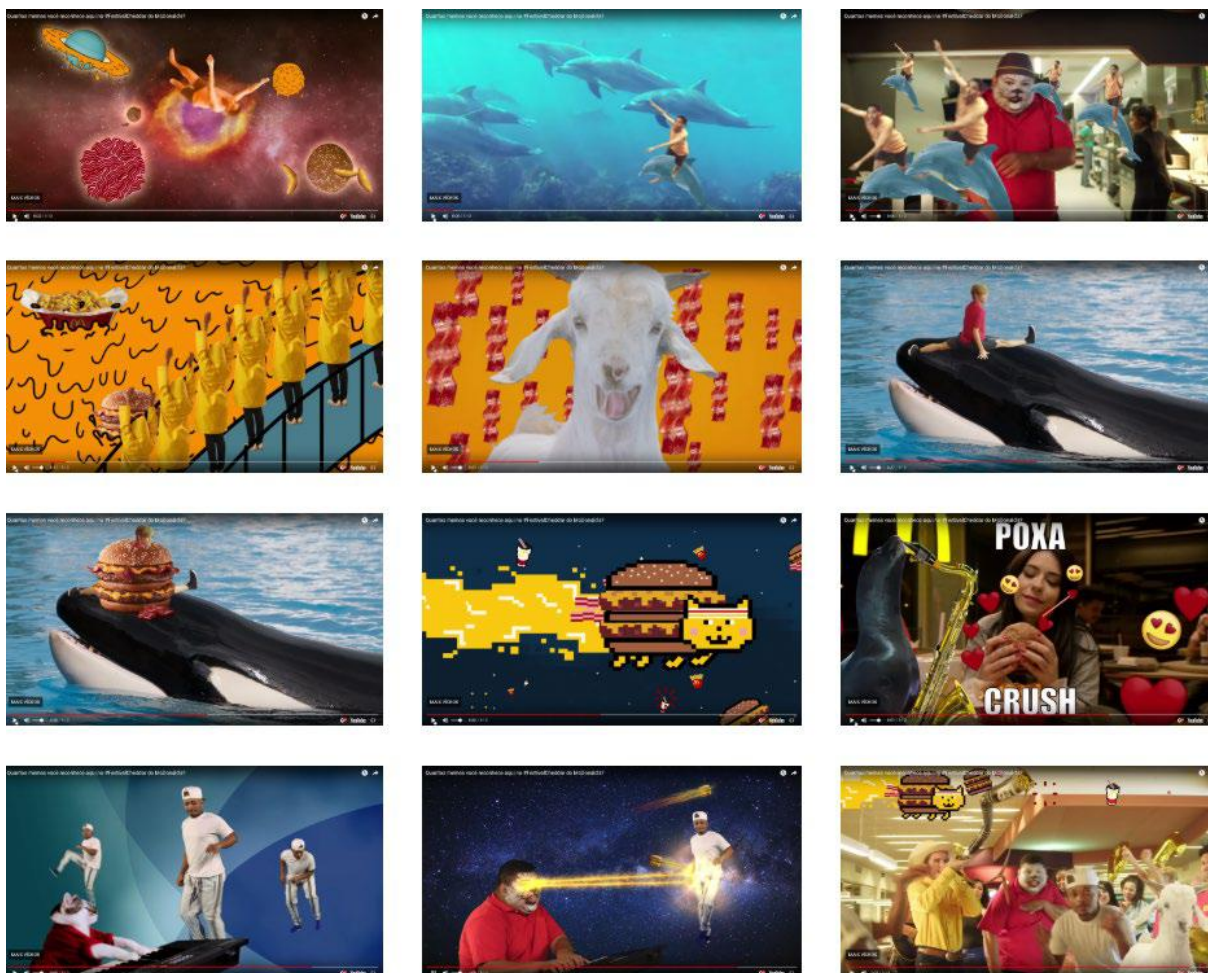
Para entender melhor essa noção, tomemos como exemplo a música “Açaí”, de Djavan, de 1982. Arthur Xexéu criou o prêmio “Zum de Besouro” (KRIEGER, 2017) para músicas notoriamente nonsense, cujo nome é um dos versos da música “Açaí”, de Djavan: “Açaí, guardiã / Zum de besouro um imã / Branca é a tez da manhã”. Djavan argumenta que não existe nonsense em sua letra. Em absoluto, pois existe uma explicação plausível para cada verso. A saber, o açaí é um guardião pois dele depende a subsistência de muitas famílias do norte do país, o zum do besouro é um imã pois atrai para a origem a curiosidade daqueles atentos ao seu som e, no horário em que acorda o sertanejo, um mínimo de cerração é suficiente para que a cor do céu seja branca (DJAVAN, [s.d.]).

Mesmo assim, o resultado mais comum àqueles que ouvem a música é simplesmente acreditar que, numa licença poética, não existe um sentido e aquelas palavras foram utilizadas apenas pela sonoridade. A expectativa se torna inconsistente uma vez que os parâmetros de sua coerência se perdem, deixando a composição de sentido sendo criada e balizada por conexões subjetivas não previstas do receptor.

3.1.3. Multicontextual

Define um nonsense formado por uma amálgama de diversos contextos. Uma sequência de contextos justapostos em que não é possível adaptar as expectativas sobre a nova situação criada, pois não existem referências perfeitamente cabíveis ao novo contexto. Como exemplo temos uma campanha publicitária da rede de *fast food* McDonald's, para promover o Festival Cheddar, feita pela agência DM9DDB.

Figura 8: Mosaico de frames do vídeo para a campanha “Festival Cheddar”



Fonte: disponível em <https://www.b9.com.br/94072/o-mcdonalds-resgatou-todos-os-grandes-memes-dos-ultimos-anos-nesse-video/>. Acesso em 08/09/2018.

Não fossem os memes¹³ (DAWKINS, 2007) já possuírem um contexto bastante particular, o ritmo com que eles são apresentados, integrados uns aos outros e ao elemento sendo promovido pela propaganda (o cheddar), dificulta propositalmente o entendimento, que nem chega a ser completo.

Essa profusão de contextos pode ser deliberada ou aleatória. No primeiro exemplo é deliberada, tratando-se de elementos diversos mas que podem ser classificados como memes (ainda que também tenham sido inseridos numa temática de queijo e bacon).

O artista Takeshi Murata, autor de “Pink Dot”¹⁴ e “Silver”¹⁵ é um artista da videoarte. As distorções imagéticas nos vídeos são fortemente aleatórias. Não há um contexto para ancoragem que não a própria videoarte. Ele quebra as expectativas sobre a coerência visual atacando sua coesão.

Figura 9: Pink Dot, 2007.



Fonte: disponível em <https://vimeo.com/15873210>. Acesso em 08/09/2018

¹³ “pensamento ou ideia que se replica e se propaga” <https://www.vix.com/pt/bbr/tecnologia/2591/meme-tambem-e-cultura-veja-como-eles-dominaram-a-internet>. Acesso em 08/09/2018

¹⁴ Disponível em <https://vimeo.com/15873210>. Acesso em 08/09/2018

¹⁵ Disponível em <https://vimeo.com/18873391>. Acesso em 08/09/2018

Um outro exemplo é uma categoria de vídeos do Youtube produzida pelos denominados “poopers” (ARAUJO, 2016). A vertente nacional desse estilo de vídeo é bastante peculiar, bastando procurar pela sigla “YTPBR” (YouTube Poopers BR) no YouTube.

Figura 10: “YTPBR - Mais Fatos conhecidos e nem um pouco interessantes”, 2018

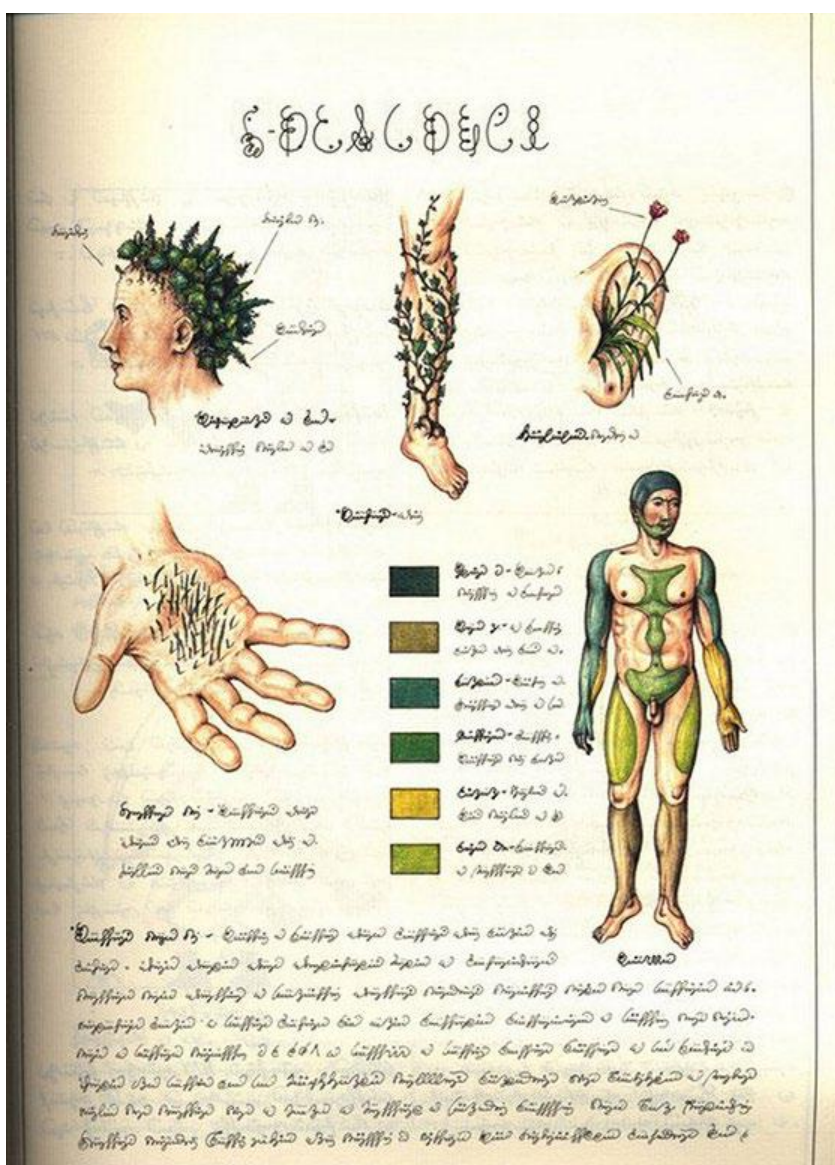


Fonte: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bfyAyHyNorU>. Acesso em 08/09/2018

Basicamente eles usam material audiovisual da cultura pop, mesclam com diversas referências e aplicam diferentes efeitos de distorção assim como interferência visual e sonora por meio de editores de vídeo. O resultado é algo entre o engraçado e o bizarro. Mas, em seu cerne, são essencialmente aleatórios.

Os vídeos são mídias que favorecem o Nonsense Multicontextual devido ao ritmo e a expectativa de ideias encadeadas, sequenciais e possivelmente encaixadas numa narrativa. Mas também temos exemplos como o livro *Codex Seraphinianus*, do italiano Luigi Serafini, publicado em 1981.

Figura 11: uma das páginas indecifráveis do livro. Todas as páginas são igualmente indecifráveis.



Fonte: disponível em <http://www.desenhoonline.com/site/codex-seraphinianus-o-livro-ilustrado-mais-estranho-mundo>. Acesso em 08/09/2018

Da primeira à quarta capa, o pouco conteúdo efetivamente legível é o estritamente necessário para tornar o livro um produto comercializável (como código de barras e editora). Todo o livro parece ter sido feito numa espécie de código a ser decifrado, revelando mistérios de um mundo desconhecido. Um Atlas científico perdido de uma dimensão onírica Poderia ser um exemplo de Nonsense Paracontextual, todavia o livro publicado em 1981 ainda não conta com uma Pedra Roseta para desmistificar os símbolos com que foi escrito, os desenho de criaturas improváveis ou qualquer outro tipo de explicação. Enquanto não houver uma forma de decifrá-lo, caso realmente exista, é apenas aleatório.

3.2. Horror e Humor

É possível inferir a existência de Nonsense nessas duas esferas narrativas. Mesmo que nem sempre de maneira explícita, essencialmente ambos os gêneros lidam com quebras de expectativa e, portanto, estão correlacionadas ao nonsense.

O Nonsense Paracontextual se faz presente em algumas narrativas de horror. Uma personagem/situação horrorosa, estranha ao personagem gerador de catarse¹⁶, frequentemente age/existe dentro de parâmetros desconhecidos inicialmente. A angústia e suspense entre a apresentação da personagem/situação horrorosa e sua eventual resolução estão num espectro paracontextual.

“Para Carroll, o monstro do horror seria uma criatura cuja existência não seria sustentada pela ciência contemporânea, e provocaria, ao mesmo tempo, as reações de medo e repulsa.” (CARROL *Apud* AYRES, [s.d.]).

Quando Noël Carrol, autor de “A filosofia do horror ou paradoxos do coração”, categoriza o monstro como figura alheia a “ciência contemporânea” endossa que a figura monstruosa quebra as expectativas socialmente aceitas e passíveis de reprodução (independentemente de crenças ou mitos). Como normalmente lhes é atribuída alguma motivação (como a reprodução, no caso dos Xenomorfos¹⁷ da série de filmes “Alien”; a alimentação do Drácula e outros vampiros; a maldade como a dos fantasmas de Atividade Paranormal; a psicopatia vista em Chucky do filme Brinquedo Assassino; etc), existe um contexto coerente no qual esses personagens/situações existem, situando-os fora da aleatoriedade.

Autores que exploraram fortemente a angústia que reside na incompreensão, levando a quebra de expectativa literalmente a patamares cósmicos foram Robert Chambers e, mais conhecidamente, H. P. Lovecraft. Com o horror cósmico, Lovecraft leva alguns personagens à loucura por

¹⁶ “Segundo Aristóteles [...] a Catarse é o meio através do qual o Homem purifica sua alma, através da representação trágica.” Disponível em <https://www.infoescola.com/filosofia/catarse/>. Acesso em 08/09/2018

¹⁷ Os Alienígenas de cabeças alongadas, sem órbitas oculares, caudas pontiagudas e de sangue ácido.

vislumbrarem uma verdade inaceitável à condição humana, um contexto de complexidade tão alheio ao que nos é cognitivamente permitido em que a única resposta a ser dada é a insanidade. A saber, a raça humana é apenas mais uma das raças inteligentes a habitarem a Terra e seres ancestrais de vida contada em eras é que possuem algum protagonismo universal. Um deslocamento do protagonismo humano semelhante ao que fez o Heliocentrismo ao Geocentrismo, porém potencializado.

Figura 12 Cthulhu, criatura colossal dos contos de H.P.Lovecraft



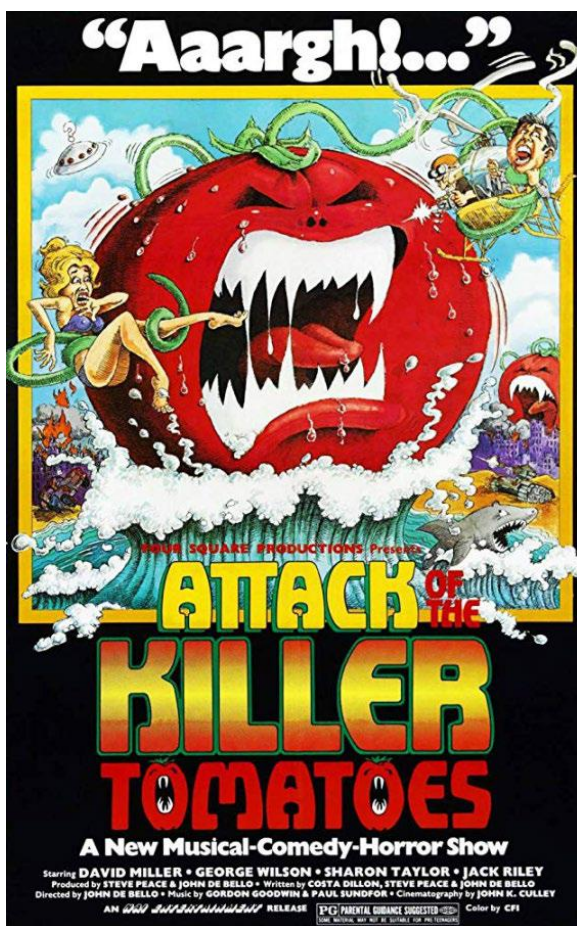
Fonte: disponível em <https://funnyjunk.com/channel/campfire/Sea+spook/hxitLuk/>. Acesso em 08/09/2018

Já no humor, Henri Bergson aponta o riso como uma forma de lapidação social, através do embaraço. Isso nos leva ao entendimento de que existe uma expectativa social e que, para sua manutenção, surgiu um sistema de correção de desvios dessa expectativa. Esse sistema ocorre através de certos eixos: imitação, repetição, situação invertida, interferência recíproca, ambiguidade e absurdo (BERGSON, 1900). Destes, vale destacar a “situação invertida” como exemplo canônico de Nonsense Metacontextual, no qual papéis são invertidos e, por exemplo, um ladrão é assaltado.

Vale também destacar a “ambiguidade”, quando uma mesma situação serve a dois contextos distintos, simultaneamente, para 2 interlocutores diferentes. É um exemplo claro da circunstância de Nonsense Paracontextual.

É conveniente citar também o gênero cinematográfico conhecido como “Trash”, onde Horror e Humor se mesclam de maneira indissociável. Mesmo não havendo uma intenção humorística objetiva, esse “pseudo-horror” apela para o exagero e o absurdo de modo que o contexto sinistro é subvertido numa sátira jocosa da circunstância inicialmente proposta. Temos como exemplo o filme “O Ataque dos Tomates Assassinos”.

Figura 13: Poster de O Ataque dos Tomates Assassinos (Attack of the killer tomatoes, 1978)



Fonte: disponível em <https://www.imdb.com/title/tt0080391/mediaviewer/rm1839472384>. Acesso em 08/09/2018

Numa paródia à ao clássico do terror “Os Pássaros” (“The Birds”, 1963) dirigido por Alfred Hitchcock, num clima de tensão semelhante, onde o humor se constrói na medida que a plausibilidade desmorona.

O horror (normalmente diferenciado do terror pelo aspecto sobrenatural, em oposição ao aspecto psicológico do segundo (AYRES, [s.d.])), o sexo, o grotesco e a violência são temas frequentes nas produções Trash, possivelmente por terem certos tabus associados. Ao inserí-los em produções que indiscriminadamente fazem uso do exagero, a facilidade com que se explora a quebra de expectativa consolida esse gênero.

4. Kit de Iniciação ao Nonsense

Durante o processo de pesquisa sobre o Nonsense, como poderia este tema render uma produção prática? Uma das habilidades mais importantes, se não a maior de todas, desenvolvida ao longo do curso de Comunicação Visual Design é o consumo, digestão/internalização e exteriorização de referências, de modo que objetivamente se cumpra um projeto ou plano. Particularmente, isso define os comunicadores visuais/designers fora do espectro em que se encontram, tecnicamente, os operadores de *softwares* gráficos e do que, mercadologicamente, se encontram os artistas plásticos. Os primeiros prescindem de contextualização artística e histórica para obter sucesso enquanto os últimos, depois do surgimento da arte conceitual, munidos apenas de embasamento e justificativa podem obter sucesso enquanto artistas plásticos. Os designers da Escola de Belas Artes, possivelmente vagando entre os dois extremos, conciliam seus conceitos, embasamento histórico e referencial numa aplicação tecnicamente aceitável para um *briefing* prévio. Em outras palavras, as da designer Mônica Moura¹⁸.

“Sem o projeto não há como o design estabelecer uma relação com a tecnologia e com a arte, a não ser como um exercício aleatório repleto de puro tecnicismo ou do livre fazer criativo”. (MOURA, [s.d.]

Portanto, fez-se necessário a formulação de um projeto onde pudessem ser aplicados os conhecimentos e referências adquiridos durante a pesquisa. Um projeto aonde os conhecimentos gráficos adquiridos no curso pudessem ser aplicados e que possuísse mobilidade modular, de modo que as possibilidades criativas continuassem em aberto ao longo dos desdobramentos proporcionados pelo tema. Uma lancheira ou maleta atenderia esse critério. As primeiras materializações palpáveis seriam reproduções dos clichês nonsenses, encarnados em personagens específicos. Elementos que frequentemente estavam presentes quando explicitamente se faz uma referência ao Nonsense enquanto tema narrativo: arco-íris, olhos flutuantes, espaço sideral, unicórnios, bananas, fórmulas matemáticas entre outros.

¹⁸ Desambiguação: <https://web.facebook.com/monica.moura.7545> e não <https://web.facebook.com/monica.moura.7393>

Músicas de temática nonsense estiveram presentes nos primeiros esboços projetuais e permaneceram. Um improvável e pouco prático disco de vinil poderia contê-las. Deveria haver também alguma referência aos Ready Mades de Duchamp ¹⁹ e à estranheza das esculturas surrealistas de Dalí (“Arteeblog: A história do ‘Telefone Lagosta’ de Salvador Dali”, 2015). A intervenção numa máscara de látex industrializada e uma camada de pêlos na estrutura que armazenasse todos os itens seriam suficientes. Outro item necessário era algum que contestasse a linearidade das narrativas e isso foi possível por meio de um flexágono (JACKSON, 2013). No projeto também seria bem-vinda um referência ao absurdo cotidiano que muitas vezes supera a ficção cuidadosamente elaborada, como afirmou Juliano Cazarré: "A vida real costuma ser mais absurda que a ficção"²⁰

Em 1961, George Maciunas nomeia o movimento artístico Fluxus. Tendo seu manifesto publicado apenas em 1963, continha ideias como a “antiarte” e forte crítica a elitização da arte (DEMILLY, 2016).

¹⁹ READY-MADE . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5370/ready-made>>. Acesso em: 18 de Nov. 2018. Verbetes da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

²⁰ Disponível em <https://anamariabraga.globo.com/acorda-menina/noticias/juliano-cazarre-mariano-o-outro-lado-do-paraiso-novela>. Acesso em 18/11/2018

Figura 14: Manifesto Fluxus

Manifesto:

2. To affect, or bring to a certain state, by subjecting to, or treating with, a flux. "Fluxed into another world." South.
 3. *Med.* To cause a discharge from, as in purging.
flux (flŭks), *n.* [OF., fr. L. *fluxus*, fr. *fluere*, *fluxum*, to flow. See FLUENT; cf. FLUSH, *n.* (of cards).] 1. *Med.*
a A flowing or fluid discharge from the bowels or other part; esp., an excessive and morbid discharge; as, the bloody *flux*, or dysentery. **b** The matter thus discharged.

Purge the world of bourgeois sickness, "intellectual", professional & commercialized culture, **PURGE** the world of dead art, imitation, artificial art, abstract art, illusionistic art, mathematical art, —
PURGE THE WORLD OF "EUROPANISM" !

2. Act of flowing; a continuous moving on or passing by, as of a flowing stream; a continuing succession of changes.
 3. A stream; copious flow; flood; outflow.
 4. The setting in of the tide toward the shore. Cf. REFLUX.
 5. State of being liquid through heat; fusion. *Rare.*

PROMOTE A REVOLUTIONARY FLOOD AND TIDE IN ART,
 Promote living art, anti-art, promote NON ART REALITY to be fully grasped by all peoples, not only critics, dilettantes and professionals.

7. *Chem. & Metal.* **a** Any substance or mixture used to promote fusion, e.g. the fusion of metals or minerals. (Common metallurgical fluxes are silica and silicates (acidic), lime and lime-tone (basic), and fluorite (neutral).) **b** Any substance applied to surfaces to be joined by soldering or welding, just prior to or during the operation, to clean and free them from oxide, thus promoting their union, as to an

FUSE the cadres of cultural, social & political revolutionaries into united front & action.

Fonte: disponível em <http://lounge.obviousmag.org/semiotizando/2012/05/fluxus-o-grito-da-antiarte.html>.

Acesso em 08/09/2018

Com raízes no Dadá e nos Ready Mades de Duchamp, evocava a idéia de que tudo poderia ser arte, todos poderiam fazer arte. Deste movimento originaram-se a videoarte, o minimalismo, a arte conceitual e as performances. O importante era dar vazão ao ímpeto criativo, seja na arquitetura, pintura, música, poesia, artes visuais, literatura, teatro, da forma que fosse, material ou não. Um dos frutos mais populares desse movimento foram as Fluxus Boxes, caixas, valises, maletas e etc contendo uma miscelânea de obras objetos, não necessariamente do mesmo artista.

Figura 15: Exemplo de uma Fluxus Box ou FluxKit, reunida por Maciunas



Fonte: foto © The Israel Museum, Jerusalem, by Oded Antman. Disponível em <https://www.imj.org.il/en/collections/388093>. Acesso em 08/09/2018

Inspirado nas produções do Grupo Fluxus, foi confeccionada uma maleta em referência às Fluxus Box, nas quais foram colocados elementos pertinentes ao universo do Nonsense.

4.1. A maleta

Para quebrar a expectativa associada a uma maleta, buscou-se explorar as alternativas sensoriais possíveis no suporte: subversão das cores, da textura e dos aviamentos.

Uma maleta de MDF com tampo interno (abaixo do tampo da própria maleta) foi coberta com tecido pelúcia amarelo-ovo, por toda área externa e nas laterais internas.

Figura 16: produção da maleta



Fonte: autoria própria

O tampo interno foi forrado com tecido micro telado verde neon. A caixa foi forrada internamente com tecido de microfibra de poliéster, também verde neon. Utilizou-se como referência a coleção “Stuffed Toys” de 2002 dos Irmãos Campana, que subvertem o revestimento de couro usualmente encontrado em cadeiras pelos próprios animais, de pelúcia. Uma vez que as malas de couro convencionais são feitas da parte externa de algum animal, essa prerrogativa foi mantida, sendo o animal agora um bicho de pelúcia qualquer.

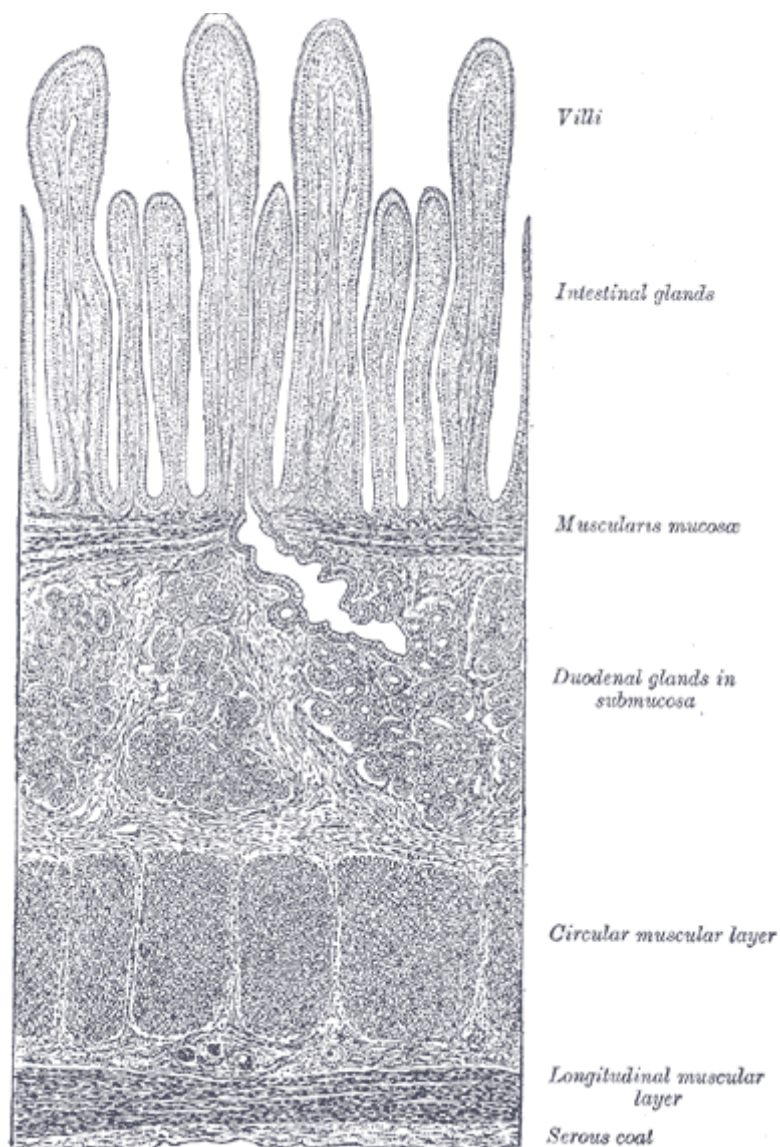
Figura 17: Cadeira Banquete Jacaré, da coleção *Stuffed Toys*, 2013.



Fonte: Disponível em <http://campanas.com.br/pt#limited%20editions>. Acesso em 18/11/2018

Na parte interna, reproduziu-se a textura interna de órgãos do sistema digestivo, as vilosidades e microvilosidades. Elas se assemelham à anêmonas.

Figura 18: seção da vilosidade de um gato (CARTER, [s.d.])



Fonte: disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=567008>. Acesso em 08/09/2018

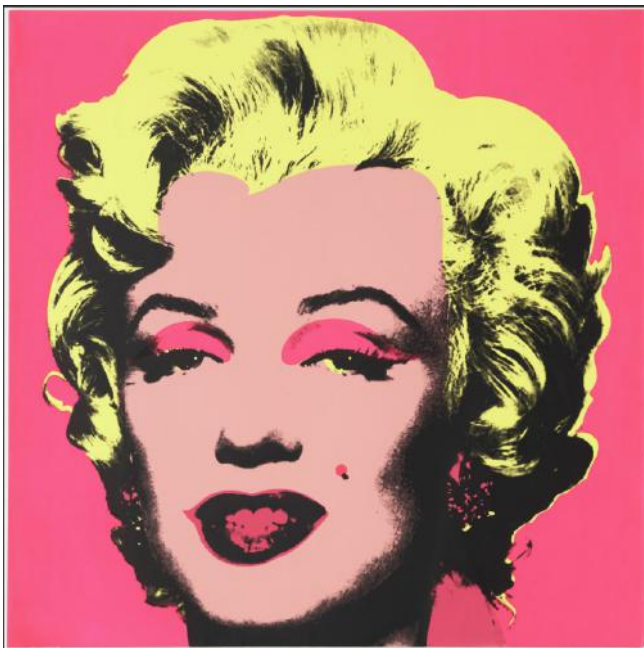
Já as cores foram inspirada na paleta do PopArt, com tons neons, vibrantes e pouco convencionais como aqueles encontrados nas pinturas de David Hockney, Andy Warhol e Roy Lichtenstein.

Figura 19: Natureza morta da coleção “82 retratos e uma natureza morta”, 2015. David Hockney,



Fonte: Disponível em <http://www.wlrn.org/post/whats-it-pose-david-hockney-we-asked-people-his-portraits>. Acesso em 18/11/2018.

Figura 20: Marilyn Monroe, 1967. Andy Warhol.



Fonte: Disponível em <https://www.moma.org/collection/works/61240>. Acesso em 18/11/2018.

Figura 21: Girl with Tear I, 1997. Roy Lichtenstein.



Fonte: Disponível em <https://www.guggenheim.org/artwork/2500>. Acesso em 18/11/2018

Figura 22: texturas internas da maleta



Fonte: autoria própria

Figura 23: a maleta



Fonte: autoria própria

Um último detalhe pode ser extraído da obra de Tom Wesselman, que também utiliza as cores vibrantes características da Pop Art, mas sua obras possuem um elemento polêmico e recorrente: mamilos.

Figura 24: Great American Nude #57, 1964. Tom Wesselmann. Os elementos mais contrastantes são os lábios (existe uma relação biológica entre lábios e mamilo), os mamilos e a flor cujo contraste básico assemelha-se à um mamilo.



Fonte: disponível em <http://www.tomwesselmannestate.org/artwork/1960s/>. Acesso em 18/11/2018

Figura 25: Bedroom Tilt Box, 1968-70. Tom Wesselmann. Um “mamilo” frontal e um lateral



Fonte: disponível em <http://www.tomwesselmannestate.org/artwork/1970s/>. Acesso em 18/11/2018

Para acomodar um dos itens da maleta, foi feito um compartimento sob a tampa superior, cujo puxador assemelha-se também à um mamilo que pode ser dito pertencer ao mamífero de pelúcia do qual foi feito todo o revestimento da maleta

Figura 26: compartimento sob a tampa superior, com um puxador semelhante à um mamilo.



Fonte: autoria própria

Figura 27: detalhe do puxador/mamilo



Fonte: autoria própria

Figura 28: Maleta finalizada. Fechada, aberta e expondo o compartimento ocluso.



Fonte : autoria própria

4.2. O Disco

A mídia mais coerente para a gravação de uma única música no contexto Nonsense é obviamente um disco de vinil, devido a sua versatilidade e pouca praticidade. Utilizando-se um disco de vinil é possível suscitar questões sobre a utilidade e a praticidade. “Por que não usamos mais vinil?” pode ser respondido pela dificuldade de reprodução, com manuseio de uma agulha num dispositivo que dificilmente é portátil. Outro inconveniente dessa mídia é a baixa capacidade de armazenamento de dados, visto que um vinil de 10 polegadas consegue armazenar apenas uns 40 minutos de áudio (20 minutos em cada lado) sendo que um CD armazena algo em torno de 80 minutos na face útil. Sendo possível, a manufatura do vinil deveria ser triangular ou quadrada, em material verde opaco ou transparente.

A afinidade entre o design e a praticidade pode parecer “natural”, mas está longe de ser uma regra atemporal. É possível decompor a máxima, símbolo da Bauhaus, “A forma segue a função” do arquiteto Louis Sullivan. O

resultado pode ser visto nas obras de Katerina Kamprani, em sua série de “objetos desconfortáveis”:

Figura 29: Garfo-corrente (Chain Fork), 2017. Katerina Kamprani.



Fonte: disponível em <https://www.theuncomfortable.com/portfolio/chain-fork/>. Acesso em 18/11/2018

Poucas coisas são tão providas de sentido prático e racional quanto a forma à favor da funcionalidade. Principalmente após o fim da Primeira Guerra Mundial, em que numa Alemanha derrotada e endividada, era necessário que tempo e recursos fossem otimizados, não havendo espaço nesse momento para ornamentos. Nesse contexto surgiu a Bauhaus. Se um tubo de aço retorcido atendia à necessidade social de cadeiras, a custos e tempo minimizados, esse foi o momento em que não haveria nenhum obstáculo para esse novo modo de pensar (BAITELLO, 2014).

Contudo, esse não é o fim da história da arte²¹. Assim como o advento da fotografia propiciou novas questões sobre a representação imagética (PORTO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1994), o fim da necessidade objetiva de funcionalidade (o problema atual é mais sobre excessos do que sobre escassez²², a falta de recursos do pós guerra deu lugar ao excesso de “materialidades” que tempos de abundância proporcionam) nos leva a rever o quanto efetivamente precisamos que a materialidade que nos rodeia seja

²¹ Referência frugal ao Hans Belting, que disserta criticamente sobre a história da arte e a arte contemporânea. O Fim da História da Arte, 2012, publicado pela Cosac Naify.

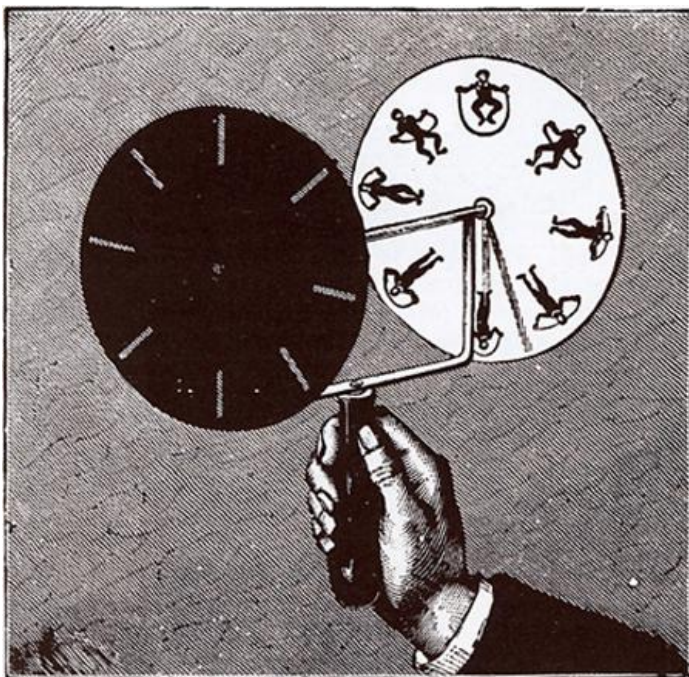
²² Reportagem da Revista Galileu revela que a ilha de plástico no oceano pacífico é maior do que o previsto. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2018/03/ilha-de-lixo-no-oceano-pacifico-e-16-vezes-maior-do-que-se-imaginava.html>. Acesso em 18/11/2018

prática e funcional. Ao fugir desses parâmetros, encontramos facilmente com o Nonsense.

A faixa escolhida para ser gravada no vinil é “Acorda Siva Maria” de Rogério Skylab. Essa música alude à dois elementos muito importantes do quadro surrealista: o onírico - “Acorda, Siva Maria...” e a farsa/ilusão - “Mentira! Mentira! Mentira!”. Skylab revelou numa entrevista do Programa do Jô que a música foi baseada no hábito de uma tia para com sua irmã Siva Maria, pregando-lhe a peça de acordá-la frequentemente sem necessidade, enquanto o próprio Skylab dormia numa cama ao lado da de sua irmã.

A arte da parte central do disco é baseada numa tecnologia inventada por Joseph Plateau, como parte de seus experimentos sobre a persistência da retina: o fenaquistiscópio (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 84). Basicamente, um disco com imagens nas bordas cuja visualização através de uma fenda permite perceber uma sequência animada.

Figura 30: fenaquistiscópio.



Fonte: disponível em http://www.ufrgs.br/exposicao-alanturing/desafio.php?conteudo=animacao_2d&aula=1. Acesso em 18/11/2018

A imagem utilizada é a de Sísifo, empurrando sua pedra, eternamente. Porém, como não há o anteparo necessário para a visualização da animação, esse torna-se um elemento adicional de falta de sentido.

Figura 31: Disco de fenaquistiscópio.



Fonte: disponível em <https://gifer.com/en/PVw9>. Acesso em 18/11/2018

Figura 32: Disco finalizado, acoplado ao compartimento ocluso da maleta.



Fonte : autoria própria

4.3. O Cartão

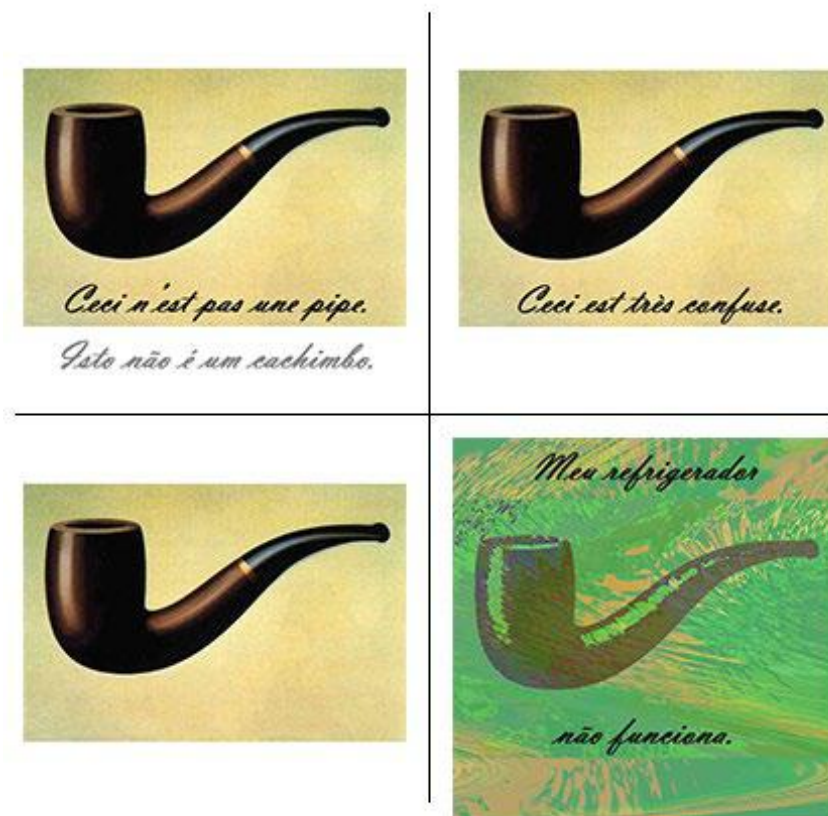
O seguinte cartão foi pensado objetivando atacar um elemento do sentido que ocorre muito naturalmente: a narrativa. A fim de se perturbar a elaboração compulsória de sentido e estruturas com início, meio e fim de imagem apresentadas sequencialmente, aproveitou-se a estrutura de um flexágono (JACKSON, 2013. p. 13), uma “dobradura infinita”²³.

A dobradura em questão é constituída de 4 faces possíveis, dentro de um layout de frente e verso. Ao dobrarmos (em eixos alternados - vertical e horizontal) do centro para as extremidades, uma nova face é mostrada. Não dispondo da informação de quantas faces são ao todo, a ideia é desorientar quem estiver manipulando o cartão e quebrar a expectativa de que aquelas imagens sequenciais representem uma narrativa quando na verdade são apenas um *loop* de imagens bastante parecidas.

A imagem escolhida foi “A traição das imagens”, de René Magritte. Não há uma “primeira” imagem, pois qualquer uma pode servir de ponto inicial da ação. Apesar disso, para que seja possível elencá-las, consideremos que a primeira é uma reprodução fiel da obra de Magritte, na segunda a frase “Ceci n’est pas une pipe” foi alterada para “Ceci est très confuse” (“Isso é muito confuso”, em tradução livre), a terceira mostra apenas o cachimbo sem frase alguma e a quarta imagem mostra a frase “Meu refrigerador não funciona”(BAPTISTA; LEE; DIAS, [s.d.]) (referência a música “Meu refrigerador não funciona” de interpretada por Os Mutantes, composta por Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sergio Dias), ao invés da frase original assim como tons de verde translúcidos interferindo sobre a imagem.

²³ Tutorial em <https://www.youtube.com/watch?v=Wqo-KcYmO7w>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 33: faces do cartão



Fonte: autoria própria

Evoca-se também um pouco do que há na série bichos, de Lygia Clark, subvertendo em sentido nenhum os vários sentidos encontrados na mutação da obra dela, independentemente das mutações sofridas pelas faces do cartão. Enquanto Lygia fertiliza e semeia o terreno das interpretações subjetivas, o mesmo terreno, no cartão, é objetiva e radioativamente estéril.

“Um organismo vivo, uma obra essencialmente atuante. Entre você e ele se estabelece uma integração total, existencial. Na relação que se estabelece entre você e o Bicho não há passividade, nem sua nem dele” (Lygia Clark, 1960)

O verde foi escolhido para a interferência mais drástica na 4ª imagem por pertencer ao imaginário popular de radioatividade, compondo juntamente com a escolha da banda que empresta um trecho de música à essa face (Os Mutantes) a idéia principal da peça, a aleatoriedade.

Figura 34: abertura da série “Os Simpsons”, trecho que se passa dentro da usina nuclear da cidade.



Fonte: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DX1iplQQJTo>. Acesso em 18/11/2018

Essa quebra aleatória na narrativa tem raízes nas produções cinematográficas pertencentes ao surrealismo, como “A Concha e o Clérigo” (ARTAUD; DULAC, 1928), “Um Cão Andaluz” (BUÑUEL; DALÍ, 1929) e, posteriormente, “Empire” (WARHOL, 1965), saindo de uma narrativa oniricamente quebrada indo em direção à uma quase nulidade de narrativa (nos primeiros, uma série de sequências parcamente conexas e de lógica improvável, como efetivamente ocorre nos sonhos, enquanto o último é exposto o Empire State Building numa câmera fixa e plano sequência, por 8 horas).

Figura 35: a estrutura do cartão forma um "H", impresso em todas as superfícies visíveis.



Fonte: autoria própria

Figura 36: cartão flexágono finalizado.



Fonte: autoria própria

4.4. Os personagens

Partindo-se de alguns clichês encontrados principalmente em animações que exploram o humor nonsense. Assim como os conceitos classificatórios do Nonsense, foram desenvolvidos 3 personagens. Os elementos clichês escolhidos foram um olho flutuante (baseado na técnica de colagem, numa abordagem Multicontextual), bananas (com algumas referências ao pintor René Magritte, numa abordagem Metacontextual, subvertendo o eixo de construção, normalmente vertical quando uma banana é utilizada como base para um personagem) e unicórnios (utilizando uma intervenção num objeto industrializado, sob o escopo dos Ready Mades de Marcel Duchamp e numa abordagem Paracontextual, onde o histórico misterioso do personagem serve para dar-lhe profundidade, torná-lo uma “personagem esférico” (CÂNDIDO, 2000).)

Durante o início do curso, a participação no projeto Jovens Talentos, foi possível desenvolver um projeto sobre *Concepts* de personagens para vídeo-games. Como já havia um interesse prévio no Design de personagens em si, era irresistível a possibilidade de unir o gosto pessoal, o conhecimento adquirido com o projeto acadêmico e a necessidade de uma criação prática para a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso.

Partindo-se desse ponto, foram observados os elementos que compõem o Nonsense de maneira explícita, para além das classificações desenvolvidas anteriormente. Nos Cartoons, por exemplo, são extremamente comuns a quebra das leis da física, inconsistências anatômicas, quebra da quarta parede... Como então definir o que poderia ser considerado deliberadamente nonsense? Uma possibilidade era demarcar transições narrativas quanto à densidade de nonsense. Perceber quando, mesmo para os padrões e regras usuais em cada obra, tentou-se ir um pouco além na quebra de expectativas. Na série “Apenas um Show”, frequentemente quando se aproxima o *Deus Ex Machina* de um episódio, a paleta de cores muda e a estranheza dos acontecimentos é intensificada. Na abertura da série “Rick e Morty”, encontram-se flutuando no espaço sideral elementos aleatórios, não no sentido de contextualizar algum acontecimento que tivesse como consequência

aqueles elementos terem ido parar ali, pois um desses elementos é uma equação matemática (que não costumam existir materialmente, nem mesmo em Letreiros). Na série “Titio Avô”, um dos personagens se chama “Tigresa Voadora Gigante Surreal” (*Giant Realistic Flying Tiger*), numa possível referência ao quadro de Dalí “Sonho Causado pelo Vôo de uma Abelha ao Redor de uma Romã”, não apresenta seus movimentos animados, como os outros personagens. Os momentos em que esta personagem aparece são apenas sequências fotográficas realistas interagindo com os outros personagens.

Figura 37: Titio Avô montado na Tigresa Voadora Gigante Surreal, de propulsão à arco-íris.



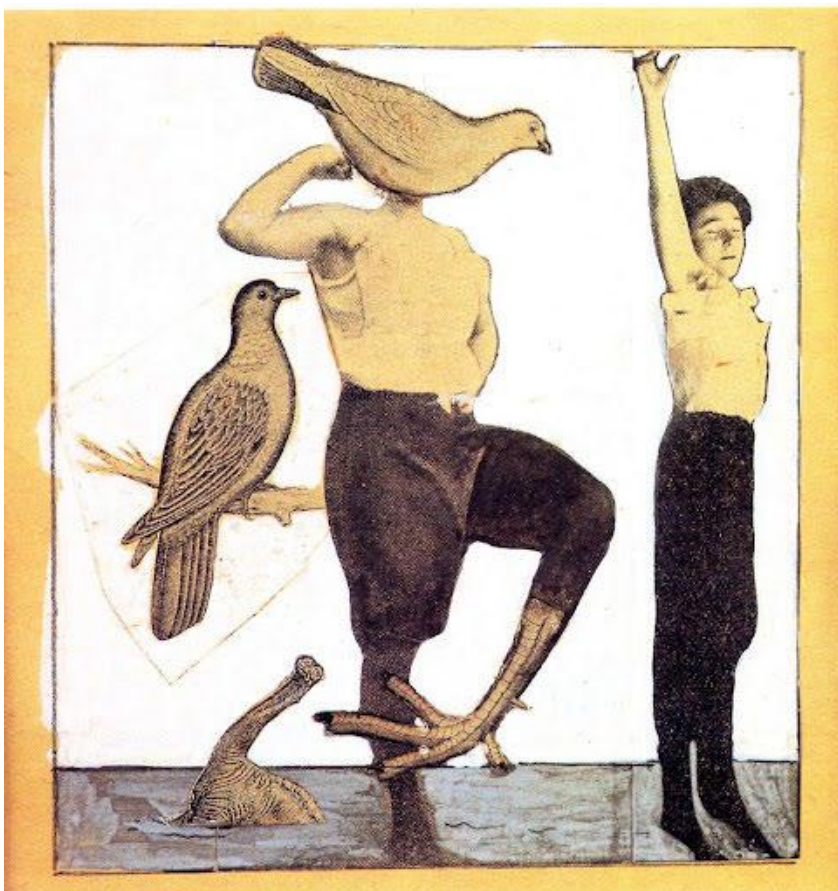
Fonte: disponível em https://www.cartoni.wiki/Uncle_Grandpa_Theme_Song_617_acessoem 18/11/2018

Essas peculiaridades combinadas aos elementos de aparição recorrentes, associadas às referências históricas de onde o nonsense se origina, fomentaram a criação dos 3 personagens seguintes.

4.4.1 Gradiva

O primeiro dos clichês utilizados explora a colagem (presente fortemente no Dadaísmo), os olhos e as nádegas. A colagem permitiu aos dadaístas criar amálgamas de elementos absolutamente desconexos, cuja expectativa já não podia ser mais prevista. Por exemplo, em *Fatagaga* (1920) de Marx Ernst:

Figura 38: *Fatagaga* de Marx Ernst, 1920



Fonte: disponível em <http://antoncalia.blogspot.com/2011/10/dada-new-collage-of-aesthetic-self.html>. Acesso em 08/09/2018

Mesmo o antropomorfismo é uma aproximação de entendimento falha da obra de Ernst. A colagem, utilizando-se muito da fotografia, permite subverter significados previamente estabelecidos, de figuras originais coerentes (o pássaro e o homem).

Outros dois elementos bastante presentes quando se pretende denotar nonsense são globos oculares flutuantes e glúteos (por exemplo: o olho flutuante na abertura de “Rick e Morty”, a encarnação extradimensional do

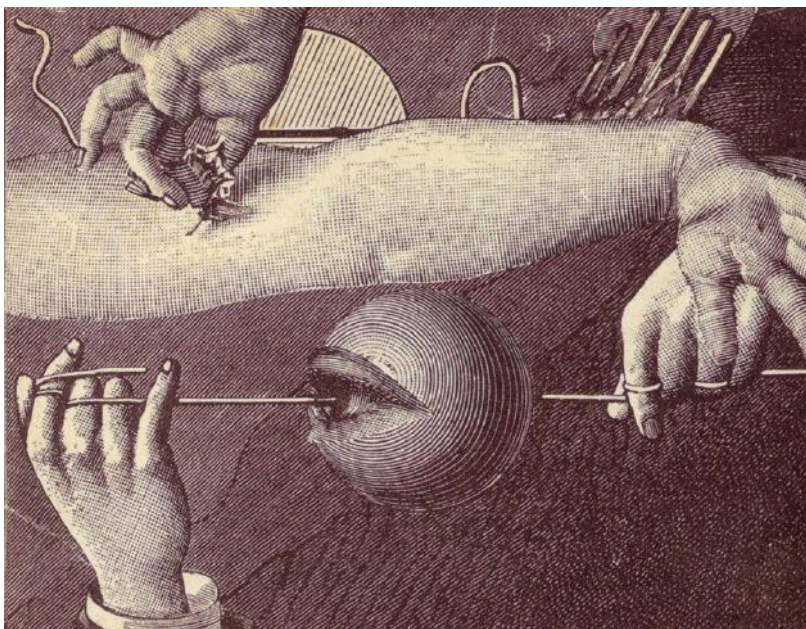
caos Bill Sypher de “Gravity Falls”, as trombetas angelicais de “Monty Python – em busca do cálice sagrado” e o tirano rei golblin Xergiok, obsessivo em dar palmadas aleatórias nos seus súditos em “Hora de Aventura”). Através de uma “colagem” desses elementos foi construída a base da personagem **Gradiva**.

Os olhos possuem inúmeras referências, possivelmente pela sua importância na maneira como vivenciamos o mundo e a sociedade:

Sabe-se que a relação do olho com o cérebro é íntima, estrutural. Sistema nervoso central e órgãos visuais externos estão ligados pelos nervos ópticos de tal sorte que a estrutura celular da retina nada mais é que a expansão da estrutura celular do cérebro. O anatomista norte americano Stephen Poliak chegou a admitir a hipótese revolucionária de que o tecido cerebral resultou de uma evolução dos olhos em pequenos organismos aquáticos que viveram a mais de um bilhão de anos atrás. Quer dizer: não foi o cérebro que se estendeu até a formação do órgão visual, mas, ao contrário, foi o olho que se complicou extraordinariamente dando origem ao córtex onde, supõe-se, estaria a sede da visualidade (BOSI *Apud* MIRANDA, 2001).

Alguns dos exemplos são listados abaixo.

Figura 39: ilustração de Marx Ernst, 1922



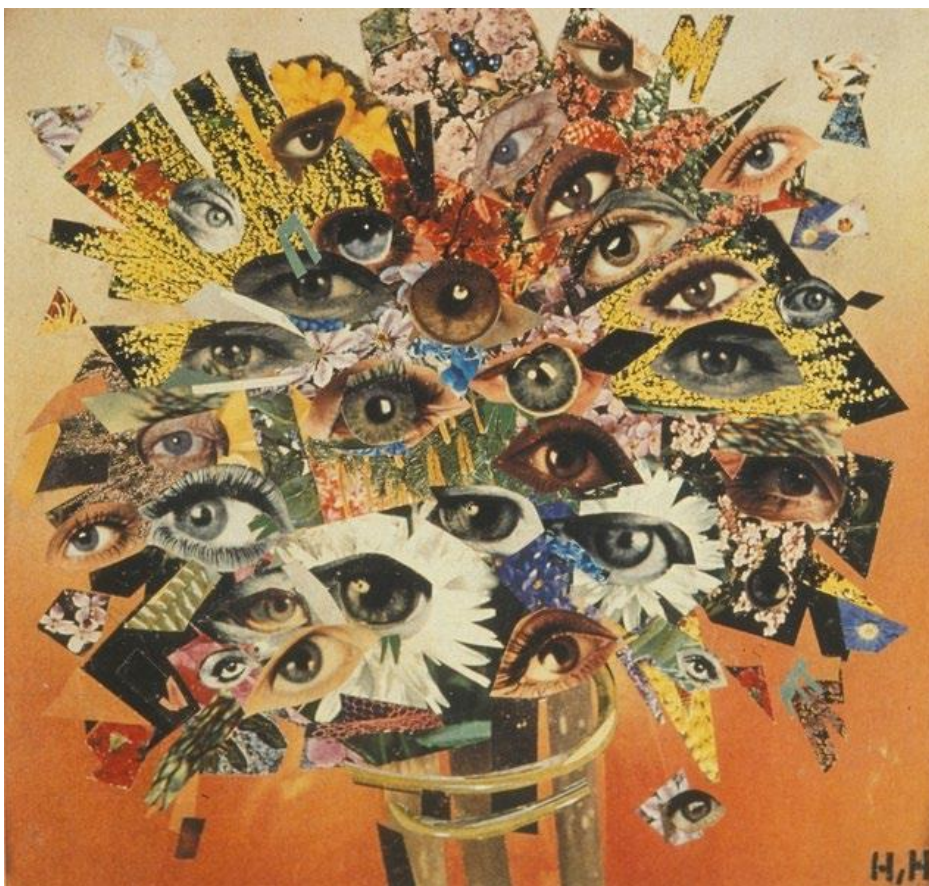
Fonte: disponível em <http://50watts.com/filter/ernst/Repetitions>. Acesso em 08/09/2018

Figura 40: frame de Um cão andaluz, 1929



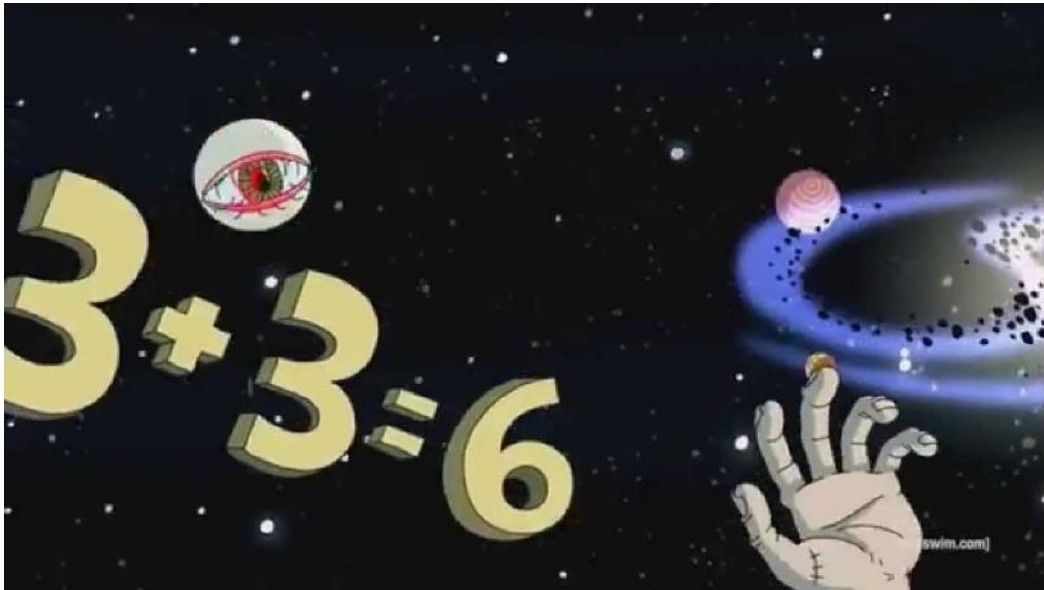
Fonte: disponível em <https://guaja.cc/cursos/cinema-e-psicanalise/>. Acesso em 08/09/2018

Figura 41: Bouquet Of Eyes, de Hannah Hoch, 1930,



Fonte: disponível em <https://theartstack.com/artist/hannah-hoch/bouquet-eyes-1930>. Acesso em 08/09/2018

Figura 42: Abertura de Rick e Morty



Fonte: disponível em Netflix.com. Acesso, 08/09/2018

Figura 43: Bill Cipher, antagonista da série Gravity Falls.



Fonte: disponível em http://pt.gravityfalls.wikia.com/wiki/Bill_Cipher. Acesso em 08/09/2018

Figura 44: Monoculus, inimigo no jogo Team Fortress 2, 2011



Fonte: disponível em <https://wiki.teamfortress.com/wiki/MONOCULUS/pt-br>. Acesso em 08/09/2018

Figura 45: Vilão “Zero2” em Kirby 64: the Crystal Shards



Fonte: disponível em <http://kirby.wikia.com/wiki/Zero2>. Acesso em 08/09/2018

Figura 46: vilão Shuma-Gorath, um Senhor do Caos nas histórias em quadrinho da Marvel Comics



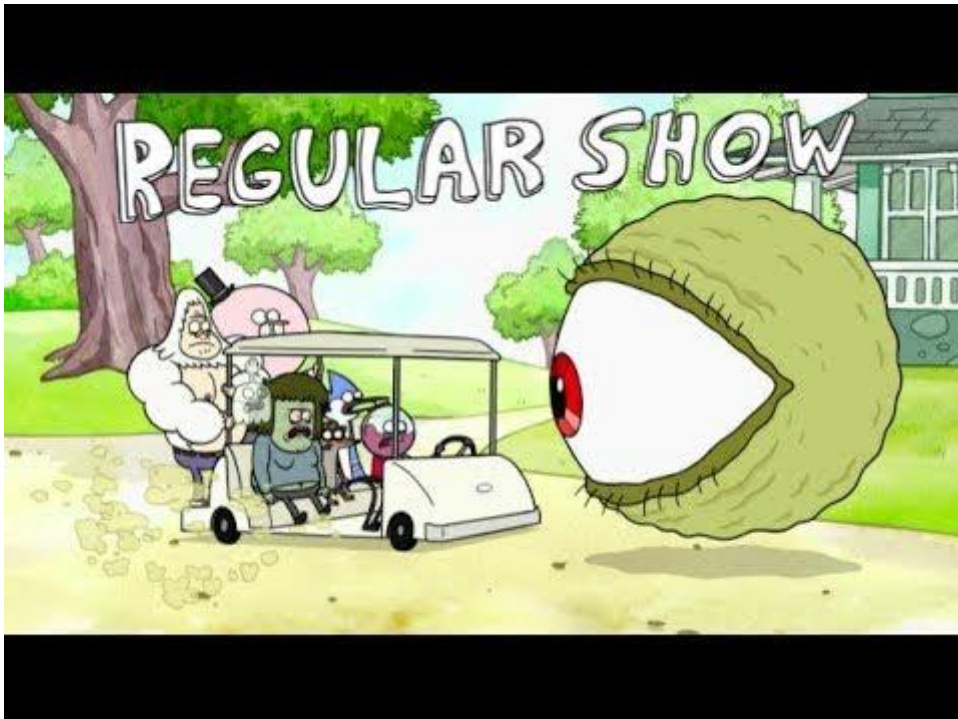
Fonte: disponível em <http://marvelscapcom.wikia.com/wiki/Shuma-Gorath>. Acesso em 08/09/2018

Figura 47: William, personagem secundário em O Incrível Mundo de Gumball



Fonte: disponível em <http://pt-br.gumball.wikia.com/wiki/William>. Acesso em 08/09/2018

Figura 48: vilão Peeps, em Apenas Um Show



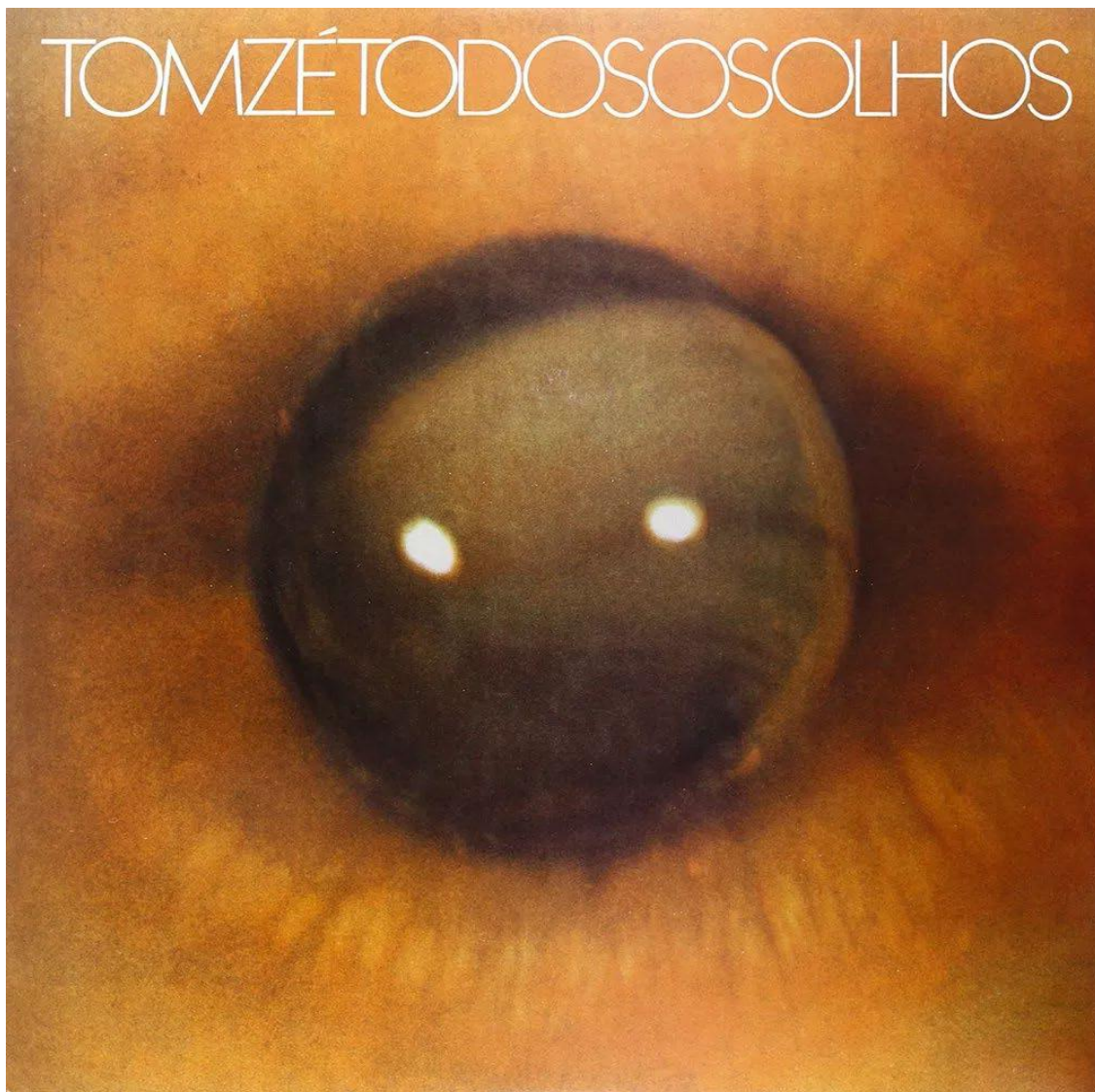
Fonte: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ehkqOLi8CyA>. Acesso em 08/09/2018

Figura 49: colagem de Andrew Logan, no livro Fashionable Selby



Fonte: livro FASHIONABLE SELBY, do autor: DOONAN, SIMON;2014

Figura 50: capa do álbum “Todos os olhos”, Tom Zé, 1971



Fonte: disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/polemica-sobre-capa-de-album-todos-os-olhos-de-tom-ze-vira-debate-no-conversa-com-bial.ghtml>. Acesso em 08/09/2018

A nudez, pelos tabus sociais envolvidos e a classificação etária de produções originalmente para crianças, está menos presente. Mesmo assim não deixam de aparecer nádegas:

Figura 51: Abertura da terceira temporada de Rick e Morty



Fonte: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=66KcDdAdTc>. Acesso em 08/09/2018

Figura 52: frame de Sanjay e Craig, Temporada 1 episódio 01, "Brett Venom M.D.", otransplante de bumbum



Fonte: disponível em <http://nickisgoingdownhill.blogspot.com/>. Acesso em 08/09/2018

Figura 53: O antagonista Bum Defora ou "Red Guy" de "A vaca e o frango" e "Eu sou o Máximo!", 1996



Fonte: disponível em http://cow-and-chicken.wikia.com/wiki/Red_Guy. Acesso em 08/09/2018

Figura 54: ,Babão, macaco antagonista de "Eu sou o Máximo!",1996



Fonte: disponível em http://cow-and-chicken.wikia.com/wiki/I.R._Baboon. Acesso em 08/09/2018

Figura 55: Keijo, um anime sobre um esporte análogo ao sumo baseado em golpes com peitos e glúteos.



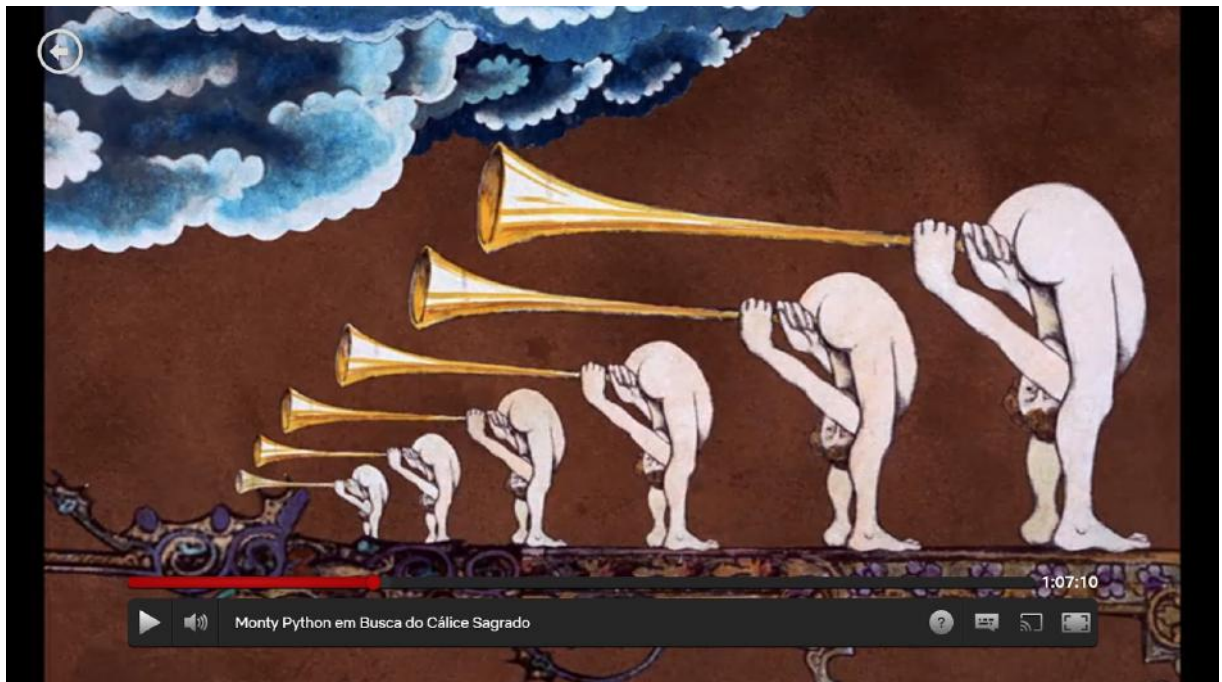
Fonte: disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Keijo_\(manga\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Keijo_(manga)). Acesso em 08/09/2018

Figura 56: frame de uma das lutas presentes no anime Keijo.



Fonte: disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Keijo_\(manga\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Keijo_(manga)). Acesso em 08/09/2018

Figura 57: trombetas celestiais num frame de " Monty Python - em busca do cálice sagrado"



Fonte: Monty Python - em busca do cálice sagrado. Disponível me Netflix.com. Acesso em 08/09/2018.

Utilizando como matéria prima Clay, foi feita uma miniatura.

Figura 58: construção da miniatura da personagem Gradiva



Fonte: autoria própria

Figura 59: construção da miniatura da personagem Gradiva

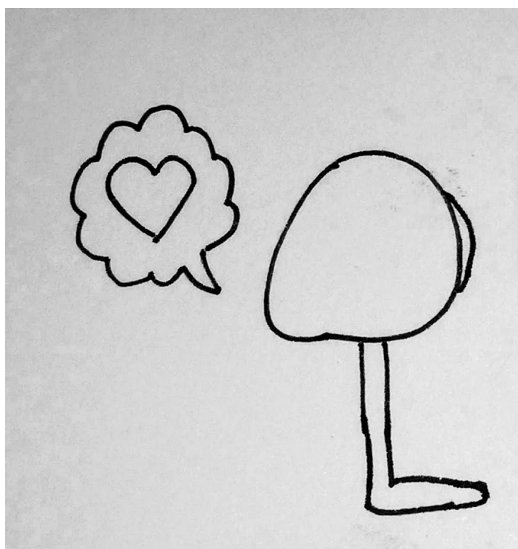


Fonte: autoria própria

O nome "Gradiva" tem origem do latim "aquela que avança" e faz referência à esposa de Dalí, Gala, que já foi descrita por Paul Eluard, seu ex marido, como "mulher cujo olhar perfura os muros"(FIONA, 1999). Para utilizar como referência esta afirmação de Eluard, ela seria cria portais interdimensionais de formato triangular para se locomover entre diferentes dimensões e perfurar qualquer muro. A aparência interna desses portais é de

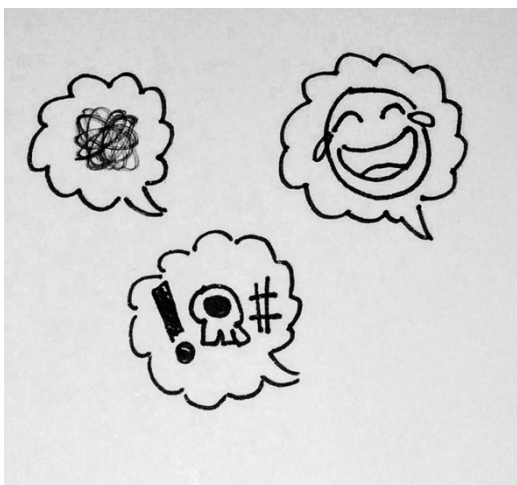
estática de TV ou um Color Bar. Como não há uma boca, ela se comunica apenas por emojis, graficamente representados dentro de uma aglutinação dos balões de diálogo referentes ao de fala e ao de pensamento, conforme a ilustração:

Figura 60: vista lateral da personagem Gradiva e balões de fala/pensamento



Fonte : autoria própria

Figura 61: Balões de fala/pensamento



Fonte: autoria própria

Figura 62: Personagem Gradiva finalizada.



Fonte: autoria própria

4.4.2. B. Ananias

Outro dos clichês encontrados, principalmente em circunstâncias cujo contexto é alheio ao espectador, é a banana. Presente numa das primeiras obras do Surrealismo, a *Incerteza do poeta*, do italiano Giorgio de Chirico, representa simbolicamente o exótico. Aparece também em diversos elementos da cultura pop, frequentemente direcionando à quebra de expectativa com esse viés exótico.

Figura 63: A incerteza do Poeta, 1913



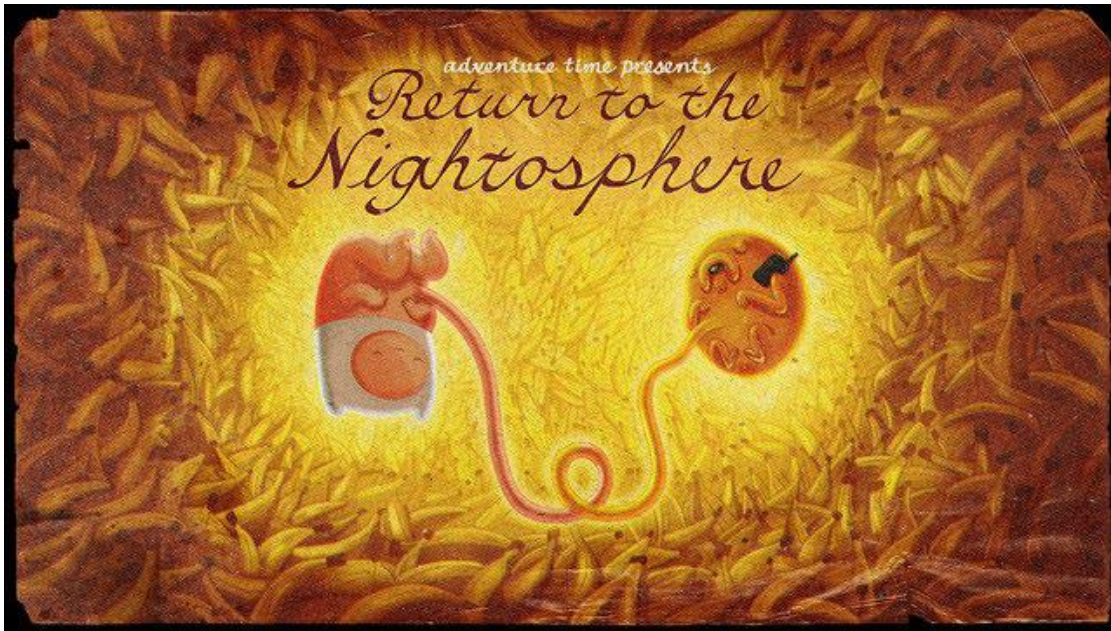
Fonte: disponível em <http://noblato.globo.com/noticias/noticia/2008/02/pintura-incerteza-do-poeta-giorgio-de-chirico-89905.html>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 64: Um tipo de punição bizarra na série Hora de Aventura, 2010



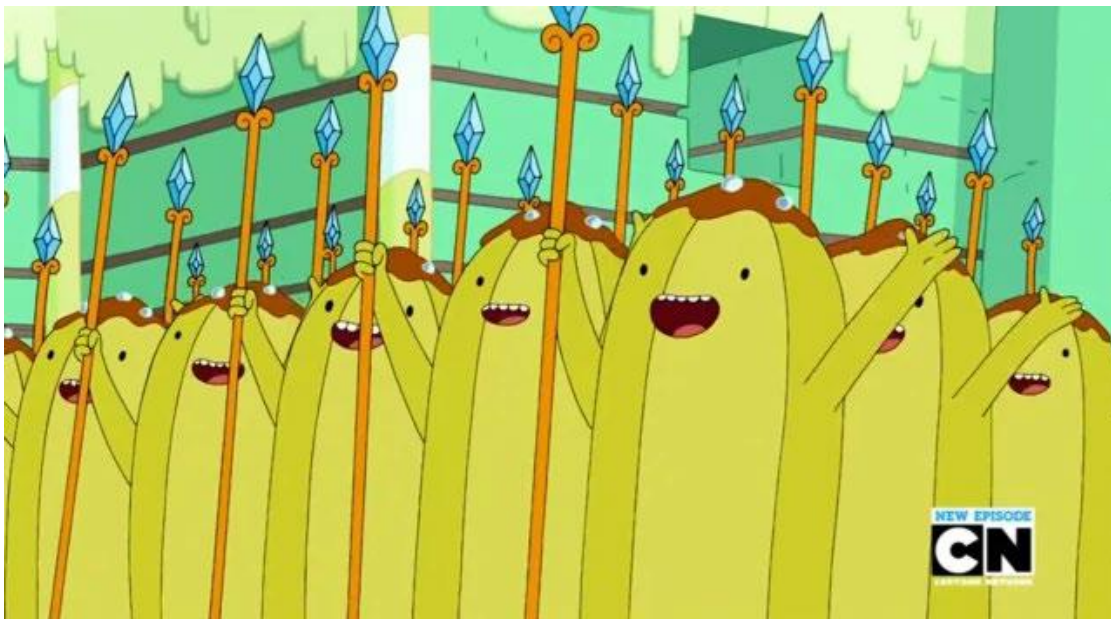
Fonte: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=joi7HqyWDag>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 65: Hora de Aventura, 2010



Fonte: disponível em http://adventuretime.wikia.com/wiki/Return_to_the_Nightosphere. Acesso em 08/09/2018.

Figura 66: guarda real, em Hora de aventura, 2010, construída sob um eixo vertical.



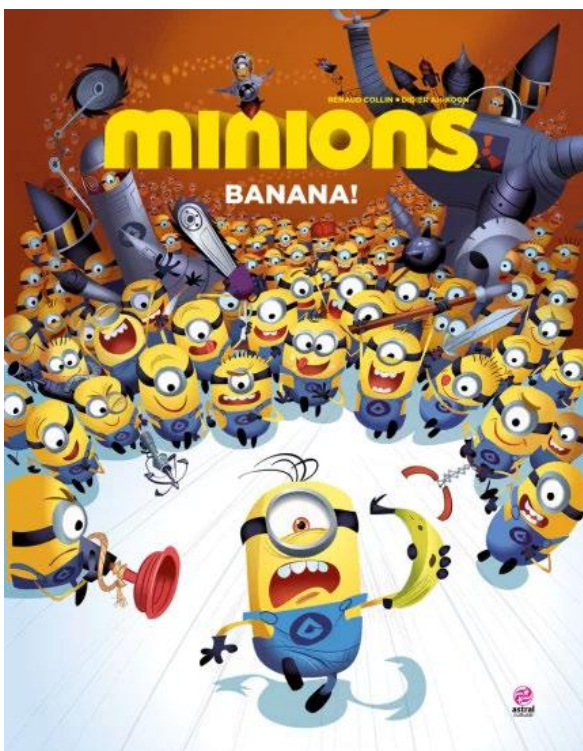
Fonte: disponível em http://images4.wikia.nocookie.net/_cb20130611184639/adventuretimewithfinnandjake/images/thumb/5/55/S5_e23_Banana_Guards_sounding_off.PNG/640px-S5_e23_Banana_Guards_sounding_off.PNG. Acesso em 08/09/2018.

Figura 67: Sagmeister & Walsh, Banana Wall, 2008



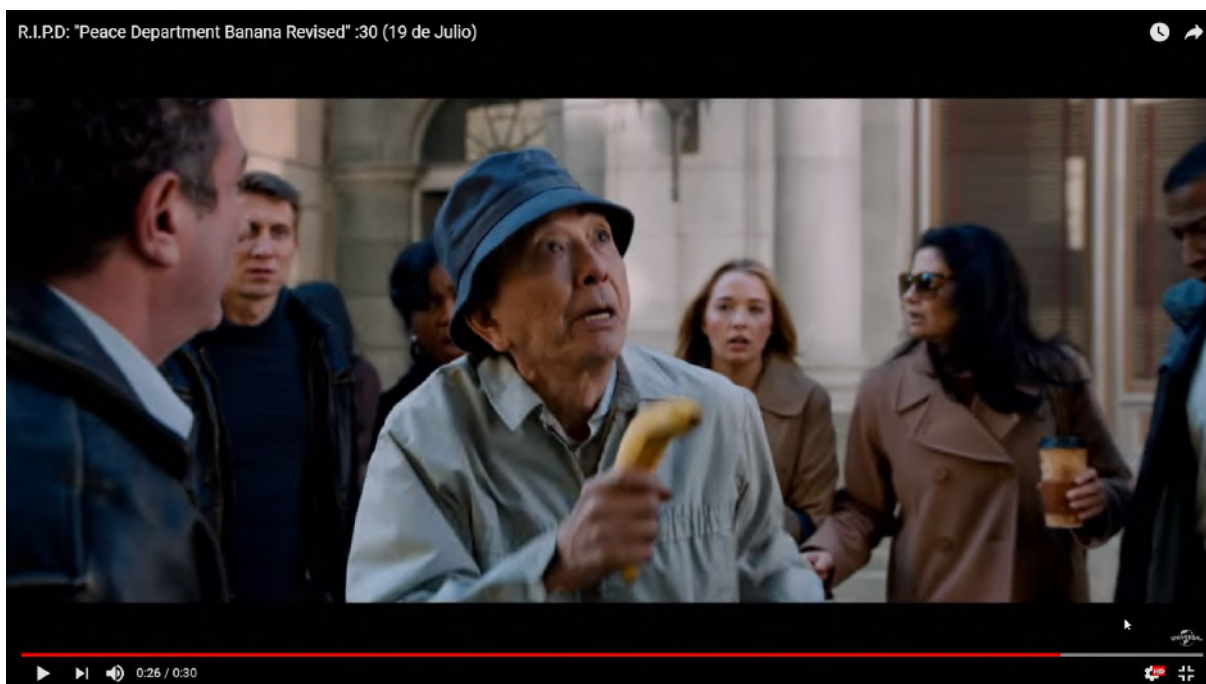
Fonte: disponível em <https://sagmeisterwalsh.com/work/all/deitch-projects-banana-wall/>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 68: Minions, criaturas amarelas que apareceram primeiramente em “Meu Malvado Favorito” (Despicable Me) são obcecadas por bananas.



Fonte: disponível em <https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/91OPzAINJDL.jpg>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 69: O disfarce mágico para a arma do protagonista de R.I.P.D. - Agentes do Além, 2013



Fonte: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oRdkRWTK0x0>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 70: arma de defesa escolhida pela jovem num frame de Todo mundo em pânico, 2000



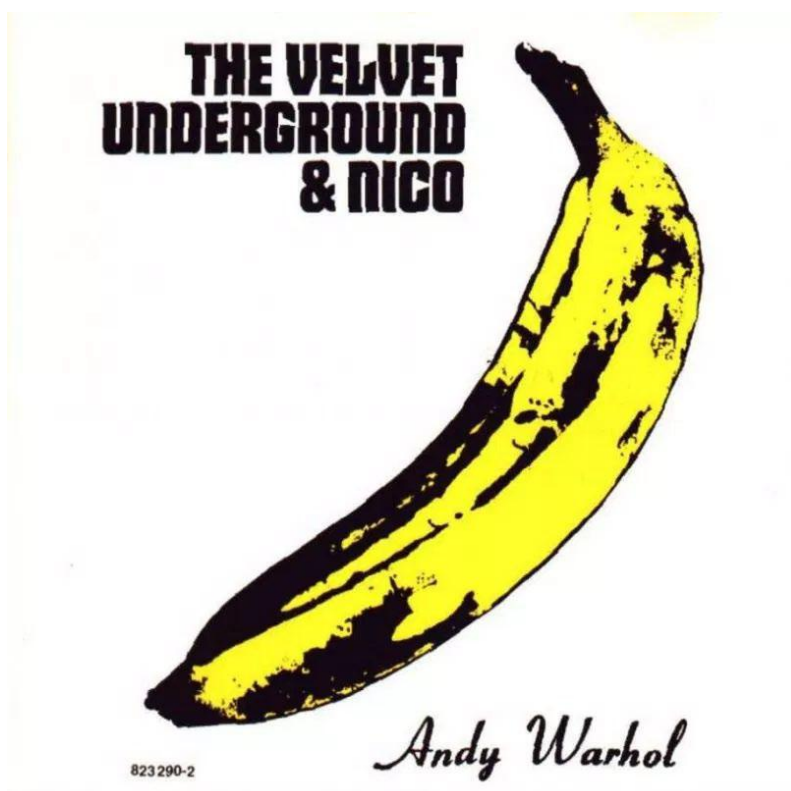
Fonte: disponível em [Netflix.com](https://www.netflix.com). Acesso em 08/09/2018.

Figura 71: Banco de imagens gratuito (<https://visualhunt.com/>)



Fonte: disponível em <https://visualhunt.com/photo/8017/businessman-aiming-with-banana/>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 72: capa do álbum The Velvet Underground and Nico, de Andy Warhol, 1967



Fonte: disponível em <https://theartstack.com/artist/andy-warhol/banana-1967-1>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 73: modelagem da miniatura do personagem Ananias



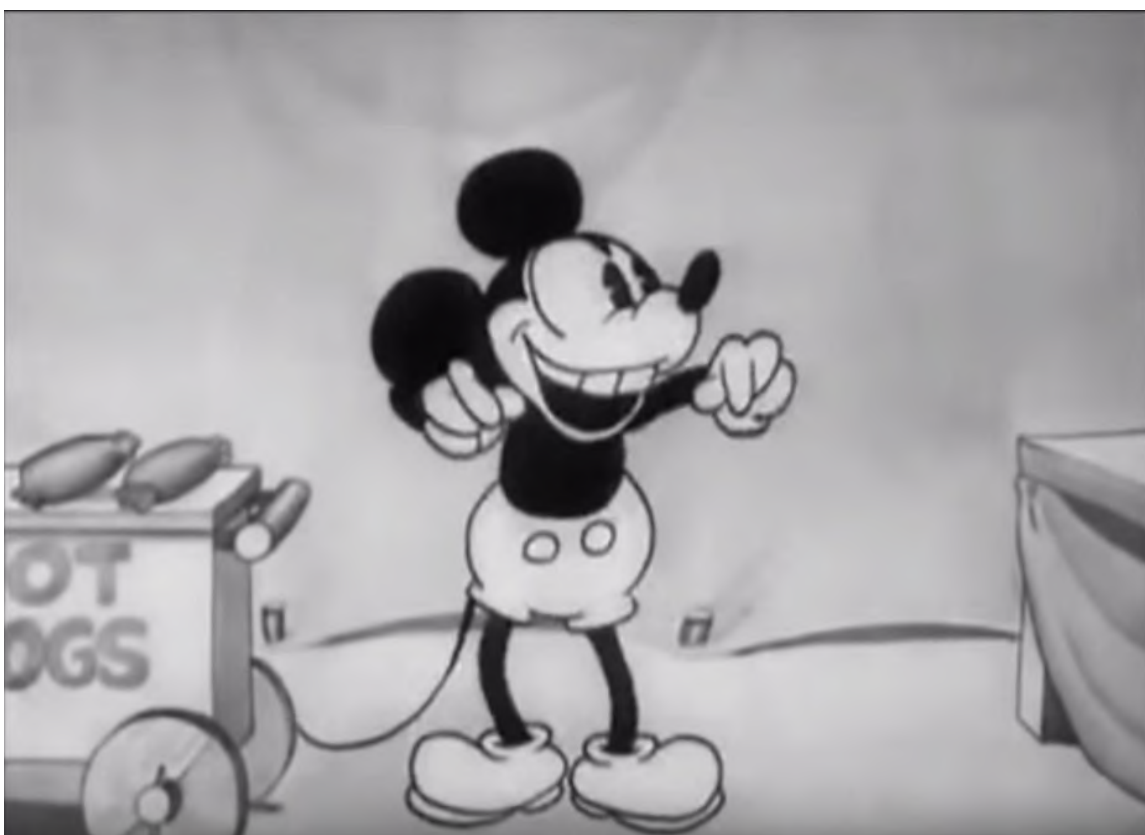
Fonte: autoria própria

Com a intenção de graficamente lembrar a palavra “banana”, surgiu a ideia de aproveitar a paronomásia e nomear o personagem como Bartolomeu Ananias, B. Ananias. Contrariando as representações usuais de bananas antropomorfizadas²⁴ (“Bananas de Pijamas”, 1992), o eixo principal do personagem é horizontal. Os olhos remetem aos primeiros cartoons animados.

²⁴ Bananas de pijamas, série infantil da década de 90.

Ananias utiliza acessórios que remetem à figuras importantes do Dadaísmo, como o monóculo de Tristan Tzara (um dos fundadores desse movimento), um cachimbo e chapéu coco, referenciando as obras de René Magritte (“A Traição das Imagens” e “O filho do homem”, respectivamente). As pernas são utilizadas para quebrar a expectativa quanto a locomoção do personagem: aproveitando-se do eixo horizontal, ele apenas rola para frente ou para trás, com as pernas para cima sem tocar o chão. As pernas continuam ligadas ao corpo, embora a área que una os dois possa ser realocada.

Figura 74: olhos “pie cut” (“torta-cortada”) de Mickey Mouse, 1930



Fonte: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FMp46V53Wc8>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 75: O filho do homem, René Magritte, 1964. Origem do chapéu utilizado pelo personagem.



Fonte: disponível em <http://dacc.univasf.edu.br/?p=1641>. Acesso em 08/09/2018

Figura 76: A Traição das Imagens (Isso não é um cachimbo), 1929. Origem do cachimbo utilizado pelo personagem.



Fonte: disponível em <https://wsimag.com/centre-pompidou/fr/artworks/84830>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 77: Personagem Ananias finalizado



Fonte : autoria própria

4.4.3. Ed

O último clichê gerador de um personagem é a figura do cavalo/unicórnio. O cavalo está presente como uma das possíveis fontes do nome “dadaísmo”, em francês “dada” significaria cavalo de madeira em linguagem infantil, sendo assim um nome coerente com a proposta nonsense do movimento. Nas obras de Leonora Carrington aparece em Auto-retrato (1937) e Retrato de Max Ernst (1939).

Figura 78: Auto-retrato (1937), Leonora Carrington



Fonte: disponível em <https://www.metmuseum.org/pt/art/collection/search/492697>. Acesso em 08/09/2018.

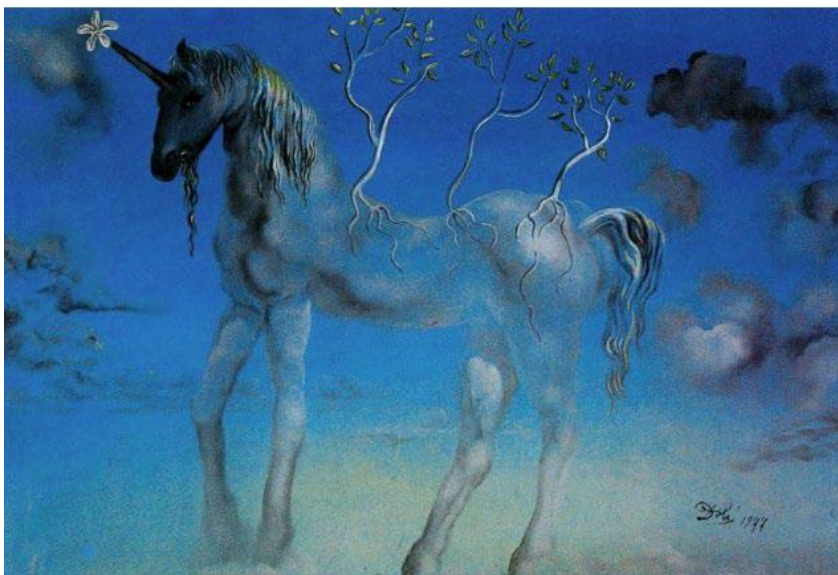
Figura 79: Retrato de Max Ernst (1939), Leonora Carrington



Fonte: disponível em <https://www.wikiart.org/en/leonora-carrington/portrait-of-max-ernst-1939>. Acesso em 08/09/2018.

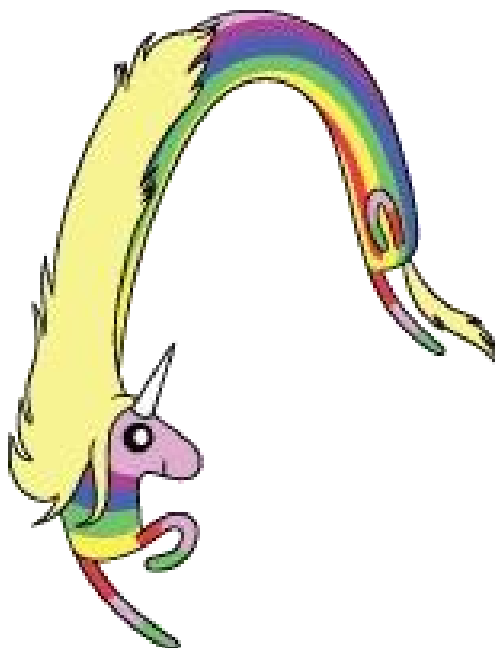
Já o unicórnio, apesar de ser uma figura mitológica e estar em obras como O Unicórnio alegre (1977) de Salvador Dalí, tem sido um tema muito popular, associado à arco-íris e a fantasia em geral.

Figura 80: O Unicórnio alegre, Salvador Dalí,1977



Fonte: disponível em <http://arteseanp.blogspot.com/2017/09/imagem-semanal-unicornio.html>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 81: Lady Íris, Hora de Aventura



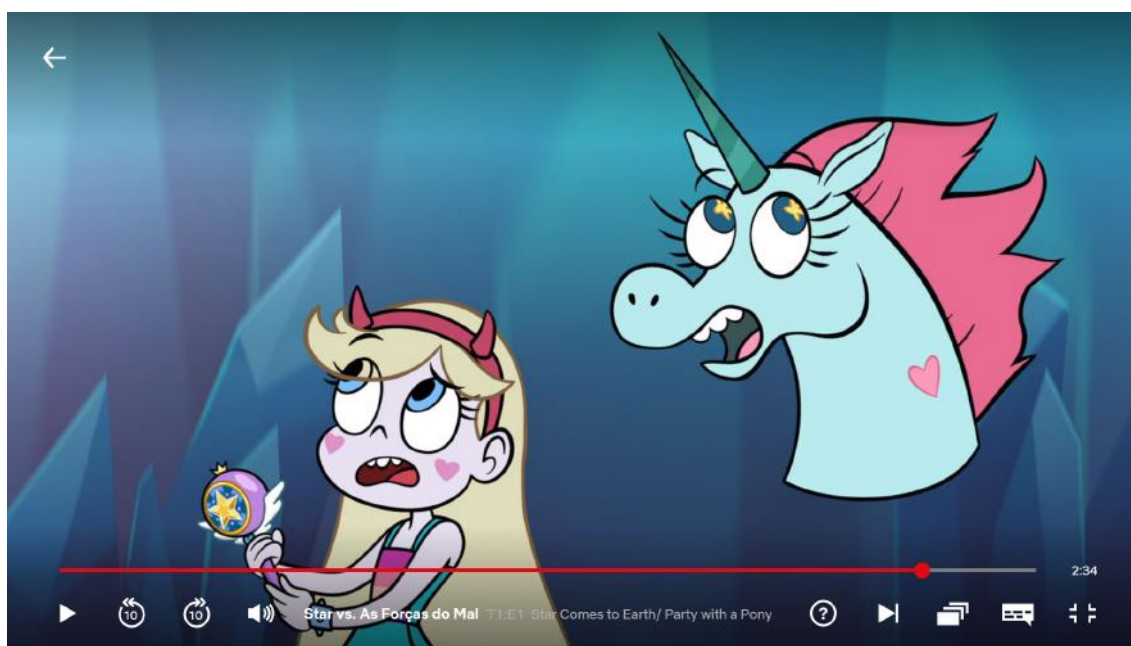
Fonte: disponível em http://pt-br.horadeaventura.wikia.com/wiki/Lady_%C3%8Dris. Acesso em 08/09/2018.

Figura 82: Unicórneas Princesas, um show de TV dentro do universo de Historietas Assombradas, 2013



Fonte: disponível em [http://pt-br.historietasassombradas.wikia.com/wiki/Unic%C3%B3rnias_Princesas_\(m%C3%BAsica\)](http://pt-br.historietasassombradas.wikia.com/wiki/Unic%C3%B3rnias_Princesas_(m%C3%BAsica)). Acesso em 08/09/2018

Figura 83: Star VS As Forças do Mal. A cabeça de unicórnio é uma princesa rebelde.



Fonte: Netflix.com. Acesso em 27/11/2018

Figura 84: unicórnios na série animada Gravity Falls, de 2012



Fonte: disponível em <https://rarbg.cc/episodes/gravity-falls-2x15/>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 85: unicórnios punks em Apenas um Show, 2010



Fonte: disponível em <https://www.dailymotion.com/video/x43awib>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 86: Charlie, o unicórnio. Animação da FilmCow, 2008



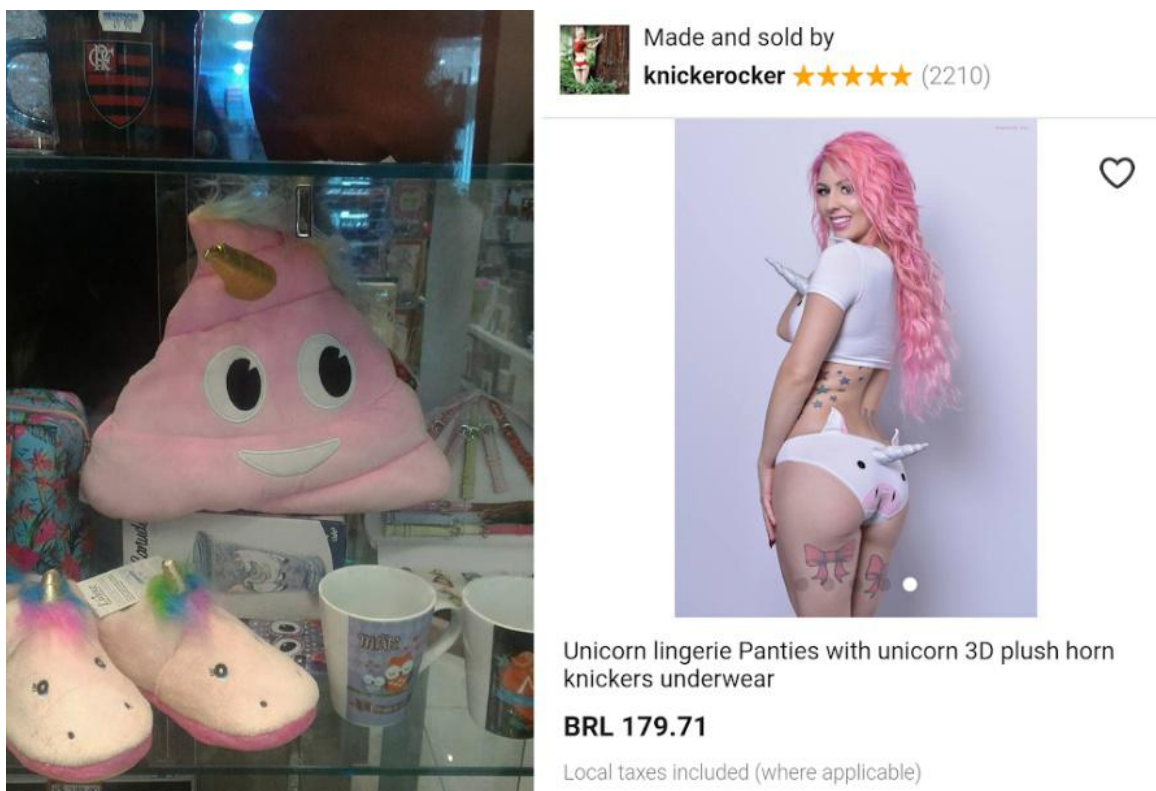
Fonte: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QFCSXr6qnv4>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 87: Happy, o unicórnio azul da série Happy! (Netflix, 2017)



Fonte: disponível em <https://www.publico.pt/2018/04/27/culturaipsilon/noticia/a-felicidade-e-um-unicornio-voador-1811654>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 88: unicórnios estão presentes em produtos diversos, almofadas, pantufas, roupa íntima, etc.



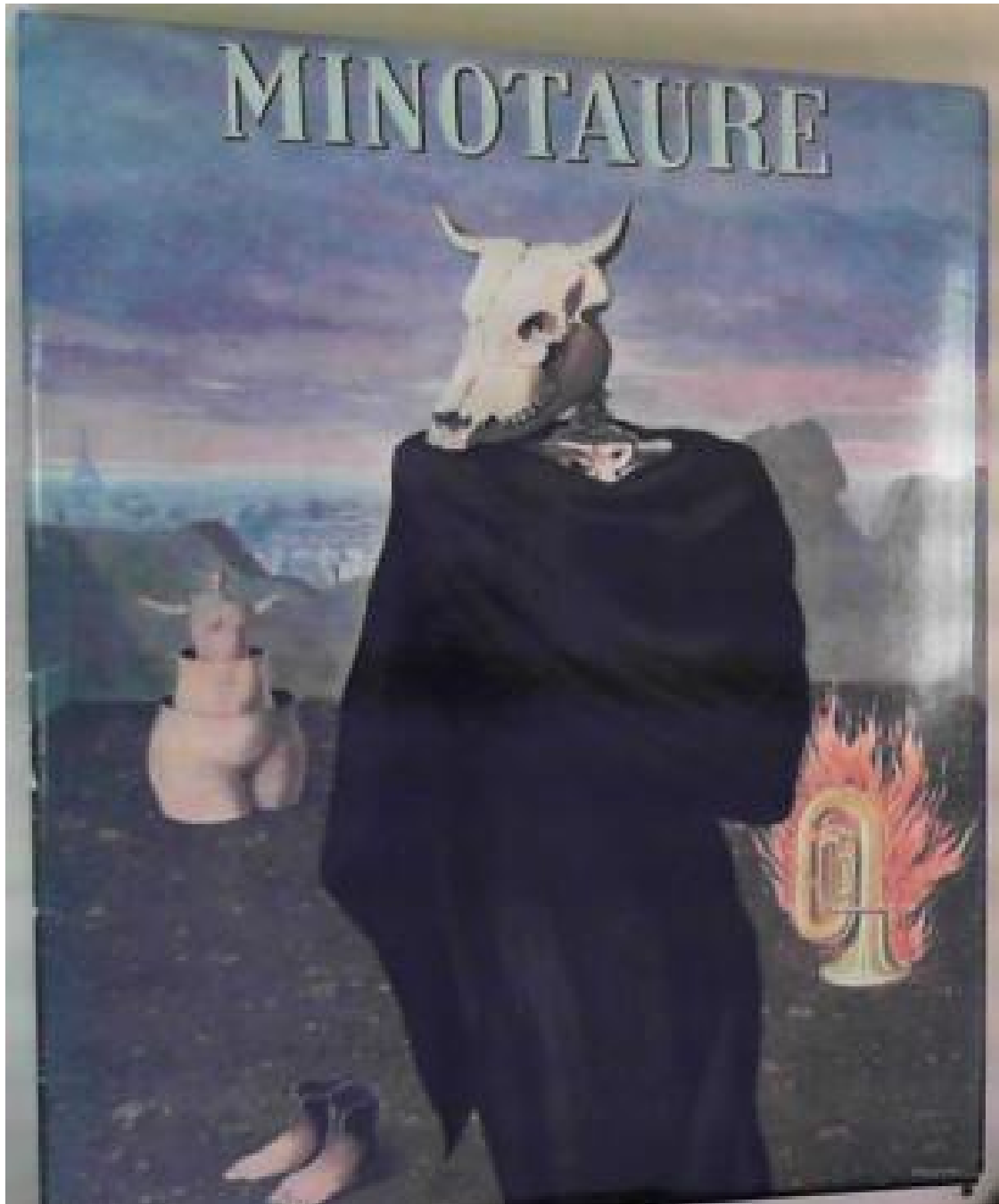
Fonte: foto de Lorraine Cabral, 2018.

Em Hora de Aventura, os unicórnios comem humanos antes destes serem extintos e um deles fala coreano apenas. Nas animações “Apenas um show”, “Star VS As Forças do Mal”, “Gravity Falls” são subvertidos em criaturas caóticas e desordeiras. Na série “Happy”, o unicórnio ingênuo contrasta com a figura de um ex-policial pícaro.

Num contexto bastante particular, durante a recepção de calouros de Comunicação Visual Design da Escola de Belas Artes em 2013, um dos membros da comissão de recepção utilizava uma máscara de cavalo, por razão nenhuma que não o humor proveniente do despropósito e aleatoriedade, chocando os calouros e advertindo sobre parte da jornada a frente. Para unir a figura do cavalo e a figura do unicórnio, repeti uma solução que me foi apresentada anteriormente de maneira onírica: um chapéu de festa. Um cavalo com um objeto pontudo na parte frontal de sua cabeça é satisfatoriamente uma definição de unicórnio para o intento do design de um personagem. Inspirado também por uma das publicações do surrealismo em 1933, a *Minotaure*, uma máscara que emula a condição do minotauro é bem-vinda. Máscaras de

animais que cobrem toda a cabeça ou mesmo fantasias são frequentemente utilizadas para situações absurdas ou inusitadas.

Figura 89: capa de uma das edições da revista *Minotaure*



Fonte: disponível em <https://www.abebooks.com/servlet/SearchResults?ltrec=t&isbn=9783884470541&bi=>. Acesso em 08/09/2018

Figura 90: Sax in the Beats, projeto dos artistas de rua Nilton "DuSax" (Panda Sax) e John Paiva (Cavalo Beats)



Fonte: disponível em <http://www.joaualberto.com/2015/02/28/projeto-sax-in-the-beats-ganhou-destaque-no-riomar>. Acesso em 08/09/2018

Figura 91: Fantasia assustadora de coelho de páscoa



Fonte: disponível em <https://funnyjunk.com/Happy+easter/funny-pictures/6239489/>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 92: comercial de cream cheese no qual um panda destrói equipamento de escritório



Fonte: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=t9mxon4txFQ>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 93: Frank, o coelho, de Donnie Darko, 2001



Fonte: disponível em <https://www.theguardian.com/film/2016/dec/12/how-we-made-donnie-darko-jake-gyllenhaal>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 94: Carreta Furacão, grupo itinerante de dançarinos fantasiados



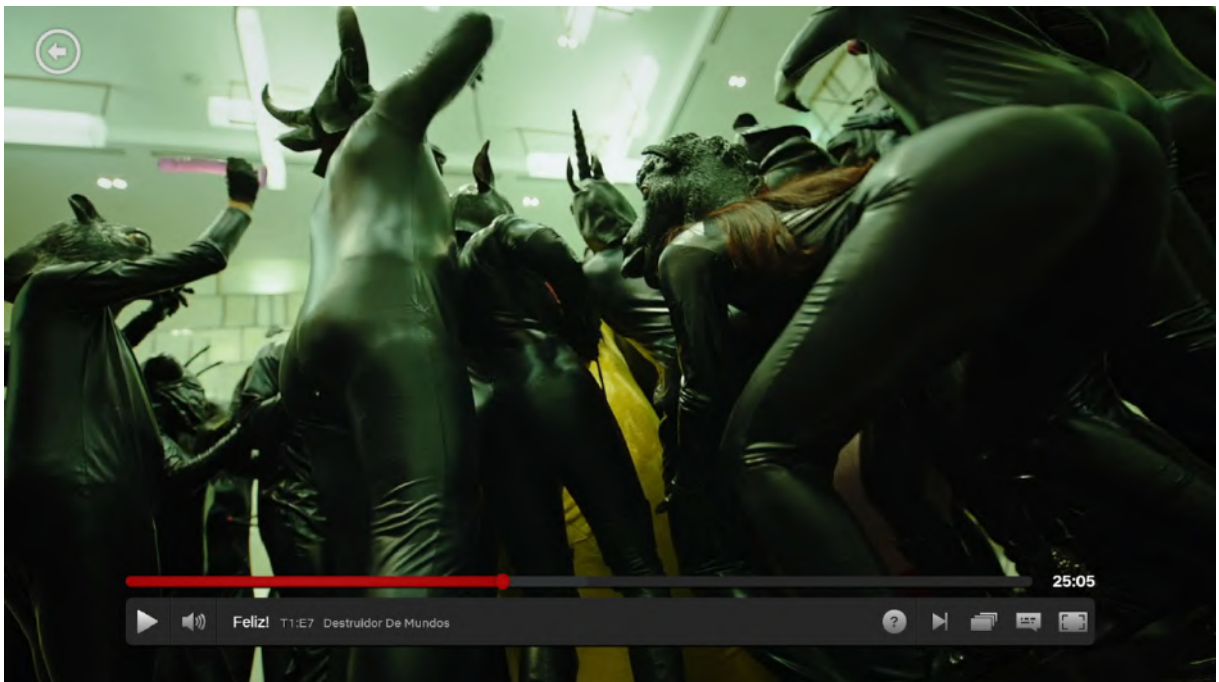
Fonte: disponível em <http://popfantasma.com.br/dez-horas-de-carreta-furacao/>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 95: Fuleco, Mascote da copa do Mundo de 2014



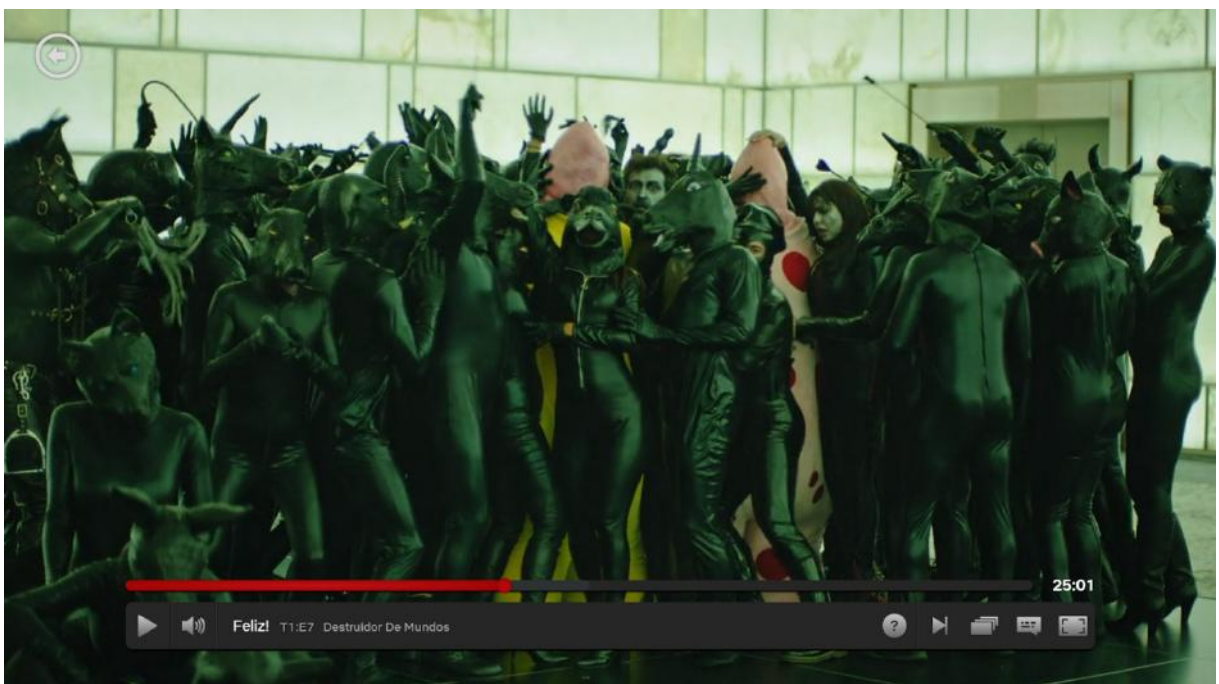
Fonte: disponível em <https://extra.globo.com/esporte/copa-2014/atrasado-para-cerimonia-de-abertura-fuleco-generico-flagrado-em-garupa-de-moto-12829259.html>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 96: Orgia bizarra presente na série Happy!



Fonte: disponível em [Netflix.com](https://www.netflix.com). Acesso em 08/09/2018.

Figura 97: Orgia bizarra presente na série Happy!



Fonte: disponível em [Netflix.com](https://www.netflix.com). Acesso em 08/09/2018.

O uso de máscaras remonta historicamente ao seu uso ritual (GORZONI, 2014). Talvez por isso seja tão rapidamente discrepante de contexto seu uso fora dos termos de um ritual ou qualquer situação devidamente apropriada. Mesmo o contexto Pascoal não foi suficiente para

tranqüilizar as crianças perante o coelho gigante, a orgia presente na série “Happy!” tem um certo caráter herético e subversivo. O Sex and the Beats causa estranhamento em parte pela incompatibilidade anatômica entre os instrumentos musicais e os animais simulados. A carreta Furacão passeia num veículo aberto, com personagens pertencentes à diferentes companhias, dançando músicas incompatíveis com o contexto original dos personagens que cada um representa, numa janela de estranheza que se abre e fecha antes que possa ser completamente compreendida.

Referenciando ainda Sigmund Freud e a influência que suas teses psicanalíticas tiveram sobre o movimento Surrealista, o terceiro personagem criado se chama Ed. Consiste numa máscara de cabeça de cavalo assombrada com um chapéu de festa cônico e que ocupa diferentes corpos. Quando vestida, age como potencializadora do Id (BOTELHO, 2017) dos hospedeiros, buscando prazer e diversão. Adicionalmente, pareceu adequada a semelhança sonora entre “Id” e “Ed”. A dúvida existencial sobre ser um unicórnio ou apenas um cavalo com chapéu de festa é um ponto a ser desenvolvido, onde os exageros experienciados pelo Id de Ed o afastam de pensar sobre isso, sobre um sentido mais amplo para a vida e o temor de efetivamente ser um unicórnio - símbolo de pureza e virgindade.

Figura 98: modelagem do personagem “Ed”



Fonte: autoria própria

Outras referências utilizadas são o filme “O Máscara” de 1994, por abordar a mudança de comportamento sob uma máscara e a série animada “BoJack Horseman” da Netflix (2014), onde num mundo com humanos e animais antropomorfizados, o protagonista lida com dilemas internos de maneira literalmente Idiota, com o sufixo “ota” denotando um diminutivo depreciativo de “Id” (SILVA et al., 2001).

Figura 99: O Máscara - série animada, 1995



Fonte: disponível em <https://www.arkade.com.br/auge-cultura-pop-irreverente-estiloso-maskara/>. Acesso em 08/09/2018.

Figura 100: BoJack Horseman, série da Netflix, 2014



Fonte: disponível em <http://br.ign.com/bojack-horseman/53573/news/netflix-confirma-quinta-temporada-de-bojack-horseman>. Acesso em 08/09/2018.

O humor e nonsense contidos em “Amazing Horse” também serviu de inspiração para a definição do personagem. A animação de Jonathan "Jonti" Picking (Mr. Weebl) vale uma menção honrosa como fonte inspiradora.

Figura 101: frame de Amazing Horse²⁵

Fonte: disponível em https://www.youtube.com/watch?v=GUI9_5kK9ts. Acesso em 08/09/2018.

Figura 102: Personagem Ed finalizado.



Fonte : autoria própria

²⁵ A letra da música tocada na animação encontra-se em <https://www.letras.mus.br/weebls-stuff/1921907/traducao.html>. Acesso em 08/09/2018. Contém versos perturbadoramente escatológicos.

5. Conclusão

Por meio da pesquisa de exemplos históricos e contemporâneos desenvolvidos sob a perspectiva do Nonsense, presentes nos mais diversos nichos como o teatro (ex.: peça “Não Eu” (BECKETT, 1972)), literatura (exs.: Limeriques (“O mundo divertido e absurdo dos limeriques - Escola Kids”, [s.d.]) e escrita automática (1919, BRETON apud AZEVEDO; PONGE, 2008)), desenho (ex.: ilustrações no Codex Seraphinianus (SERAFINI, 2013)), pintura (como “O Jardim das Delícias, 1500-05, de Hieronymus Bosch), música (ex.: canção sobre biscoito “Mirabel” (BRITTO, [s.d.])), cinema (ex.: “Um cão andaluz” (BUÑUEL; DALÍ, 1929)), vídeos (ex.: pixels aleatórios de “Pink dot” (MURATA, 2007)), animações (ex.: Cartoons, como o Pica-pau (COSGRIFF; HARDAWAY, 1941)), quadrinhos (ex.: o humor negro e surreal de Zonzo (CORNELLÀ, 2015)), dança (ex.: dança contemporânea (FOLHA ONLINE, 2009)), escultura (ex.: a menina multifaces de Yoshitoshi Kanemaki (FUMA CONTEMPORARY TOKYO, [s.d.]) e o carro gordo de Erwin Wurm (PATTON, 2010)), arquitetura (ex.: o Art-Nouveau nas obras de Antoni Gaudí ou os projetos de Tom Ngo (NGO, [s.d.])), religião (ex.: Pastafarianismo (“Church of the Flying Spaghetti Monster”, [s.d.])). As possibilidades são ilimitadas, uma vez que basta apenas que uma expectativa sobre uma determinada produção/situação seja suficiente e observavelmente quebrada, ainda que não deliberadamente. Essa quebra de expectativa pode ocorrer em variados níveis de complexidade, indo desde a simples confusão sensorial até a ação sobre os contextos esperados. Quanto à essas “ações sobre o contexto” foi possível perceber ao longo da pesquisa 3 tipos comuns de ocorrência: subversão do contexto em si (Metacontextual); a permuta de contexto, em que um contexto divergente é sobreposto à situação original “não-nonsense” (Paracontextual) e; a escolha deliberada (ou não) de vários contextos que se aglutinam num novo e original (Multicontextual).

Mas a percepção das operações feitas para que as produções estejam na égide do Nonsense foi apenas metade do processo, sendo a segunda a utilização de exemplos recorrentes, o que se poderia chamar de

clichés de Nonsense, utilizados como referência para a criação de personagens e outros itens físicos. Pode-se assim explorar as possibilidades criativas oferecidas por diversas mídias e materiais na construção do “Kit de iniciação ao Nonsense”.

Figura 103: Kit de Iniciação ao Nonsense finalizado.



Fonte: autoria própria

6. Referências bibliográficas

ADAMS, D. **O Guia Definitivo do Mochileiro das Galáxias - Livros na Amazon Brasil- 9788580415544**. [s.l.: s.n.].

ARAUJO, A. S. DOS S. YouTube Poop BR : Suponhamos que isso seja um poop , mas o que significa ? v. 1, p. 1–24, 2016.

ARISTÓTELES. **Aristóteles e o papel da razão: Nada está no intelecto antes de ter passado pelos sentidos - Pesquisa Escolar - UOL Educação**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/aristoteles-e-o-papel-da-razao-nada-esta-no-intelecto-antes-de-ter-passado-pelos-sentidos.htm>>. Acesso em: 2 set. 2018.

ARONOFSKY, D. **Mãe! (2017) - IMDb**, 2017. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt5109784/>>. Acesso em: 8 set. 2018

ARTAUD, A.; DULAC, G. **A Concha e o Clérigo (La Coquille et le Clergyman, 1928)**EUA, 1928. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4SIIMhmk6Uc>>. Acesso em: 18 nov. 2018

Arteeblog: A história do “Telefone Lagosta” de Salvador Dali. Disponível em: <<http://www.arteeblog.com/2015/10/a-historia-do-telefone-lagosta-de.html>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

AUSTIN, N. **Is Seeing Believing?**, 2010. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt1747099/>>. Acesso em: 8 set. 2018

AYRES, N. **As diferenças entre suspense e mistério, horror e terror**. Disponível em: <<https://homoliteratus.com/as-diferencas-entre-suspense-e-misterio-horror-e-terror/>>. Acesso em: 2 set. 2018.

AZEVEDO, É.; PONGE, R. **André Breton e os primórdios do surrealismo**Revista Contingentia. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20843/000720013.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BAITELLO, M. **bauhaus - um século de explosão**

meteórica do design. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/resumindo_e_substituindo_o_mundo/2014/08/bauhaus---um-seculo-de-explosao-meteorica-do-design-1.html>. Acesso em: 19 nov. 2018.

Bananas de Pijamas. , 1992. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0286342/>>. Acesso em: 23 jan. 2019

BAPTISTA, A.; LEE, R.; DIAS, S. **Meu Refrigerador Não Funciona - Os Mutantes.** Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/mutantes/272035/>>. Acesso em: 8 set. 2018.

BAYLEY, B. **Fotos que mostram o absurdo da guerra moderna - VICE.** Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/mgqney/christoph-bangerts-hello-camel>. Acesso em: 8 set. 2018.

BBC NEWS BRASIL. **Robô Roxxy custa R\$ 21 mil e funciona como parceiro sexual.** Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/robos/robo-roxxy-custa-r-21-mil-e-funciona-como-parceiro-sexual,80387d5318eb0410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>. Acesso em: 4 nov. 2018.

BECKETT, S. **NÃO EU.** Disponível em: <<http://qorpus.paginas.ufsc.br/insulto-ao-publico-pecas-teatrais/nao-eu-samuel-beckett-traducao-de-lauro-baldini/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BERGSON, H. **Perspectivas teóricas sobre o humor.** [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14068/14068_3.PDF>. Acesso em: 2 set. 2018.

BERLIN, B.; KAY, P. **Basic color terms: their universality and evolution.** [s.l.] Center for the Study of Language and Information, 1969.

BIGNELL, P. **42: The answer to life, the universe and everything | The Independent.** Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/life-style/history/42-the-answer-to-life-the-universe-and-everything-2205734.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

BIZET, G. **L'amour est un oiseau rebelle** Paris, 1875.

Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/maria-callas/1105732/traducao.html>>. Acesso em: 1 set. 2018

BOINOD, A. J. DE. **Cultural vocabularies: how many words do the Inuits have for snow? | Education | The Guardian.**

Disponível em: <<https://www.theguardian.com/education/2014/apr/29/what-vocabularies-tell-us-about-culture>>. Acesso em: 8 set. 2018.

BOTELHO, R. **Freud explica: entenda sete conceitos básicos da psicanálise - Galileu | Ciência.** Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/11/freud-explica-entenda-sete-conceitos-basicos-da-psicanalise.html>>. Acesso em: 2 set. 2018.

BRITTO, Z. **Mirabel.** Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/zeu-britto/128044/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BUÑUEL, L.; DALÍ, S. **Um Cão Andaluz**, 1929. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0020530/>>. Acesso em: 15 nov. 2018

CÂNDIDO, A. **A personagem de ficção** . [s.l.] Perspectiva, 2000.

CARTER, H. V. **File:Gray1058.png - Wikimedia Commons.** Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=567008>>. Acesso em: 2 set. 2018.

Church of the Flying Spaghetti Monster. Disponível em: <<https://www.venganza.org/join/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

COPI, I. **introdução à lógica.** Tradução Álvaro Cabral. 3ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

CORNELLÀ, J. **Zonzo.** 1ª ed. [s.l.: s.n.].

COSGRIFF, J.; HARDAWAY, B. **O Pica-pau (1941) - O Rachador** Walter Lantz Productions, , 1941. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0152343/>>. Acesso em: 1 set. 2018

DAWKINS, R. **O gene egoísta** . [s.l.] Companhia das Letras, 2007.

DEFLEUR, M. L.; BALL-ROKEACH, S. **Teorias da comunicação de massa**. [s.l.] J. Zahar, 1993.

DEMILLY, C. **Arte em Movimentos e outra correntes do século XX**. São Paulo: Cosac & Naify, 2016.

Digits of Pi - Up to 1 Million Digits. Disponível em: <<https://www.angio.net/pi/digits.html>>. Acesso em: 2 set. 2018.

Djavan_Açai.mpg - YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=poqTJ_zep4k>. Acesso em: 2 set. 2018.

FIONA, B. **Surrealismo - Movimentos da Arte Moderna**. 3ª ed. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

FISCHER, C. **Um disco de ouro há 40 anos no espaço - Update or Die!** Disponível em: <<https://www.updateordie.com/2017/08/30/um-disco-de-ouro-ha-40-anos-no-espaco/>>. Acesso em: 2 set. 2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Google vai apagar definitivamente arquivo de comunidades do Orkut - 29/04/2017 - Tec - Folha de S.Paulo**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2017/04/1879806-google-vai-apagar-definitivamente-arquivo-de-comunidades-do-orkut.shtml>>. Acesso em: 1 set. 2018.

FOLHA ONLINE. **“Nonsense” de Beckett inspira coreografia contemporânea**. Disponível em: <<https://guia.folha.uol.com.br/concertosedanca/ult10046u598653.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

FUKUI, A. et al. GROUND-BASED TRANSIT OBSERVATION OF THE HABITABLE-ZONE SUPER-EARTH K2-3D. **The Astronomical Journal**, v. 152, n. 6, p. 171, 18 nov. 2016.

FUMA CONTEMPORARY TOKYO, B. **YOSHITOSHI KANEMAKI**. Disponível em: <<http://bunkyo-art.co.jp/artists/YoshitoshiKanemaki-E.html>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

GORZONI, P. **As Máscaras Africanas**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mascaras-africanas/>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

GROSSENBACHER, P. G.; LOVELACE, C. T. **Mechanisms of synesthesia: cognitive and physiological constraints**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://tics.trends.com>>. Acesso em: 2 set. 2018.

GUSSOW, M. **Martin Esslin, Drama Theorist, Dies at 83 - The New York Times**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2002/06/05/arts/martin-esslin-drama-theorist-dies-at-83.html>>. Acesso em: 2 set. 2018.

HOLANDA, A. B. DE. **Sentido: significado de sentido no Dicionário Aurélio de Português Online**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/sentido>>. Acesso em: 8 set. 2018.

Ícone - Dicio, Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/icone/>>. Acesso em: 4 nov. 2018.

JACKSON, P. **Técnicas de Corte e Dobra Para Designers**. 1. ed. Barcelona: Promopress, 2013.

JORDÃO, F. **Uncanny Valley: o abismo entre o real e a simulação - TecMundo**. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/robotica/44450-uncanny-valley-o-abismo-entre-o-real-e-a-simulacao.htm>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

KRIEGER, R. **Djavan não está sozinho: as 10 letras mais sem sentido da MPB - 28/08/2017 - UOL Entretenimento**. Disponível em: <<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2017/08/28/djavan-nao-esta-sozinho-as-10-letras-mais-sem-sentido-da-mpb.htm>>. Acesso em: 2 set. 2018.

M.C. Escher - The Official Website. Disponível em: <<https://www.mcescher.com/>>. Acesso em: 2 set. 2018.

MANETTA, M. A. **Dinâmica: Triângulo de Penrose**. Disponível em: <<http://www.dinamica.com.br/2011/11/triangulo-de-penrose.html>>. Acesso em: 2 set. 2018.

MARIA, E.; FARIAS, P. **a Linguagem Metafórica Das Cores**, 2005. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/1. Est pós doutoramento/1.1. Emilia Maria.pdf>>

MILGRAM, S.; BICKMAN, L.; BERKOWITZ, L. **NOTE ON THE DRAWING POWER OF CROWDS OF DIFFERENT SIZE**

1Journal of Personality and Social Psychology. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/6563/8921ecbf53036637beb0e8fee9c481532f.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2018.

MIRANDA, C. E. A. Uma educação do olho: as imagens na sociedade urbana, industrial e de mercado. **Cadernos CEDES**, v. 21, n. 54, p. 28–40, ago. 2001.

MISHARA, A. L. Klaus Conrad (1905-1961): delusional mood, psychosis, and beginning schizophrenia. **Schizophrenia bulletin**, v. 36, n. 1, p. 9–13, jan. 2010.

MOURA, M. **Design e/é Arte.** Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/7396224/Design-E-e-Arte-Monica-Moura>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

MURANO, E. **O batismo de cores criadas comercialmente desafia a nomenclatura | GGN.** Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/blog/edgard/o-batismo-de-cores-criadas-comercialmente-desafia-a-nomenclatura>>. Acesso em: 2 set. 2018.

MURATA, T. **Pink Dot on Vimeo**, 2007. Disponível em: <<https://vimeo.com/15873210>>. Acesso em: 2 set. 2018

NGO, T. **Portfólio.** Disponível em: <<https://www.tomngo.net/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

O mundo divertido e absurdo dos limeriques - Escola Kids. Disponível em: <<https://escolakids.uol.com.br/o-mundo-divertido-e-absurdo-dos-limeriques.htm>>. Acesso em: 8 set. 2018.

OLIVEIRA, R. R. DE. **Ao cortar investimentos em ciência, Brasil assassina o futuro - Época NEGÓCIOS | Brasil.** Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/04/ao-cortar-investimentos-em-ciencia-brasil-assassina-o-futuro.html>>. Acesso em: 2 set. 2018.

OZIEWICZ, M. **Speculative Fiction.** [s.l.] Oxford University Press, 2017. v. 1

PATTON, P. **Cars Starved (or Stuffed) for Attention - The New York Times.** Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2010/04/04/automobiles/04FATCAR.html>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

PESHIN, A. **Why Do Hyenas Laugh?** » **Science ABC**. Disponível em: <<https://www.scienceabc.com/nature/animals/why-do-hyenas-laugh.html>>. Acesso em: 2 set. 2018.

PORTO, B. C.; OLIVEIRA, D. S.; OLIVEIRA, K. N. DE. A ARTE APÓS O ADVENTO DA FOTOGRAFIA. n. 7, p. 1–10, 1994.

POULSEN, B. **Being Amused by Apophenia**. Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/us/blog/reality-play/201207/being-amused-apophenia>>. Acesso em: 8 set. 2018.

PRATA, M. **Mas Será o Benedito? Dicionário de Provérbios, Expressões e ditos Populares**. 11^a ed. [s.l.] Editora Globo, 1997.

RAMS, D. **Good design | About Vitsoe | Vitsoe**. Disponível em: <<https://www.vitsoe.com/gb/about/good-design>>. Acesso em: 2 set. 2018.

ROCHEFOUCAULD, F. DE LA. **Reflexões ou sentenças e máximas morais - François de La Rochefoucauld - Google Livros**. Tradução Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras e Penguin Group (USA) Inc., 2014.

SANTANA, A. L. **Albert Camus - Biografia**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/biografias/albert-camus/>>. Acesso em: 8 set. 2018a.

SANTANA, A. L. **Transdisciplinaridade - Educação - InfoEscola**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/educacao/transdisciplinaridade/>>. Acesso em: 2 set. 2018b.

SANTOS, M. R. DOS. Quando a insensatez é a base de tudo. n° 63, out. 2016.

SATURNO, A. **LumiDolls inaugura seu terceiro bordel de bonecas sexuais em Turim, na Itália - Comportamento**. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/comportamento/lumidolls-inaugura-seu-terceiro-bordel-de-bonecas-sexuais-em-turim-na-italia-121922/>>. Acesso em: 8 set. 2018.

sentido dicionario - Pesquisa Google. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=sentido+dicionario&rlz=1C1AVFC_enBR772BR772&oq=sentido+dicio&aqs=chrome.1.69i57j0l5.4529j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 2 set. 2018.

SERAFINI, L. **Codex Seraphinianus**. 1. ed. [s.l.: s.n.].

SERRA, J. P. **Manual de teoria da comunicação**. Covilhã: [s.n.].

SILVA, J. F. DA et al. **OS AFIXOS DO PORTUGUÊS**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/monografias/caderno_de_pos_graduacao_ufac/os_afixos_do_portugues_prefixos_sufixos.htm>. Acesso em: 8 set. 2018.

SILVA, L. P. M. **Definições básicas de probabilidade - Mundo Educação**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/matematica/definicoes-basicas-probabilidade.htm>>. Acesso em: 8 set. 2018.

STEWART, S. **Nonsense : aspects of intertextuality in folklore and literature**. [s.l.] Johns Hopkins University Press, 1979.

Teatro do Absurdo | Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo13538/teatro-do-absurdo>>. Acesso em: 2 set. 2018.

TESCHKE, J. **1938: Pânico após transmissão de "Guerra dos mundos" | Os acontecimentos que marcaram o dia de hoje na História | DW | 30.10.2017**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/1938-pânico-após-transmissão-de-guerra-dos-mundos/a-956037>>. Acesso em: 2 set. 2018.

The Birds, 1963. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0056869/>>. Acesso em: 4 nov. 2018

WALLER, J. **Keep on moving: the bizarre dance epidemic of summer 1518 | Stage | The Guardian**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/stage/2018/jul/05/bizarre-dance-epidemic-of-summer-1518-strasbourg>>. Acesso em: 2 set. 2018.

WARHOL, A. **Empire**. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0196530/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

ANEXO A**Obras, autores e referências sobre o Nonsense,
organizados alfabeticamente por nicho temático****Música****1 - Caetano Veloso – Qualquer coisa**

Esse papo já tá qualquer coisa
Você já tá pra lá de Marrakesh
Mexe qualquer coisa dentro, doida
Já qualquer coisa doida, dentro, mexe

Não se avexe não, baião de dois
Deixe de manha, deixe de manha
Pois, sem essa aranha, sem essa aranha, sem essa aranha
Nem a sanha arranha o carro
Nem o sarro arranha a Espanha
Meça tamanha, meça tamanha
Esse papo seu já tá de manhã

Berro pelo aterro, pelo desterro
Berro por seu berro, pelo seu erro
Quero que você ganhe, que você me apanhe
Sou o seu bezerro gritando mamãe
Esse papo meu tá qualquer coisa e você tá pra lá de Teerã

2 - Clarice Falcão – Banho de Piscina

Eu quero ver você
Numa piscina de óleo fervendo
Pedindo socorro e eu te oferecendo
Uma dose de rum pra você se esquentar

Eu quero ver você
Numa piscina de óleo fervendo
Gritando que já está quase morrendo
Desculpe, meu bem, mas eu não sei nadar

Você me traía
Trocando carinhos com outras pessoas
Mas com seu jeitinho me levava no papo
E a gente acabava voltando às boas

Mas naquela noite
Em que meu coração era só esperança

Eu juro que não pude crer no que vi
 Você seduzindo o meu segurança

E ainda vem
 Posando de bom coração, gente fina
 Dizer que pra mim você só quer o bem
 Pois eu quero que você vá tomar banho de piscina

3 – Djavan - Açaí

Solidão de manhã, poeira tomando assento
 Rajada de vento, som de assombração, coração
 Sangrando toda palavra são

A paixão puro afã, místico clã de sereia
 Castelo de areia, ira de tubarão, ilusão
 O sol brilha por si

Açaí, guardiã
 Zum de bezouro um imã
 Branca é a tez da manhã
 galera da Tropicália

4 - Eduardo Dussek – Nostradamus

Naquela manhã
 Eu acordei tarde, de bode
 com tudo que sei
 acendi uma vela
 abri a janela, e pasmei
 Alguns edifícios explodiam
 pessoas corriam
 eu disse bom dia
 ignorei
 Telefonei
 Prum toque tenha qualquer
 e não tinha,
 ninguém respondeu, eu
 disse Deus, Nostradamus,
 força do bem e da maldade
 futuro, calamidade, juízo final
 então restou
 De repente na minha frente
 A esquadrilha de alumínio
 caiu, junto com vidro fume
 o que fazer, tudo ruiu

Começou tudo a carcomer
gritei, ninguém ouviu,
e olha que eu ainda fiz psiu!
O dia ficou noite
O sol foi pro alem
Eu preciso de alguém
vou até a cozinha
encontro Carlota, a cozinheira
morta, diante do meu pé, Zé
eu falei, eu gritei, eu imploreei
Levanta
Me serve um café
Que o mundo acabou!

5 - Mattanza – Ela roubou meu caminhão

Ela Roubou meu Caminhão
Ela Roubou meu Caminhão

Ela escreveu dizendo
Que não me aguentava mais
E foi embora com meu caminhão.

Foi embora e me deixou aqui.
Foi embora e me deixou aqui.

Quando eu acordei e vi meu caminhão
Não tava mais
E nunca mais na vida eu vou dormir.

Eu que tinha até tatuado o nome dela
Eu pensava nela toda noite nesses dez anos
Que eu passei trancado naquela prisão.

Essa foi demais
Isso não se faz
Ninguém vai acreditar
Ela roubou meu caminhão

Ela já deve estar bem longe daqui.
Ela já deve estar bem longe daqui.

Daqui pode ter pego qualquer rodovia federal
E foi reto na reta até sumir.

Só me pergunto o que é que aconteceu.
Só me pergunto o que é que aconteceu.

Ela ter ido embora tudo bem
Eu não estou nem aí
Perder meu caminhão
Foi que doeu.

Eu que tinha até tatuado o nome dela.
Eu pensava nela
Toda noite nesses dez anos
Que eu passei trancado naquela prisão.

Essa foi demais
Isso não se faz
Ninguém vai acreditar
Ela roubou meu caminhão.

Sinceramente eu pensei que dessa vez
Fosse me regenerar
Trabalhando honestamente
Com esposa e cuidando do lar.

Uma vida bem normal
Para envelhecer em paz
Mas o destino quis assim agora tanto faz.
Do bar não saio nunca mais.

Ela Roubou meu Caminhão.
Ela Roubou meu Caminhão.

Ela escreveu dizendo
Que não me aguentava mais
E foi embora com meu caminhão.

Foi embora e me deixou aqui.
Foi embora e me deixou aqui.

Quando eu acordei e vi meu caminhão
Não tava mais
E nunca mais na vida eu vou dormir.

Eu que tinha até tatuado o nome dela.
Eu pensava nela toda noite nesses dez anos
Que eu passei trancado naquela prisão.

Essa foi demais
Isso não se faz
Ninguém vai acreditar
Ela roubou meu caminhão.

6 - Mutantes - Meu refrigerador não funciona

O que que houve?
Yeah
I feel good
Yeah
I feel light
Now, I think you know that I'm no good alone
No good alone and I miss you
Baby, don't be late don't be late
Don't say baby
Say you do baby
I know one thing you don't
Try my money
Try my honey
My honey
My Honey
My honey

Try to get someone lovin' baby
Try me late tonight
Don't say maybe tonight, yeah
Try everything you want
But try me
Try me baby

I feel good
I feel light

Singing our song
Singing our song
Singing our song

Oh my honey
I miss you
Don't wanna be alone
Don't wanna be alone
Don't wanna be alone
Come soon, come soon oh baby
You gotta give someone love
Someone lovin'

O meu refrigerador não funciona
Eu tentei tudo
Eu tentei de tudo
Não funciona
Não, não, não
O meu, o meu
O meu refrigerador não funciona

7 - Pedra Letícia - Em Plena Lua de Mel

Toda vez que o seu namorado sai, você vai ver outro rapaz.
Olha todo mundo está comentando, o seu cartaz ta aumentando.
Moça linda por favor, guarde todo esse amor pra um rapaz.
Dá vergonha de dizer, o que disseram de você. Mas ouça.

Dizem que o seu coração, voa mais que avião.
Dizem que o seu amor, só tem gosto de fel
Vai trair o marido, em plena lua de mel.

(Hamlet)
Dizem que o seu coração, voa mais que avião.
Dizem que o seu amor, só tem gosto de féu
Vai trair o marido, em plena lua de mel.

(Espanhol)
Dicen que su corazón, vuela mas que avión.
Dicen que su amor, tiene guesto de fiel.
Vá trair su marido en plena luna de miel.
(Inglês)

Some say that your pretty heart, flies more than an
airplane.
Some say that your love, tastes just like fel.
Gonna betray your husband, even in the honeymoon.

(Japonês)
Toshiro miraka nomiro no soya, kiamita no rika noroya.
Gomiro nos mitsubishi, tanaka fugiro na kombi.
Otushi kabu takahara, moleu senhor miagui.

(Francês)
Movió avê shitê mona mour, letuá derchan sivu plê.
Pierre cardan se muá, ivi se lorrán se tuá.
Zinedine Zidane, Trezeguet, Henry, Brazil se fudê.

(Alemão)
Vroistkin, raizin brahma antártica, Heineken skin..cariol, oczin brahma skol.
Voczin laingh volksvagem, hokn larss ambohzman, hitler
etars cehro haif.

(Árabe)
Hama a ma ha de ba una mua ua, Ha de ba una muni i i i.
Ha de ba una cali i i i, Ha de ba una rama a a a.
Osama Binladen habanma, Al Qaeda, Al Jazeera, Hamaaz.

Dizem que o seu coração, voa mais que avião.
Dizem que o seu amor, só tem gosto de féu
Vai trair o marido, em plena lua de mel.

8.1 - Rogério Skylab - Acorda Siva Maria

Acorda Siva Maria,
 Ô Siva Maria,
 Acorda Siva Maria,
 Ô Siva Maria,
 São 7 horas Siva Maria

MENTIRA!!!!!!
 MENTIRA!!!!!!
 MENTIRA!!!!!!

8.2 - Rogério Skylab - Dedo no cu e gritaria

Dedo no cu é o seu nome, mora no canavial
 Gritaria é um assombro, tem a voz dos carnavais
 Quando eles se encontram, fazem o povo suspirar
 É uma dupla sertaneja, que acabou de chegar

Dedo no cu e gritaria
 Dedo no cu e gritaria
 Dedo no cu e gritaria
 Dedo no cu e gritaria

Quando eles se encontram, fazem o povo suspirar
 É uma dupla sertaneja, que acabou de chegar

Dedo no cu e gritaria
 Dedo no cu e gritaria
 Dedo no cu e gritaria
 Dedo no cu e gritaria

Dedo no cu é o seu nome, canta no canavial
 Gritaria é um assombro, tem a voz dos carnavais
 Quando eles se encontram, fazem o povo suspirar
 É uma dupla sertaneja, que acabou de chegar

Dedo no cu e gritaria
 Dedo no cu e gritaria
 Dedo no cu e gritaria
 Dedo no cu e gritaria

Quando eles se encontram, fazem o povo suspirar
 É uma dupla sertaneja, que acabou de chegar

Dedo no cu e gritaria
 Dedo no cu e gritaria
 Dedo no cu e gritaria
 Dedo no cu e gritaria

9 - Tom Zé – Tô

Tô bem de baixo, pra poder subir
 Tô bem de cima pra poder cair
 Tô dividindo pra poder sobrar
 Desperdiçando pra poder faltar
 Devagarinho pra poder caber
 Bem de leve pra não perdoar
 Tô estudando pra saber ignorar
 Eu tô aqui comendo para vomitar

Eu tô te explicando pra te confundir,
 Eu tô te confundindo pra te esclarecer,
 Tô iluminado pra poder cegar,
 Tô ficando cego pra poder guiar.

Suavemente pra poder rasgar
 Com o olho fechado pra te ver melhor
 Com alegria pra poder chorar
 Desesperado pra ter paciência
 Carinhoso pra poder ferir
 Lentamente pra não atrasar
 Atrás da vida pra poder morrer
 Eu to me despedindo pra poder voltar

Eu tô te explicando pra te confundir,
 Eu tô te confundindo pra te esclarecer,
 Tô iluminado pra poder cegar,
 Tô ficando cego pra poder guiar.

10 - Zéu Britto – Soraya queimada

Eu queria ter um lança chamas,
 Eu queria ter uma fogueira.
 Eu queria ter somente um fósforo,
 Eu queria ter uma vela acesa.

Pra queimar Soraya, pra ver torrar seu couro,
 Pra deixar somente o osso exposto ao Sol.
 E depois da meia noite Soraya vai voltar...
 Ela vem toda queimada se vingar, Se vingar...

Eu quero ver Soraya queimada,
 Soraya queimada,
 Porque Soraya me queimou...

Eu quero ver, quero ver,
 Soraya queimada,
 Soraya queimada,
 Porque Soraya me queimou...

Eu queria ácido sulfúrico,
E um litro de álcool Tubarão.
Eu queria uma tocha iluminada,
Pra deixar Soraya igual carvão.

E depois da meia noite Soraya vai voltar...
Ela vem toda queimada se vingar,
Pode vir,
Se vingar...

Eu quero ver Soraya queimada,
Soraya queimada,
Porque Soraya me queimou...
Eu quero ver, quero ver,
Soraya queimada,
Soraya queimada,
Porque Soraya me queimou...
E doeu...